

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

OLAVO BILAC	Affonso Arinos	3
da Academia Brasileira		
MARIO PINTO SERVA	A politica e o sentimento da humanidade	7
JACOMINO DEFINE	Vae-vens do Sonho e da Vida	13
OLEGARIO MARIANNO	Poesia	19
MEDEIROS E ALBUQUERQUE	Livros	24
da Academia Brasileira		
MONTEIRO LOBATO	Almeida Junior (com il- lustrações)	35
GODOFREDO RANGEL	O estylo de Fialho	53
OCTAVIO AUGUSTO	Esthética da Decadencia	60
FRED. G. SCHMIDT	Nacionalismo	65
JOÃO KOPKE	O Corvo	70
COLLABORADORES	Resenha do mez	87

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 13 - ANNO II

VOL. IV

JANEIRO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Impressões de Napoles (*Ricardo Gonçalves*) — Defesa Nacional (*Mario de Alencar*) — Os médicos e o futuro do Brasil (*Miguel Couto*) — As bibliotecas no Brasil — O problema do funcionalismo — A missão da mocidade (*Albino Camago*) — Constança e Ignez (*Carlos Malheiro Dias*) — As cooperativas de consumo nos Estados Unidos — Os amigos dos artistas — O elemento sobrenatural na história — A utilização dos idiotas — Desapparições misteriosas — As “gaffes” — Publicações recebidas — As caricaturas do mez. Ilustrações: *Caipira picando fumo*, *Amolação interrompida*, *Saudades*, *Importuno* e *Partida da Monção*—quadros de Almeida Junior.

As assignaturas começam em qualquer tempo
e terminam em Junho ou Dezembro.

A “REVISTA DO BRASIL” só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETO
DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SEIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO
CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcçao de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYNGTO & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . . £ 2.000.000
" realizado . . . £ 1.000.000
Fundo de reserva . . . £ 1.000.000

Succursaes em: BAHIA,
RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicais, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abrir-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sábados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os Juízes, promotores e delegados de polícia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SÃO PAULO

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511

ESTABELECIMENTO DE 1.^a ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,

Filial: CAMPINAS- GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO



WILSON, SONS & Co. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Telegr. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANIZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; OLEO DE LINHAÇA E TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS; BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, ETC.

AGENTES

da Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIANCE" de LONDRES (Alliance Assurance Co. Ltd.)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

CIMENTO - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B. White & Bros. - Londres.

CREOLINA E PACOLOL - de WM. PEARSON Ltd. de Londres e Hull.

WHISKEY - "LIQUEUR" de Andrew Uhher & Co., de Edimburgo - Escossia.

TINTA PREPARADA - "LAGOLINE" e outras marcas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

CERVEJA "GUINNESS" - marca "CABEÇA DE CACHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

ASPHALTO - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val de Travers - Suissa.

MATA-BORRÃO "FORD" - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

"BRICKTOR" e MALHAS para CIMENTO ARMADO de Johnson Clapham & Morris - Manchester.

REVISTA FEMININA

Directora: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

S. PAULO—Rua 15 de Novembro, 33 (sobre-loja)—Telephone, 5661

A REVISTA FEMININA é uma publicação dirigida exclusivamente por senhoras e que se dedica com especial interesse a todos os assuntos femininos.

Recomenda-se especialmente pelo criterio com que é dirigida, contendo leitura escolhidissima e de moral impeccável, pelo que é a verdadeira revista do lar, que pôde ser lida por senhoras e senhoritas. Chrysanthéme, a chronista das segundas-feiras do "Paiz" do Rio de Janeiro, referindo-se á "Revista Feminina", escreveu:

"NÃO HA NENHUMA OUTRA QUE A IGUALE. — TODAS AS SENHORAS BRASILEIRAS DEVEM LEL-A E DAL-A A LER A'S SUAS FILHAS"

SECCÕES de modas, bordados, trabalhos de agulha, artes applicadas, metaloplastia, pyrogravura, estanho repoussé e outros.

SECCÕES de educação social, de educação privada.

SECCÕES de hygiene domestica, hygiene alimentar, hygiene do vestuario.

SECCÕES de ornamentações, estylo e decoração.

AMOSTRAS de trabalhos, figurinos e modelos.

RECEITAS originaes de fogão e forno.

SERVIÇO completo e perfeito de remessa para o Interior e artigos para trabalhos.

A assignatura custa apenas 7\$000

Um numero specimen remetteremos a todas as pessoas que nos enviem este coupon da "Revista do Brasil" e 600 réis em sellos do correio.

Dirijam suas cartas á Directora
VIRGILINA DE SOUZA SALLES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 (sobre-loja) — S. PAULO

Vicente Lattuchella
Affaiate

RUA BÔA VISTA 56

S. PAULO

CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALLAÇÃO DE LUZ E FORÇA



APPARELHOS PARA JANTAR

O MELHOR SORTIMENTO

CASA FRANCEZA

DE

L. GRUMBACH & C.^{IA}

RUA S. BENTO, 89-91 S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS DO

O ESTADO DE S. PAULO

EXECUTA-SE QUALQUER
TRABALHO TYPOGRAPHICO

RUA 25 DE MARÇO, 145
TELEPHONE 725 S. PAULO

**REVISTA
DO
BRASIL**

VOLUME IV

JANEIRO - ABRIL DE 1917

ANNO II

PROPRIADEDE DE UMA SOCIEDADE ANONYMA

S. PAULO - BRASIL

DIRECTORES: L. P. BARRETTO,
JULIO MESQUITA,
ALFREDO PUJOL.

REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO

SECRETARIO-GERENTE: J. M. PINHEIRO JUNIOR

AFFONSO ARINOS⁽¹⁾

Ha poucos mezes, em Bello Horizonte, falando a homens de letras de Minas, procurei evocar, em poucas linhas, numa reminiscencia, a figura de Affonso Arinos, homem e artista:

“Conheci-o, a principio, em Ouro Preto, na austera Villa Rica; alli vivi com elle, no silencio e na poeira dos archivos; e alli comecei a admirar o profundo brasileirismo organico, que forrava o seu espirito. Conheci-o depois, e melhor, na Europa, no tumulto de Pariz, e em longas viagens, romarias a cathedraes e a castellos, passeios por cidades e campos. Na Europa, Affonso Arinos era ainda mais brasileiro do que no Brasil. Alto, robusto, elegante, de uma estatura e um ar de gigante amavel, em que se alliavam a energia e a graça, conservando no olhar e na alma o nosso céu e o nosso sol, elle era como uma das arvores das nossas matas, exilada nas frias terras do velho continente. Nos *boulevards*, nos salões, nos theatros, e ainda nas geladas galerias de Rambouillet e de Versalhes, onde erravam os espectros de Francisco I e Luiz XIV,— Affonso Arinos mantinha, sob a polidez das suas maneiras de fidalgo, o andar firme, um pouco pesado, e o geito reservado, um pouco timido, e o falar comedido, um pouco hesitante, de um sertanejo forte, andeiro e cavalleiro, caçador e escoteiro, simples e ousado... Ainda hoje o vejo, e me vejo, claramente, num dia de Fevereiro de 1909, quando visitámos juntos a cathedral de Chartres. Era duro o inverno. Quando chegámos à

(1) Estas paginas servirão de prefacio ao terceiro volume da Sociedade de Cultura Artistica, em que são reunidas as conferencias alli realisadas pelo saudoso escriptor Affonso Arinos.

velhissima cidade episcopal, cahia neve. De pé, insensiveis ás lufadas cortantes dos flocos brancos, quedámos na praça, admirando a maravilhosa fabrica do templo, a sua caprichosa ossatura de contrafortes e botaréus, deante da fachada, a um tempo leve e severa, com a graciosa majestade da primeira phase da architectura ogival: as tres portas baixas sobreccargadas de estatuas, a grande rosaça fulgurando em cores multiplas, e as duas torres, uma lisa, a outra rendada, esguias e longas, preces de pedra num surto para o céu... Dentro, na mysteriosa crypta, na resoante nave, nas capellas cheias de sombra, passámos duas horas, esmagados pela grandeza da cathedral ancian de sete seculos, em que vivem, numa vida muda, mais de dez mil pinturas e esculturas, entes de sonho e terror, santos, apostolos, bispos, anjos, demonios, animaes e monstros fabulosos, gryphos, dragões e chimeras. Ao cabo da longa conversação, em que nos haviam preoccupado tantos aspectos da historia e da arte do Christianismo, houve um momento, em que, por não sei que vaga associação de idéas, Affonso entrou a dizer-me episodios de uma das suas recentes caçadas no Districto Diamantino, nas cercanias do Serro. Estavamos no centro do cruzeiro, entre o coro e as naves collateraes. Do ponto, em que estavamos, o nosso olhar abrangia um trecho fantastico da sombria floresta de pedra: as columnas, em duas filas, rodeavam-nos, como esbeltas estipes de palmeiras, misturando em cima, na abobada, as suas palmas em leques, entre lianas, entre folhas e flores, lódão e vinha, hera e nenúfar. E milagre da palavra... A voz de Affonso animava-se, exaltava-se, e sacudia a cathedral. Dizia os atalhos, as escarpas, os vallados, a mata, e os relinchos dos cavallos, e os estampidos dos tiros, e a alegria dos caçadores, e as cantigas dos camaradas, — e o sol mineiro... E a floresta gothica transformava-se em floresta natural: a pedra negra verdecia, a abobada frondejava e sussurrava, a treva alagava-se de luz offuscante, e um verão brasileiro incendiava o inverno europeu. Já não estavamos em Chartres: estavamos no Brasil..."

Fica bem esta evocação no limiar do volume, em que se enfeixam as conferencias de Affonso Arinos sobre historias e lendas do Brasil.

Estas conferencias, e a lição, que elle professou, em Bello Horizonte, em 1915, sobre "A Unidade da Patria", são digno

remate de uma obra literaria, que foi perfeita pela consciencia e pela belleza com que foi concebida e executada.

Quando, enfeitiçado pela palavra ardente do meu compa-nheiro, vi o tecto da cathedral de Chartres mudar-se em cúpula de brenha tropical, era porque elle, nas suas peregrinações pelo velho mundo, levava consigo, num ambiente proprio, como a sua verdadeira atmosphera moral, a paisagem da terra que amava. E ninguem mais do que elle sentiu e definiu o influxo da visão natal: "a alma da paisagem, para onde quer que andemos longe, nos segue de perto e acompanha, — e chama-se a saudade; ella nos sôa aos ouvidos em mysteriosas melodias, onde fluctuam, com o refrão de velhas canções, ladridos de vento no coqueiral, gorgeios de passaros familiares; ella se debruça, á calada da noite, sobre os nossos leitos, para murmurar-nos as suas confidencias em forma de recordações do passado, e acender no nosso animo as esperanças do porvir..."

E com estas lembranças e esperanças o espirito da Patria dava ao espirito do pensador sobresaltos e, ás vezes, desesperações. N"^o"A Unidade da Patria", que foi de facto o primeiro grito de alarma e o primeiro gesto fecundo da campanha de regeneração em que estamos empenhados, Affonso Arinos resumiu, com precisão cruel, os males que nos adoecem e envergonham: a dispersão dos bons esforços; o desamparo do povo do interior, docil e resignado, roido de epidemias e de impostos; a falta do ensino; a desorganização administrativa; a incompetencia economica; a insufficiencia, e muitas vezes os criminosos desvios da justiça; a ignorancia petulante e egoista dos que governam este immenso territorio, em que ainda não existe nação...

Mas o amor e a força do artista achavam remedio para o desanimo e salvação para a descrença: a sua alma ancorava-se na alma popular, e banhava-se na verdadeira fonte da energia dos povos, — as tradições, as lendas, a boa poesia, em que se espelham as virtudes da gente simples, seiva, sangue, fluido nervoso, que conservam a sua pureza e o seu vigor, enquanto a doença assola o organismo social, e bastam para sarar, no momento dado, todas as devastações.

Este livro é o effeito desta crença. Affonso Arinos nunca descreu da grandeza moral do Brasil. Conhecendo o seu povo, elle sabia que elle é o verdadeiro operario da sua nação. O valor e a bondade do povo hão-de annular a fraqueza e a maldade

dos que o exploram; e um dia os fracos e os máus desaparecerão, e os fortes e os bons, saídos da massa anonyma, já livre e instruída, serão os definitivos governadores.

Edouard Schuré, no prefacio da sua "Histoire du Lied", escreveu estas linhas admiraveis: "O povo, muito tempo desprezado, sonha e canta, e tem a sua poesia e o seu ideal; opera-se nela um grande e surdo trabalho. Muitas vezes, este trabalho instinctivo passa-se para a literatura, e os verdadeiros autores da obra ficam desconhecidos. Os homens da imprensa e das classes cultas não percebem isto; mas a imaginação popular continua a agitar-se, subterranea, multipla, criadora, incessante, como a vegetação do coral, que lentamente se levanta do fundo do mar em ramificações infinitas, acabando por abrolhar em ilhas encantadoras que deslumbram os navegadores."

Palavras, que sempre devem ser meditadas por nós, homens de pensamento e de palavra. Os poetas, quando jovens, pensam, no inocente orgulho da sua mocidade, e no natural engano do seu talento, que são elles que dão ao povo idéas e sentimentos; e ignoram que são apenas instrumentos de uma força estranha, que os inspira e exalta, emanações insensíveis da sua terra, effluvios invisíveis da sua gente. O tempo e a reflexão, que dão modestia, esfriam esse entusiasmo. Depois de certa idade, sabemos que os melhores poemas são os que nascem sem artificio, independentes do uso das metricas e dos lexicos, — os que sahem do seio da natureza, frescos e limpidos, como a agua salta das rochas. São os poemas melhores, e os mais duradouros. Os nossos livros, concebidos e dados á luz na anciedade e na tortura, viverão menos do que esses contos singelos, essas lendas infantis, essas trovas ingenuas, que o povo ideou e criou, sem esforço, em sorrisos, entre o amanho da terra e a contemplação do céu.

Affonso Arinos conheceu bem, de perto, esse claro e eterno manancial da nossa poesia. Viajador da nossa terra, familiar do sertão e dos sertanejos, elle teve o dom de tratar os homens de alma simples, sabendo falar-lhes e sabendo ouvir-lhos, e enternecedo-se com o seu sonho rustico.

Este enterneçimento perfumou a sua vida, e adoçou a sua morte.

Janeiro, 1917.

OLAVO BILAC.

A POLITICA E O SENTIMENTO DA HUMANIDADE

De Gladstone, o grande homem de Estado da Inglaterra, dizia um seu biographo que a suprema aspiração de toda a sua vida e de todos os seus esforços, em uma carreira de meio seculo de actividade, havia sido o melhorar a sorte da grande massa de homens, mulheres e crianças de seus compatriotas, minorando-lhes a fome, a miseria, e provendo-lhes ao conforto, á cultura, á prosperidade.

A preoccupação maxima da politica de Gladstone era o diminuir os onus que pesavam sobre a vida do povo, de maneira a alliviar as classes trabalhadoras, tornando-lhes mais facil a vida, mais productiva a actividade.

E por isso a Inglaterra nunca foi mais forte, mais rica, mais acatada entre as nações, que quando Gladstone attingiu ao zenith de sua autoridade.

Dil-o tambem Woodrow Wilson:

O bem estar, a felicidade, a energia e o conforto de todos os homens e de todas as mulheres que trabalham dia a dia, em nossas minas e em nossas usinas, em nossas estradas de ferro, em nossas casas de commercio e em nossos portos, em nossas lavouras ou em nossas embarcações, — eis em que é que consiste o fundamento de toda prosperidade. Não pode haver nada de legitimo si elles não têm uma vida confortavel; não pode haver prosperidade si elles não são felizes. O seu bem estar physico é a base do bem estar nacional.

Peel, abandonando o poder britannico, dizia com a consciencia tranquilla, ao deixar a politica:

Deixarei, sei-o, um nome execrado por todos os monopolisadores que, sob pretexto de interesse publico, não visam senão seu lucro particular; mas o meu nome será quem sabe lembrado com gratidão nas habitações dos homens cuja vida consiste em ganhar o pão de cada dia com o suor de seu rosto. Nesses lares porventura se recordarão de mim com benevolencia, quando esses humildes obreiros repararem suas forças com uma alimentação abundante e livre de impostos, tanto mais reconfortante quanto ella não terá como fermento o sentimento da injustiça.

Assim em todos os paizes o melhor titulo de benemerencia a que aspiram os estadistas é o serem considerados amigos do povo. Em outros paizes os estadistas procuram auscultar a alma popular, procuram attenuar os soffrimentos que a conturbam, procuram penetrar nos arcanos do espirito nacional, trazendo-lhe o conforto que amortece as dores a cruciarem-no.

Eis ahi uma concepção politica que ainda não penetrou na mentalidade brasileira. A phraseologia banal e superficial que a caracterisa nunca fez brotar dos labios uma referencia a isso que devêra ser o fim final da politica — o trabalhar para fazer a felicidade deste misero povo que, desde as florestas sombrias do Amazonas longinquo, vive a vida mais ingrata e adversa a que jámais raça alguma foi condemnada pelos erros da visão politica.

Euclides da Cunha descreve a epopéa dantesca daquelles miseros seringueiros, sumidos na Amazonia remota, arrastando a existencia inteira monotona, obscura, dolorosissima e anonyma, a gyrar acabrunhadoramente na via cruciante, inalteravel, sem principio e sem fim.

“Então, diz Euclides, pelas almas simples entra-lhes, obscurecendo as miragens mais deslumbrantes da fé, a sombra espessa de um conceito singularmente pessimista da vida: certo, o redentor universal não os redimiu; esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham á borda do rio solitario, que no proprio volver das suas aguas é o primeiro a fugir, eternamente áquelles tristes e desfrequentados rincões”.

“Domina-lhe (ao seringueiro) o criterio rudimentar de uma convicção demasiado objectiva ou ingenua, mas irreductivel a entrar-lhe a todo o instante pelos olhos a dentro, assombrando-o: elle é um excommungado pela propria distancia que o afasta dos homens; e os grandes olhos de Deus não podem descer até aquelles brejaes, manchando-os”.

E esse seringueiro miserrimo, abandonado, inculto, é a população toda da Amazonia inteira.

No Centro do Brasil não é menos aspera e selvagem a vida do brasileiro, antes a terra vive em permanente insurreição contra o homem, constituindo-lhe o mais inhospito dos habitats, obrigando-o não raro a um exodo penosissimo para a costa ou para as serras distantes, até que o flagello lhe permitta o regresso ao sertão adusto onde vai recomeçar do principio a vida penosa.

A secca despovoa os campos, deslocando a sua população inteira, em vastas caravanias, que se dirigem famintas para o litoral, onde se agglomeram nas cidades e aldeias á espera de minguados e tardios socorros, dispensados com avareza.

Sobre a physionomia urbana do Norte do Brasil diz Chispim Mira: "Dir-se-ia, encarando o Norte de um modo geral, que todas as suas cidades tiveram outr'ora algum desenvolvimento, e depois se deixaram ficar paradas na soturnidade das suas velharias, incapazes de acção, vivendo no limo dos casarões vetustos, mortas para a gloria da luz e do bello".

Mesmo ao sul ainda, primitivo e desherdado, o nosso caboclo vegeta na indigencia voluntaria que contrasta com a exuberancia do scenario que o cerca. Dêm-lhe o feijão, a viola e a cachaça e elle nada mais deseja, nada mais aspira na existencia. Mergulhado numa apathia fatalista e inerte, cachimbando indolentemente, o nosso caboclo, desprotegido, isolado, ignorado, exilado na propria terra, é elle a grande massa da população nacional, é a base da formação do paiz, é a patria que os homens do litoral ignoram e abandonam no descaso secular das nacionalidades que evolvem á tōa e não attingiram ainda á formação da consciencia collectiva que as integre.

Eis ahi o que é o povo brasileiro no Norte, no Nordeste, no Noroeste, no Centro e em boa parte do Sul: uma grande caravana de sacrificados a perambular a sua miseria physica, mental, moral, economica e politica por sobre esta immensa região americana em que a terra só espera o trabalho intelligente para se desentranhar em fructos opimos.

O seringueiro do extremo Norte, o sertanejo do hinterland central, o caboclo do Sul — são esses tres typos, fructos de caldeamentos multiseculares, amalgamas confusos de brancos, pretos e amarellos, são elles porventura a grande massa da popula-

ção brasileira, constituem o fundo da estructura nacional, os tres expoentes maximos da raça brasileira, abandonada, desamparada de qualquer esforço educador, de qualquer accão civilisadora, de qualquer carinho social.

A Patria para o seu espirito rude e primitivo é uma abstracção incomprehensivel quando não a grande irrisão que se lhes apresenta na função brutal e unica de cobrar-lhes impostos, em troca de nenhum serviço, e de appellar para o seu sacrificio pessoal nos transes de conflictos internacionaes.

Quando é que a politica nacional cogitou de levar o conforto, o bem estar, a cultura, a civilisação e a educação a esses miserros entes humanos que a má sorte fez nascer na Patria mais ingrata que lhes podia ser aquinhoadas?

Quande é que se lhes procurou sequer ensinar o alphabeto? Si o descobrimento anonymo do fogo é mais fundamental que o dos raios X; si a domesticação do primeiro animal é mais fundamental que o aperfeiçoamento das raças modernas; a tudo isso sobreleva em importancia civilisadora o invento do alphabeto pelo povo phenicio. Nem o alphabeto, base fundamental da civilisação, nem isso nós ensinamos ao nosso caboclo.

Entretanto, si o brasileiro no vasto hinterland central é um pariá na sua terra natal, o brasileiro do Rio, de S. Paulo e dos Estados mais adeantados só tem hoje uma função na vida — é pagar impostos.

Em todos os passos da nossa vida, em todos os actos de sua existencia, o brasileiro defronta com o mais voraz dos fiscos, tem a pagar-lhe os mais formidaveis impostos. Ao levantar-se da cama elle calça botinas que pagam 149,0 0|0 de impostos. Si veste uma róupa de casemira paga 70 0|0 de impostos. Si quizer tomar uma cerveja paga 837,5 0|0 de impostos. Si tiver de fazer uma viagem em estrada de ferro paga 30 0|0 de impostos. Si não quizer ser ocioso e se entregar a um trabalho productivo, como plantar café, em lugar de um premio de encorajamento, extorquem-lhe 20 a 30 por cento de impostos. E assim em tudo na vida. dormindo, almoçando, jantando, vestindo, trabalhando, viajando, indo ao theatro, em toda parte o Fisco o persegue feroz e inexoravel, até que, deprimido em tudo, cançado de viver para pagar impostos ou privado de medicamentos pela careza dos impostos, o baixam á sepultura com umas cordas sobrecarregadas com 100 ou 200 0|0 de impostos.

Eis a grande Patria que é o Brasil, cujos estadistas todos se consideram benemeritos e acham pessimista quem quer queouse constatar as realidades nuas.

Ainda ha pouco um grande intellectual brasileiro, constatando a vida social do Norte do Brasil, declarava que a sua situação moral e material ainda não permite o uso da autonomia estadual, só cabível talvez em alguns Estados do Sul. Tal é, reconhecia esse intellectual, a situação em que se acha a população do Norte do Brasil.

Nos Estados do Sul em que a situação é menos primitiva, todayia economicamente os precalços são difficeis de vencer em face do estado social em que nos achamos.

A lavoura, o commercio e as industrias encontram-se completamente tolhidos em seus movimentos, asphyxiados pelo Fisco em suas diferentes modalidades, entregando-lhe quasi todo o fructo do seu trabalho.

Por outro lado é facto reconhecido que o commercio em geral tem augmentado o valor das mercadorias em 20, 50 e 100 por cento. O commercio de drogas, por exemplo, esse creou preços novos para as suas mercadorias, tal a elevação do custo. De momento podem ser citados as seguintes drogas: benzonaphtol, que custava o kilo 16\$000, hoje custa 1:000\$000 e 1:100\$000. Lyctetol, que custava \$250 a gramma, hoje custa 1\$500. Salycilato de sodio que custava o kilo 12\$000, hoje custa 80\$000. Anthyp'rina, que custava o kilo 30\$000, hoje custa 450\$000. Todas essas drogas são empregadas diariamente.

Ha mercadorias que subiram cerca de 500, 1.000, 2.000, 3.000 e 5.000 0|0 do seu valor, sem tendencias a melhorar a situação do mercado. De 1.o de Janeiro corrente as mercadorias têm augmentado em 40 0|0 do seu valor pela cobrança do aumento da taxa ouro nas Alfandegas.

Mesmo antes do augmento da taxa ouro, já as mercadorias tinham subido de forma colossal. A tonelada de carvão Cardiff subiu de 48\$000 a 110\$000; o cimento em barrica de 180 kilos subiu de 14\$000 a 28\$000; o sacco de farinha de trigo de 12\$000 a 22\$000; a caixa de gazolina de 10\$500 a 18\$200; a arroba de algodão em rama de 16\$000 a 42\$000; o kilo de assucar branco de 350 a 650 réis; o rolo de 40 kilos de arame farpado de 10\$000 a 24\$000; as telhas de zinco de 1\$250 a 3\$000; o kilo de ferro em barras e em chapas de 280 a 650 réis, e assim por deante.

A juntem-se a isso as difficuldades que crescem na navegação e ver-se-á como é diffieil hoje a vida nacional.

Nessa terrível collisão surge o aumento da quota ouro, de 40 a 55 0|0, redundando num accrescimo geral de cerca de 40 0|0 no valor das mercadorias.

Por outro lado a taxação na exportação aumenta da mesma forma.

Em S. Paulo, nós tínhamos no anno passado, em 1916, a seguinte tributação por sacca de café:

5 francos a 800 réis o franco	4\$000
Imposto de exportação	3\$510
Total	7\$510

De accérdo com a lei promulgada em Outubro de 1916, porém, ficou estabelecida a pauta de 700 réis por kilo de café, o que fará elevar-se a 945 réis o imposto de exportação sobre cada arroba do producto: e como a taxa de 5 francos corresponde, ao cambio actual, a 900 réis para aquelle peso, temos que os impostos de exportação oneram agora o café com o pesadíssimo gravame de 1\$845 réis por arroba ou sejam mais de 20 0|0 do valor do producto.

A tributação sobre a sacca de café no anno corrente vai ser a seguinte:

5 francos a 900 réis o franco	4\$500
Imposto de exportação	3\$780
Total	8\$280

Eis ahi em que condições se encontra o trabalho nacional em qualquer de suas manifestações, eis ahi a situação geral do paiz no momento presente.

MARIO PINTO SERVA.

VAE-VENS DO SONHO E DA VIDA

Carlos Villalba voltara da Europa. Pouco a pouco reentra-va nos habitos, nas relações, nas occupações que o misturavam á vida da cidade. Dentre as visitas que tinha de fazer, avultava uma, que elle desejava e receava ao mesmo tempo. Era a visita a Dona Amelia. Houvera entre elles um doce romance. Romance vago, quasi sem entrecho, feito apenas de algumas situações púras e ardentes em que a phantasia e o devaneio representavam a melhor parte, mas que todavia o trouxera captivo e enlevado por quasi um anno e ainda agora lhe ajoujava a alma de uma doçura contida e trepidante.

Logo ao chegar, tivera novas d'ella. As noticias não tinham sido boas. A senhorinha Maia? Cada vez mais bella e mundana. Frequentava-lhe agora a casa com assiduidade, o Dr. Beirão, um advogado moço e galante, rico de ambições e de esperanças.

Carlos não dera mostras de emoção ou de amargor. Mas o espinho penetrara fundo. Um lento trabalho de repulsão e denigrimento começou a operar-se nelle.

O remedio, porém, era amargo e agia mal. Dar azos á sua instinctiva prevenção contra a astucia, a inconstancia, e a fragilidade do eterno feminino, corroborar com factos e razões novas as theorias e os queixumes dos bardos e dos philosophos misogynos, de nada lhe valia.

— Fraco lenitivo!

A's vezes mesmo era contraproducente e lhe reacutizava o mal. Nunca Dona Amelia lhe parecera tão bella, preciosa e desejavel, como agora que a presentia duplice e fugente.

Sem querer, Carlos sentia os seus pensamentos voarem para ella. Pedaços do seu passado commum, reminiscencias que elle julgava delidas, vinham-lhe á tona frescas e suaves, douradas de sonho e saudade.

Uma das ultimas vezes que a vira fora num baile. A sua carne moça tinha o alvor e o polido das estatuas, um perfume doce vagava-lhe em torno e uma abelha fulgida, de brilhantes, abria na massa negra dos seus cabellos um fulgor de estrella.

Como estava bella!

Quasi não dansara. Tinham fallado pouco. Todavia o seu olhar, o seu sorriso, as suas palavras, tudo nela lhe dizia que os seus pensamentos, a sua belleza, a sua ternura eram para elle, só para elle.

Podia ella ter esquecido tão cedo esse tacito e manifesto acordo, esses silenciosos trepidos tão eloquentes e profundos, esses mil laços subtils e doces que os prendiam?

Não podia ser. Todavia queria vel-a, precisava vel-a. Só a sua presença lhe diria a verdade, lhe traçaria a sentença que redime ou que condena.

Foi. Estava uma tarde scismarenta. Aerea e suave, uma melancolia vaga dourava a terra. A tristeza das coisas tinha não sei que de trepido e sussurrante como a sua alma. As ruas, os terrenos vagos, os recantos de paizagem, pareciam ceder alguma coisa da sua realidade, fundir-se docemente na fluida harmonia vesperal.

Pelo caminho Carlos cogitava. Mil hypotheses desencontradas lhe combatiam a alma. Sem saber como orientar-se, lançava ao acaso, a mil circumstancias adventicias o papel de arbitro da situação.

Se lhe apertasse a mão com calor e jubilo, se tocasse aquella sonata que elle amava, se o convidassem para jantar num dos proximos domingos, queria dizer que não havia nada mudado. Senão... A sua futilidade fel-o sorrir. Para que todos esses expedientes pueris quando ia vel-a, quando se ia certificar com os seus proprios olhos e com os seus ouvidos, se ella ainda o amava ou não?

Chegou. Acolheram-no bem. Uma discreta e banal alegria illuminava o rosto do pae e da mãe de Dona Amelia, o menino João, ultimo rebento da estirpe dos Maias, como de costume, apoderou-se da sua bengala para brincar.

Mas Dona Amelia não soubera mascarar bem a sua frieza. Estava a mesma e todavia tão outra que um frio doloroso apertou o coração de Villalba.

A sala morna, cheia de recordações, acolhia-o com o seu bando de coisas carinhosas que lhe fallavam doce e tristemente á alma.

Lá estava o piano severo e magestoso com a sua vida misteriosa e prompta a despertar. Duas jarras translúcidas erguiam na longura fragil do collo o esplendor das rosas e dos cravos frescos. Das paredes os retratos e os quadros sorriam-lhe familiares, a mesma doce paz de outrora habitava o ambiente, as cortinas e os reposteiros tombavam com as mesmas pregas lentas, adumbrando o mesmo luxo ordenado e discreto.

Nada mudara. E comtudo, sentia-se quasi estranho e intruso no meio d'esse mundo familiar e querido.

A conversa estabeleceu-se fragmentaria, aos solavancos, varia. Fallou-se de viagens de actualidades, de mundanismos.

Carlos dominava-se bem; com garbo e desinvoltura esfrolava os assumptos, dava á conversa esse tom leve e vazio que ocorre ás pessoas que não têm nada de importante a dizer-se.

Mas uma especie de engulho o atormentava. De quando em vez fitava os olhos negros e grandes de Dona Amelia. E de cada vez percebia uma reserva ambigua, não sei que brusco e fúngente que lhe estarrecia a alma.

Pouco a pouco um obscuro rancor, uma onda de fel e ironia começou a erguer-se nelle, desvendando-lhe os olhos e a alma, projectando uma luz rude sobre a figura de Dona Amelia. Escruttonou-a sem piedade, com espicaçada acrimonia. Fria e fatua, viu-a. Nada nella revelava a bondade, a inteireza de animo, o ser firme e constante que sabe amar e soffrer. A sua vida e a sua alma eram um tecido de vaides, egoismos, frivolidades. As linhas do seu rosto tinham perdido para elle a graça, e frescura, o poder de attracção que os animava.

Carlos começava a sentir-se senhor de si: podia vel-a sem sujeição nem enthusiasmo.

Por acaso fallou-se no Dr. Beirão; Dona Amelia fingiu-se distraida e indiferente. Mas a sua propria indifferença pareceu a Villalba affectada, reveladora.

A esse pensamento, de subito, Carlos sentiu reavivar-se-lhe a dor, a inveja, a colera. Viu o outro, querido, afagado, adivinhou o

novo circulo que se formara, excluindo-o para sempre.

Entre Dona Amélia e os seus, sentiu-se isolado, perdido, vítima de uma conspiração tacita e inapelável. Uma impressão de expulso, de vencido, esmagava-o. As forças pessimistas clamaram n'elle. Julgou-se inerte, rígido, indeciso, incapaz de maleabilidade e de conquista.

Na nevoa da indecisão, na vaguez do sentimento, na delicadeza timida que sonda e que espera a vontade alheia, se deixara levar docemente para o afastamento e para a derrota.

A ausencia cumplice, a versatilidade d'Ella, a pequenez e a fragilidade da sua alma mal lhe appareciam.

Elle é que fora o culpado. Não soubera querer, agir, vencer-a, defender o seu bem, a sua parte de docura e felicidade sobre a terra.

Essa aspera vontade que circue e doma, que fizera d'ella? Como um palerma, deixara evoluir as conjecturas e as possibilidades melhores da sua vida, ao sabor do tempo e do acaso...

Mas agora era tarde demais para esses arrependimentos e recriminações extemporaneos.

Tarde? Quem sabe? Uma esperança luziu-lhe n'alma deslumbrante e rápida como um corisco. Movediça, mágica, misteriosa, pareceu-lhe a trama de todas as coisas. A cada instante a vida forjava-se a si mesma, rebrotava nova, diversa inexaurível. Tudo lhe pareceu indeciso, ondeante, mutável, cheio de latências favoráveis, capaz de redundar em docura a felicidade nova.

Uma ancia de mudar os eventos, reconquistar o perdido, re-fazer atmosphera antiga dominava-o e incitava-o.

Agora via claro em si mesmo: não podia renunciar assim a ella. Ao só pensar nisso, um vazio, uma tristeza imensa, apoderavam-se d'elle.

Tudo, tudo, mas não perdei-a! clamava-lhe a alma combatida. A angustia dos enxotados e dos reprobos pairou sobre elle. A sua rigidez amollentava-se. Sentia-se prestes a todas as transigencias, todas as fraquezas, todas as humildades supplices, com tanto que a não perdesse, a Ella.

Olhou-a. O sorriso discreto, o seio que arfava, a mão que pendia branca e macia, encheram-no de uma suave delicia, de um embasbacado desejo.

Uma instante vontade de curvar-se aos seus pés, contar-lhe o amago da sua alma, dizer-lhe ternuras nunca ditas, agoniava-o.

Sem saber o que dizer-lhe, pediu-lhe que tocasse alguma coisa.

— Ha tanto tempo que não a ouço tocar, Dona Amélia! Faça-nos, por favor, ouvir aquella sonata de Mozart, que a senhora toca com as mãos divinas. Quer?

Ella accedeu gentilmente.

Os sons magicos disseram o palpitar das almas, a graça das aguas crespas, os turbilhões das nuvens degrenhadas, a saudade das coisas queridas e distantes...

Carlos sentia a alma vazia, tumultuosa, angustiada de delicia. O mundo tinha não sei que de fluido, elevante, encantado. No centro, Ella pairava como uma visão, como a origem e a convergencia de todas as coisas, como o fim unico e absorvente de toda a sua vida.

No albor do lustre e dos candelabros ella emergia vestida de graça e claridade, destacando a cabeça altiva, a alvura do collo, as feições claras e delicadas que a luz ombreava e a sombra tornava ainda mais suaves.

Parecia-lhe que elle correra terras e mares, atravessara o mundo, sofrera, amara, vivera até agora só para chegar a essa confluencia do destino, para que essa creatura vaga, mysteriosa, pueril, que dedilhava as teclas, num recanto escuso do mundo, decidisse do seu coração e do seu porvir.

Carlos approximou-se do piano. Toda a sua alma esperava, tendia-se para um desses olhares ou uma d'essas palavras que abrem os corações, que redimem todas as penas, que refazem em nós a confiança, a certeza, a alegria de não vegetar em vão sobre a terra...

Sem achar outra phrase murmurou-lhe quasi ao ouvido:

— Como é lindo!

— Não, hoje não toco bem, não sei porque. Demais, esta musica já não me agrada muito.

As suas palavras, a sua expressão neutra e distante, gelaram-no.

Nenhuma graça, nenhuma revivescencia a tocara. Alheia e bronca ella executava machinalmente, sem que o rhythmo, a belleza, a paixão que se alavam em sons, desmanchassem siquer a crosta marmorea da sua indifferença.

As notas findavam. Com ellas Villalba teve a sensação nítida que o seu sonho acabava.

Comprehendeu a inanidade e a insensatez das suas esperanças e chymeras.

Sentiu o contraste e o antagonismo immenso e incolmavel entre elle e ella, e os seus; entre o seu eu e esse mundo fatuo, futil, burguez, ao qual elle quizera misturar-se á força sem ouvir a voz do bom senso e da razão.

Com dureza estoica estrangulou no seio todas as ternuras superstites, todos os pesares enlanguecedores, todas as fraquezas sentimentaes.

— Muito bem! Muito bem! — disse dirigindo-se a Dona Amelia que largara o piano.

Carlos sentia voltar-lhe uma relativa calma. Com desinvoltura e familiaridade gabou a arte da pianista, alludiou a coisas passadas, preparou a sua sahida.

Não o detiveram.

Sahiu maguado e soridente. O ar da rua reanimou-o. Uma noite clara e fresca pontilhada d'astros, ensalmava a terra. Carlos admirou o milagre mudo e eterno. A amplidão do mundo, a belleza das coisas, a poesia esparsa, semeavam-lhe a alma de docura, promettiam-lhe não sei que vasta e inexgottavel aventura.

Magua, rebellião, amargor concentravam-se-lhe no íntimo, numa só energia combativa, vitoriosa. A gloria de sentir-se só, livre, indomito, indemne de apoucamentos e humilhações, exaltou-o. Dentre os enganos e as illusões desfeitas uma ironia subtil e libertadora serpeou nelle, aguçando-lhe o espirito, cauterizando-lhe as feridas; e mentalmente, á guiza de madrigal, dedicou a Dona Amelia, os dois versos da "Maldição", ligeiramente modificados:

"*Bemdicta* sejas pelo ideal perdido,

Pelo *bem* que fizeste sem querer..."

Sorriu quasi consolado e refeito. Todavia percebeu, bem no fundo de si mesmo, que a cura seria longa e não sempre amena.

JACOMINO DEFINE.

POESIA

BACCHO

*Baccho, o pagão que traz a cabeça coroada
De folhagens de myrtho e de parras e acanTho,
Baccho é o sátyro da capripede manada.*

*Seus olhos turvos onde o sensualismo explodé,
Num deliquio augural de apathia e quebranto,
Lançam faúlhas mortaes como os olhos de um bode.*

*O vinho, a mocidade, a luxuria, o peccado,
Todas as sensações lhe fervilham na mente ...
E Baccho, expondo ao sol o alvo corpo torneado,*

*Fareja o ambiente morno, as narinas dilata
E quêda á escuta; é que fluctúa pelo ambiente
O aroma virgem das Oréadas da matta.*

*E Baccho, as mãos juntando em concha, olha o caminho
E invocando para o alto o seu dominio, grita:
Eu quero vinho, vinho, um diluvio de vinho!*

*O vinho rola, torrencial, espumejante...
E Baccho bebe... bebe... e que sede inaudita!
A sua boca está quasi sempre escaldante.*

*E, bebedo, no seu devaneio indistincto,
Baccho procura, em cambaleios, delirante,
As Oréadas para a aancia do seu instincto.*

*Mas finalmente chega a um planalto e divisa
Ao longe, na extensão de uma curva sinuosa,
O bando espiritual que se volatilisa...*

*Dansam, soltando no ar comas longas e esparsas
Na meia-tinta da distancia nebulosa ...
São trapos de neblina où um bando alvo de garças?*

*E elle avança; porém, quanto mais se approxima,
As Oréadas vão fugindo lentamente ...
E tudo é verde em baixo e é tudo azul em cima...*

*E Baccho, escancarando os grandes olhos pardos,
Estende o corpo de formoso adolescente
Entre um manto de relva e uma moita de cardos.*

*Exhausto! Arde-lhe a fronte ao calor do mormaço
E elle fica a arquejar de volupia e cansaço.*

*Pesadamente o somno o envolve e Baccho sente
Que as rupillas lhe vão baixando suavemente ...*

*Agora o Sonho, a arder com os vapores do vinho,
Dá-lhe a impressão de que elle vae, triste e sozinho,*

*Ebrio, os olhos chispando em volupias estranhas,
Pelo escuro da matta ou o sopé das montanhas.*

*E encontra, á sombra verde-azul de arvore enorme,
O alvo corpo immortal da Oréada que dorme.*

*E Baccho alonga o immenso olhar insatisfeito
Para esse corpo nú, desejado e perfeito.*

*E sente o aroma voluptuoso activo e quente
Que ao seu olfacto sobe estonteadoramente...*

*A coma negra que o seu corpo ensombra e enviúva
E aquella boca transformada em bago de uva.*

*E Baccho, sem conter a explosão dos sentidos,
Atira se a collear entre uivos e gemidos...*

.....

*Em espasmos sexuaes, Baccho abre os olhos e olha ...
E' um fim de tarde. O vento as arvores desfolha ...*

*Baccho tão só! tão só! A noite já se escombria
E a sombra em torno espalha o seu manto de sombra.*

*De novo elle ergue as mãos em concha e pede vinho
Mas não lh'o dão. E' fogo o estendal do caminho.*

*A Solidão lhe dá sensações de tristeza.
E Baccho que ama o vinho, o luar, a Natureza,*

*Apoiando a cabeça ás mãos toscas e brutas,
Chora e choram com elle as trevas absolutas.*

*Fica em seus olhos a obcessão perfeita e clara
De um corpo nu', num vago sonho que sonhara-*

OS ELFOS

(Leconte de Lisle)

A M. P. de Villaboim, mestre e amigo.

*De mangerona e de tomilho enguirlandados
Farandolando os Elfos dansam pelos prados.*

*Por um atalho verde aos gamos familiar,
Sobre um corcel de treva, um cavalleiro, ao luar
Avança... A espora lhe transluz na noite nua
E quando elle atravessa alvo raio de lua,
Sobre o cabello seu que ao vento se desata,
Brilha, dentro da noite, o seu elmo de prata.*

*De mangerona e de tomilho enguirlandados,
Farandolando, os Elfos dansam pelos prados.*

*Cercam-no todos como um enxame fugace
Que, ligeiro, pelo ar parado, volitasse...
—O' cavalleiro audaz, pela noite de opala
Onde vaes tu tão tarde? — a linda rainha falla —
Andam sombras fataes na floresta sombria;
Vem comnosco dansar sobre a relva macia! —*

*De mangerona e de tomilho enguirlandados,
Farandolando, os Elfos dansam pelos prados.*

*Não! minha noiva, além, de olhos humedecidos,
Me espera. E' que amanhã ficaremos unidos.
O' deixai-me passar, Elfos dos verdes prados
Que em ronda machucaes os canteiros doirados;
Não mais me retardais longe do meu amôr;
Já o dia entreabre, em fogo, a corolla de flôr.*

*De mangerona e de tomilho enguirlandados,
Farandolando, os Elfos dansam pelos prados.*

*O' cavalleiro, fica. Eu te dou, de bom grado,
A opala magica e o annel de oiro lavrado.
E, mais precioso que a fortuna e a gloria tua,
Meu manto feito com a filigrana da lua.
—Não! diz elle. — Vae, pois! — e o dedo branco erguido
Toca no coração do guerreiro aturdido.*

*De mangerona e de tomilho enguirlandados,
Farandolando, os Elfos dansam pelos prados.*

*Sob a pressão da espora o corcel arremette,
Rompe a distancia, vae, phantastico ginete.
Mas treme o cavalleiro e se debruça, ancioso,
Vendo no ermo da estrada um vulto silencioso
Que caminha sem ruido e estende os longos braços:
—Elfo, espirito máo, não me embargues os passos! —*

*De mangerona e de tomilho enguirlandados,
Farandolando, os Elfos dansam pelos prados.*

*Não me detenhas não, phantasma horrendo e grave,
Vou desposar meu lindo amor languido e suave...
—Amado noivo! a tumba eterna, erma e fatal,
Será para nós dois o alvo leito nupcial.
Estou morta! — Ao vel-a, o cavalleiro allucinado
De angustia extrema e amor, rola morto a seu lado.*

*De mangerona e de tomilho enguirlandados,
Farandolando, os Elfos dansam pelos prados.*

OLEGARIO MARIANNO.

LIVROS...

VICTOR GODINHO — *Don Quichote*
Traducção em verso do drama heroi-comico de Jean Richepin.

— Que é, com precisão o que procuram os leitores de uma revista, quando leem artigos do que se chama a critica literaria?

— Em geral, uma opinião que lhes indique si devem ou não devem lêr certos livros. A indicação do artigo pode ser seguida ou repelida. Ha, por exemplo, na França uma excelente revista bibliográfica, uma das mais antigas e mais celebres, o *Polybiblion* que é redijida por Jezuitas. Suas opiniões em materia filozofica e religioza são, portanto, as da rigorosa ortodoxia catolica. Desse modo, o leitor advertido, quando nela acha um elojo ás bôas doutrinas de qualquer obra, pode logo saber — si é catolico, que lhe convém ler o livro; — si não é, que com ele estará em desacordo. O *Polybiblion* serve por isso muito bem de indicador positivo ou negativo. Como ele tem um ponto de vista fixo, quem o lê já sabe o que significam as suas opiniões.

Com as revistas de certos cenáculos literários, ha tambem a mesma vantagem. Conhece-se o que valem os seus elojos e censuras. Ninguem, por exemplo, tinha hezitação alguma, quando, na famoza revista *Poesia*, de Marinetti, lia um rasgado encomio a qualquer volume de versos. Eram versos futuristas.

Essa fixidez de ponto de vista falta na maioria dos criticos literarios. As apreciações variam e contradizem-se. Variam com as influencias de amizade e de inimizade, variam mesmo com certas tendências pessoais. Só se pode ter ideia da significação da critica, conhecendo e critico.

Tomem, por exemplo, Sylvio Romero e Jozé Verissimo.

Sylvio Romero tinha uma ilustração filozófica e científica infinitamente superior á de Jozé Verissimo. Era, porém, um deplorável julgador de méritos individuais. Decidia-se pela amizade, pela affeção.

Conta-se que, algum tempo, ele considerou Cruz e Souza o que de fato esse poeta era: um metrificador sonoro e ôco, quazi absolutamente destituido de ideias. Sylvio dizia-o francamente. Mas, um dia, alguém lhe contou a vida de Cruz e Souza, pobre e excelente rapaz, tuberculoso, pai de família numerosa, lutando com dificuldades, simples, modesto, sofrendo com o preconceito de côr, que pezava sobre ele.

Ora, em tudo isto havia motivos para se estimar pessoalmente o poeta; mas não para declarar que os seus versos mereciam louvôres. Sylvio, apiedado, foi tão longe na transformação de suas ideias que acabou por datar de Cruz e Souza uma época na historia de nossa literatura!

Por outro lado, na exuberância de sua vida generosa, batalhadora, o critico serjipano só compreendia os sentimentos fortes. O que constituia o ideal para Verlaine: "*pas la couleur, rien que la nuance*", escapava absolutamente á compreensão de Sylvio Romero. D'ai' a sua incapacidade de apreciar o *humour* fino de Machado de Assis. Parecia-lhe insípido. Em matéria de alegria, dir-se-ia que ele só queria a gargalhada — no gênero das bôas, altas e sonoras gargalhadas, que ele gostava de soltar.

Critico excelente para as largas ideias, as amplas generalizações. Critico instável, parcialíssimo para as apreciações individuais.

Jozé Verissimo estava quazi no polo oposto. Carecia de um vasto cabedal científico e filozófico para o julgamento das grandes questões de doutrina. Guardava, porém, nos julgamentos individuais uma certa linha de que, em geral, não se afastava.

Faltava-lhe, porém, absolutamente a noção da harmonia poetica.

Tendo sido um dos raros homens de letras brasileiros, que não começaram pelo inevitável volume de poezias, tinha o que se pode chamar um "ouvido" detestável. Na conversa, citando versos, citava-os frequentemente errados, sem dar pela falta ou pelo excesso de silabas.

Suas apreciações sobre belezas poeticas espantam e dezentram.

Em todo o cazo, sem ser imparcial, era menos parcial que Sylvio Romero. Da sua parcialidade, ha, porém, um documento incontestavel e exatamente a propozito de Sylvio. Basta dizer que na sua "Historia da Literatura Brazileira" deu apenas a esse formidavel trabalhador oito linhas, enquanto com personalidades mediocres, que não tiveram influencia alguma na nossa literatura foi extenso e minucioso.

Aludindo ao exemplo de dois dos nossos maiores criticos, chamando a atenção para esses lados intimos das suas personalidades, o que se quer é mostrar a dificuldade de achar um guia literario.

Esses guias, incertos, flutuantes ao sabor das suas simpatias e antipatias. um, como Sylvio, sem ideia das meias-tintas, outro, como Verissimo, sem a menor noção de harmonia poetica, eram para os leitores como metros feitos de uma estranha substancia, que ora diminuisse ora aumentasse de comprimento, obedecendo ás mais diversas variações do meio. Como medir qualquer couza com justeza tomado por estalão esses metros, que nunca eram iguais a si mesmos?

Essa é a continjencia mais habitual dos leitores de criticas literarias.

Mas ha outro modo de entendelas: é o de fazer, a propozito dos livros analizados, artigos sobre os mesmos assuntos de que eles se ocupam.

E' o sistema mais agradavel á leitura. Não aplaude, nem condena. O livro serve apenas de pretexto. E o critico—a que em verdade não cabe esse nome — não critica. Pode mesmo fazer os melhores artigos exatamente a propozito das obras de menos mérito. Isto sucede tanto mais naturalmente quanto os maus autores, tendo esquecido o que havia de melhor a dizer sobre o assunto, o critico aproveita para expor tudo o que eles deixaram de lado.

São numerosos os artigos de Faguet e Lemaitre que entram nesta categoria de trabalhos.

Resta o que se chama a critica científica.

Essa, porém, não satisfaz o desejo do leitor, que quer informações estéticas sobre as obras. Ela pretende determinar as influencias que pesaram sobre os autores, desmontar-lhes, por as-

sim dizer, a psicolojia, explicar como eles foram rezultantes do meio e do momento. Hènnequim pensava em dar balanço á adjetivação de cada volume e determinar si o autor era do tipo vizual, do tipo auditivo ou do tipo motor.

Tudo isso é muito interessante; mas só quando se refere a obras e autores já consagrados. Que importaria a leitores de hoje, si, acerca de qualquer volume, alguem mostrasse que ele era feito por um escritor do tipo "vizual" ou do "tipo olfativo?"

Do ponto de vista científico, seria notavel revelar essa perspicacia, deduzindo-a do estudo dos textos.

Si porém, se examina bem a questão, o que ha de científico nesses cazos é de ordem psicolojica, de ordem sociolojica; mas não de ordem estética. Não se determina o gráu, a qualidade e a quantidade da Beleza, que ha nas obras. E só ha, de veras, ciencia quando ha medida. "Passar da noção da qualidade á de quantidade é o limiar primordial de toda evolução científica". (1)

Ora, disso não ha a menor ideia na critica que toma aquele nome: ela não diz nem o que, nem quanto ha de belo em obra alguma.

Uma determinação científica tem de ser a mesma para todos os que a conferem. Assim, o pezo, a dimensão, o gráu de calor dos objetos são identicos seja quem fôr que os meça.

Quando se achar o meio de determinar com segurança a qualidade e quantidade de beleza das obras de arte e que essa qualidade e quantidade sejam fatalmente encontradas por todos os que as examinarem, então — e só então — se poderá realmente falar em *critica científica*. E isso, por ora ao menos, nem se comprehende que seja possivel.

Assim, de todas as possiveis formas de critica — principalmente em artigos de revista, que ainda os mais pensados são sempre um pouco apressados — a unica que convém é realmente a impressionista. Que o apreciador dos trabalhos diga a impressão que eles lhe produziram!

Parecerá uma tarefa vã, porque eles podem não cauzar o mesmo efeito em outras pessoas.

Mas, em primeiro lugar, ele deve justificar a sua apreciação, pondo assim as peças do processo á vista do leitor. Depois,

(1) Alfred Martinet — *Principes de biometrie*.

si as apreciações obedecem mais ou menos aos mesmos criterios constantes, os leitores, apoz algumas verificações, acabarão por conhecer as preferencias habituais do critico — e isso lhes servirá, ou para segui-lo ou para fazer justamente o contrario do que ele dissér... E, si esta segunda hipóteze é pouco lisonjeira para o autor das apreciações, não deixa de ter uma grande utilidade para o leitor, que fica, de todo modo, com um ponto de referencia nas suas escolhas. Ponto de referencia para dele se aproximar ou dele se afastar...

Foi, creio eu a Theodoro de Banville que um joven poeta levou um dia uma trajedia, em verso, em cinco atos. Era uma obra detestavel.

Banville, quando ele veio saber-lhe a resposta, perguntou-lhe si havia feito aquela obra sob ameaça de morte e, quando teve resposta negativa, disse-lhe convencidamente:

— Não imajina como é facil *não fazer* uma trajedia em 5 atos, em verso!

Diante da tradução que Victor Godinho fez da peça de João Richepin — *Don Quichote*, fica-se tambem a pensar:

— Como seria facil *não fazer* essa tradução!

Não é, entretanto, porque ela seja má. Pelo contrario. Vê-se que o autor seguiu de perto o orijinal. Vê-se que gastou tezouros de habilidade para ser fiel ao seu modelo, dando-lhe forma, colorido e expressão. Mas o modelo é que não valia grande couza.

Richepin é uma figura absolutamente secundaria na literatura franceza. Tendo excelentes dotes oratorios, servidos por uma bôa figura e uma excelente voz, é o discursador sempre pronto para todos os assuntos possiveis e imajinaveis, não tratando, de fato, de nenhum deles com a profundezia necessaria. E' verbozo e é ôco. Tem apenas um pouco do colorido da instrução classica e do conhecimento da literatura ingleza.

Moço, publicou dois livros em que havia um certo sôpro de audacia: *Les Blasphémes* e *La Chanson des Gueux*. Ambos lhe valeram processos e prizões — e, por isso mesmo, renome.

O primeiro era, sobretudo, irreligioso. Tinha força, tinha veemencia. Era, porém, um livro em que raras poezias se mantinham de principio a fim em uma nota elevada. Si, ás vezes, se sentia uma rajáda lirica:

On ne peut pas trouver la mort.
Partout la vie est répandue.
Aussi loin que va l'étendue,
cherche comme une enfant perdue,
cette mort que ton coeur rêva;
partout, de l'astre à l'étincelle,
partout la vie universelle
se fond, tourbillone, ruiselle,
et tout passe et rien ne s'en va,

logo apoz vinha um palavrão ou uma chalaça de máu gosto. Desse livro o escandalo maior foi cauzado pelo celebre soneto:
Teu pai e tua māi ...

La Chanson des Gueux era em grande parte escrita em giria. Tinha o mérito de cantar a vida do povinho simples e humilde, com a sua linguajem habitual, o que era, no tempo em que o volume apareceu, um pouco novo. Mas esse livro estava, como *Les Blasphémes*, esmaltado de palavrões e obcenidades.

Depois, Richepin conseguiu entrar para a Academia. Passou a ser uma figura obrigada da *Université des Annales*, onde faz cursos sobre tudo. Seus cursos lembram, porém, aquela explicação celebre sobre o meio de fazer canhões: "Toma-se um buraco e põe-se bronze em torno". Ele toma um vazio qualquer, põe-lhe algumas palavras em torno e as mocinhas da *Université des Annales*, que vão ali por distração passar uma hora gracioza, aplaudem-n-o calorosamente.

Apezar disso, Richepin não perdeu a mistura de boemia e lirismo, que sempre o caracterizou. Boemia, de boca suja... Ainda ha dias, respondendo em verso a uma acucação de Guilherme II, terminou a sua poezia (?) por aquela palavra imunda, que só conseguiu um dia, dita por Cambronne, ser heroica; mas antes e depois disso pareceu sempre a todos absolutamente sórdida.

Escrevendo para o teatro, Richepin não saiu dessa mediocridade palavroza. Nenhuma das suas peças se pode apontar como obra de grande valor. Tendo a facilidade, por suas relações pessoais, de fazê-las reprezentar por artistas notaveis, consegue que as aturem, sem muito dezagrado. Mas as melhores não são siquer bôas. Não são bôas, nem más... São lugares comuns, ditos em versos corretamente metrificados, mas em que os surtos de lirismo e as chatezas de máu gosto andam lado a lado.

Sua peça *Don Quichote* está nesse cazo.

Não valia a pena tomar a creaçāo célebre de Cervantes para chegar a esse rezultado.

Ha quem diga, diante de todas as grandes obras classicas, que é um sacrilégio tocar-lhes. Outros asseveram que só na lingua oriijinal podem ser apreciadas.

Exajēros! As bōas obras classicas suportam perfeitamente a traduçāo. Valem pelas ideias nelas contidas e essas ideias são sucetiveis de ser enunciadas em todas as linguas. Lucram em ser traduzidas e, geralmente em ser rezumidas.

Ha, é certo, as produções em verso que perdem um pouco na traduçāo o valor da forma metrificada. Mas a verdade é que elas as perdem mesmo dentro do proprio paiz. A harmonia poetica varia continuamente. Basta lér o teatro classico francez para sentir que si alguem, hoje, fizesse versos com o molde que ha nele, seria insuportavel.

No seu grande amor ás letras clássicas, ha quem se extazie com os versos dos autores latinos. E, no emtanto, ninguem sabe com muita precizāo como é que eles os liam. A restituição da prozódia latina é um problema insolvel, porque a invenção do fonógrafo não data precizamente dos tempos de Horacio e Virjilio... E quando hoje um latinista francez, lendo versos latinos á *franceza*, declara que são harmoniozissimos — implicitamente acuza o autor deles de não ter noção alguma de harmonia, porque, quando esse autor os fez foi procurando efeitos prozódicos inteiramente diversos.

Assim, a verdade é que as bōas traduções podem sempre dar uma noção muito exacta, ao menos das ideias do autor. O tradutor tem ainda o recurso de uzar formas metricas que produzam, com os ritmos da sua lingua nacional, efeitos, sinão identicos, ao menos analogos aos dos ritmos empregados pelo autor.

No fim de contas o *Don Quichote* de Richepin nem merece esta discussāo.

Todos sabem o intuito que teve Cervantes escrevendo o seu livro. Ele poupou a esse respeito o trabalho dos comentadores. O seu foi o tempo em que os romances de aventuras cavalheirescas perturbavam de tal modo certos espiritos aventurozos, que a publicação deles chegou a ser proibida. Sucedeu-lhes o que acontece em nossos dias com os romances policiais, no genero dos de Conan Doyle. Sómente, hoje, como é impossivel vedar a impres-

são de livros de qualquer especie, o que a policia, em muitas cidades, impede é a exibição de aventuras extraídas dessas obras, nos cinematografos.

Cervantes escreveu que "não tinha sinão um desejo: fazer detestar as historias vãs e absurdas dos livros de cavalaria..."

Essa declaração ele a fez ao publicar a primeira parte do seu romance e repetiu-a, quando, anos depois, editou a segunda. A primeira foi aliaz escrita quando Cervantes, bom soldado e bom escritor mas detestavel administrador, estava na prizão. A sua obra, de tão aparente jovialidade, é no fundo, por isso mesmo, uma obra triste. Don Quixote aparece como um tipo supremamente bom, entuziasta, generoso — vitima, pela imajinação, dessa bondade, desse entuziasmo, dessa generozidade.

E' preciso, lendo as suas aventuras, sair dessa leitura com a dupla impressão de um tipo quazi anjélico, temperado por uma grande dóze de ridículo; de um tipo quazi grotesco, corrigido por uma bondade superior.

No seu largo dezenvolvimento, a obra de Cervantes tem espaço para nos transmitir essa dupla impressão. Ela precisa de notações finas e minuciozas, que se vão acumulando e contrabalançando: ao pé de um ato de perfeita insensatez, uma tirada cheia de razão e generozidade; apoz o mais justo dos discursos, um novo ato de loucura.

Não parece que o drama heroi-comico de Richépin dê bem nenhuma dessas impressões. Ele é tão chôchamente heroico, como chôchamente comico.

A tradução de Victor Godinho segue, porém, o poeta francêz fidélissimamente. E' um *traduttore* que não pode ser acoimado de *tradittore*.

No emtanto, ha pontos que merecem reparo.

Em varios lugares, o tradutor recorre á giria brasileira para verter o *argot* francez. Tudo aconselharia, entretanto, que, nessas hipóteses, ele empregasse frazes de giria, que não parecem singularidades muito passajeiras ou modos de expressão muito local. No primeio cazo, está a expressão "conto do vigario". Nascida de um incidente policial no Rio de Janeiro, ela vai certamente tornar-se incomprehensivel dentro de pouco:

"E' de se suspeitar um conto do vigario..."

No segundo cazo, figura indiscutivelmente uma expressão,

que talvez seja de giria paulista, mas que, fóra de S. Paulo, ha de constituir um misterio para os proprios brazileiros:

“ — E tu, quati mundé?”

No fim de contas, melhor seria evitar “*que amolação*”, “*a couza esteve preta*”, “*no alto da sinagoga*” e outras frases identicas, embora possam justificar-se, porque se trata de uma peça heroi-comica e o comico permite isso. Podem justificar-se; mas não podem louvar-se.

Um verso absolutamente abominavel, porque á giria, se junta a incorreção gramatical é aquele em que o tradutor diz:

“*Estás me debochando o meu elmo, seu bôrra!*”

Don Quichote, o leitor assiduo dos livros de cavalaria, teria de certo, uma linguagem menos trivial e baixa.

A's vezes mesmo, a giria se agrava, soando como um anacronismo violento:

“Diz que, não sendo assim, não é conjungo, é fita”.

Um termo modernissimo, sucitado pela modernissima invenção do cinematografo e que sem ela é incomprehensivel, destoa dita por um personajem do tempo de D. Quichote!

E' tambem um anacronismo que Ginez chame Don Quichote um “*infeliz paranoico*”. Anacronismo, porque essa designação é uma designação técnica de psiquiatria, relativamente muito moderna. Por isso mesmo assombra tanta certeza de diagnostico—diagnóstico seguro e profético—em quem não se podia presumir nenhuma capacidade especial para tanta ciencia.

Depois, a despeito do celebre manifesto de Victor Hugo, pedindo a admissão de todas as palavras na poezia, ha algumas que nela cabem muito mal. Assim, neste verso:

“*Foi uma laranjeira eventualmente em flôr*”,

aquele adverbio *eventualmente* é de um prozaismo dezolador.

Falar de uma “*caterva taful*” de “*asquerozas lesmas*” importa em uma contradição evidente. E' um ilojismo chocante. *Asquerozo e taful* — são dois termos que se repelem.

O tradutor faz, em certo ponto, do verbo *resurgir* um verbo tranzitivo. Por pouco que valha a pena andar catando miudas incorreções, essa merece reparo. Quanto á formula interrogativa “*o que?*” de que Victor Godinho uza muito — os gramaticos não se entendem entre si, nem para condena-la, nem para louva-la. Assim, o melhor é considera-la bôa e válida. O povo, que é o dezempatador legal dessas questiunculas, não tem duvida

em aceitar esse modo de dizer, aliaz perfilhado por numerosos e excelentes autores.

Não vale, porém, a pena insistir nessa especie de espulga-
mento de senões minusculos.

Já está dito que a tradução de Victor Godinho é fiel. Fiel
e bem feita. Não basta a meia-duzia de pequenos reparos acima
feitos para informar o valor de um volume, de perto de 300 pa-
ginas, que faz honra ao tradutor.

São do final quando D. Quichote está prestes a morrer, estes
versos que elle diz:

“...Não foi portanto, em vão que os meus dias correram.
Do sonho por que morro estão brotando as flôres,
que virão perfumar seus futuros cultôres.
O' homens! neste val de torturas nefárias
essas flôres irreais são flôres necessarias,
e tanto ou mais talvez para o genero humano
do que a farta ração de pão quotidiano.
No emtanto, desprezais a sublime ambrozia:
o belo, o verdadeiro, a justiça, a poezia,
o grandiozo, o ideal! Das suas sementeiras
muitos arrancam mesmo essas belas rozeiras!
Eis porque neste mundo imbecil e malvado,
em que o homem se esfalfa a cumprir o seu fado,
é bom de vez em quando um gesto de demencia,
que faça renacer, em sua alta conciencia
a semente imortal. Insultais esse louco!
Escarrais no seu rosto e inda achais que isso é pouco!
Que importa? Semeou. As flôres vem nacendo
e vão dezabrochar com vigor estupendo...”

E, apelando para os tempos vindouros, em que os seus so-
nhos serão realidades, ele exclama:

“Alba dos tempos bons, que o louco viu nacer!
Alba, em que a geração, por quem devo morrer,
mais feliz do que eu fui nesta luta empenhada,
ha de gozar meu sonho, ó Dulcinéa amada!”

Os versos do tradutor, que são bons, dizem bem o que disse
o autor do drama francez. Não dizem, porém, o que Cervantes
quiz. Don Quichote morreu assizado e calmo, sem pensar mais
em Dulcinéas.

Mas os poetas abuzam dos seus direitos, a ponto de transformar as mortes dos herois. Ainda Richepin não foi tão longe como Gonçalves Crespo, que deu a D. Quichote, poucos instantes antes de sucumbir, um acesso de delírio:

Tinha em brazas o olhar e truculento o aspeito
e vibrava em redor a imajinária lança...
Logo depois caiu no respaldar do leito,
morto, — tendo no labio um rizo de criança!

O ultimo verso faz com que se perdoe a calunia — porque afinal é uma calunia fazer morrer como louco quem já recuperará inteiramente a razão. E D. Quichote é um personagem tão simpático, que somos todos nós agora quem temos vontade de constituir-nos cavaleiros andantes para defendê-lo do menor agravo que lhe queiram fazer. Augusto de Lima disse bem:

Conseguiste o brazão maravilhoso
com que os herois os séculos aclamam:
foste um burlesco, um doido, um generozo;
ri-se o mundo de ti, mas todos te amam!

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

ALMEIDA JUNIOR

Nunca a pintura no Portugal antigo floriu com o viço notado na Flandres, na Hollanda, na Hespanha, e nas republicas italianas — paizes chamados á comparação como os melhores affins do luso. Não vingou ali um Rembrandt, um Rubens, um Buonarotti, um Velasquez, e para a fulgente pleiade dos Halls, Ticianos e Riberas, Portugal dará, talvez, um nome só, Sequeira.

Herdeiro das boas e más qualidades da metropole, o Brasil-colonia, que outra cousa não era senão o proprio Portugal em projecção rarefeita sobre uma terra nova, não revelou signal de capacidade esthética em nenhum campo plastico. Sem vocação congenial, e não esporreado por injuncções sociaes suscetiveis de creal-a, chegamos até S. M. Fidelissima o sr. D. João VI sem ver pintor na terra além duns santeiros vulgares. Com o advento da côrte e por exclusivo reclamo da fidalguia transplantada, o luxo exigiu arte, e promoveu-se então o seu cultivo official. Crea-se uma escola e importam-se professores de França. A' luz do criterio nacionalista foi um erro isso. Com bons franceses, os pintores encommendados trouxeram consigo a târa mortal do francez: incomprehensão da alma alheia. Em vez de operarem como tutores da arte local, que emitia debeis vagidos, e embora primitiva, rude, ingenua, tinha o alto valor de ser uma tentativa da terra, elles despresaram-n'a para enxertar os amaneirados em moda na França. Fervia lá o classicismo. David e satellites só concebiam a vida moldada pelas attitudes da escultura grega.

Tudo soffria as consequencias dessa convenção.

Envenenados pelo mal da epoca Debret, Taunay, Montigny e

os outros aggravaram o erro francez inoculando-o n'uma colônia em formação. E assim amaneirados, desorientados, ininteligentes, incapazes da visão larga das cousas, a obra educativa desses mestres consistiu em eivar as vocações artisticas confiadas á sua licção com o "virus" funesto do convencionalismo.

As cbras desse periodo accumulam-se boas, mediocres, más quanto á technica, mas selladas todas com o carimbo do falso. Não denunciam a escola brasileira. Até Porto Alegre, os nomes dessa epocha não se fixam na retentiva de ninguem. Porto Alegre anunciara uma aurora promissora. Talento multiforme, galgou rapido as maiores eminencias sociaes. Foi poeta, critico, diplomata e pintor — e isso o perdeu. O leonardismo só deu um Leonardo!... Como poeta e pintor viciou-o a frouxidão e a emphase.

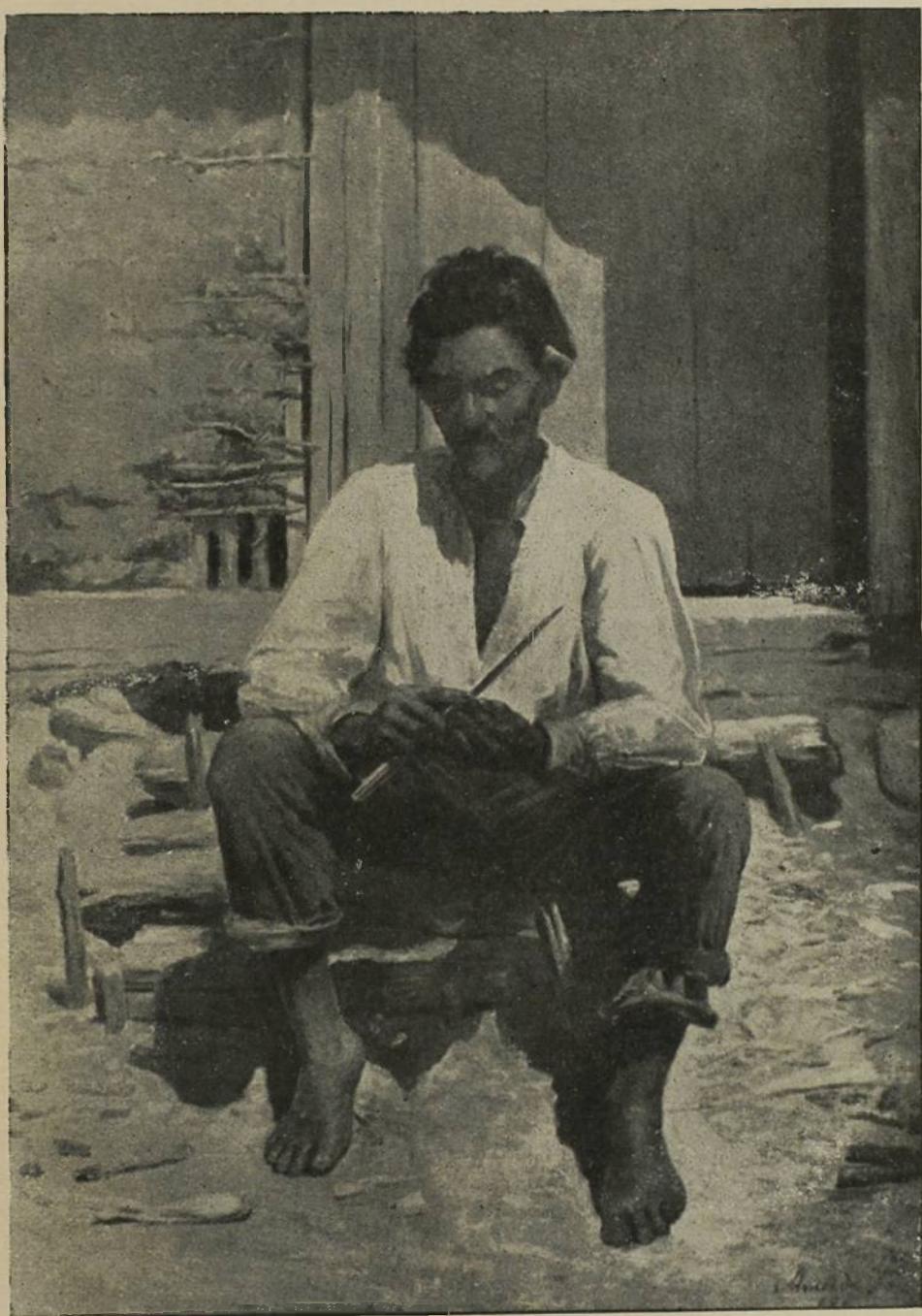
Delle a Pedro Americo, como se alargara a comprehensão da pintura, e os artistas já se libertassem do estreito quadro primitivo, nota-se uma continua ascenção de nível que culmina nesse artista excepcional.

A "Batalha de Avahy" marca o apogeu. O romantismo attingiu com ella um pincaro só accessivel ao genio. Foi um occaso. Occaso esplendido de um sol que não teve meio dia. A quella luz tudo se obscureceu, e a arte romantica fechou o seu cyclo. A madrugada do dia seguinte raia com Almeida Juior. Elle conduz pelas mãos uma coisa nova, e verdadeira, o naturalismo. Exerce entre nós a missão de Courbet em França. Pinta não o homem, mas um homem — o filho da terra, e crea com isso a pintura nacional em contraposição á internacional, dominante até ahi.

Vem de França, onde aperfeiçoára estudos, e traz consigo quadros biblicos differentes de tudo o mais, pessoalissimos, reveladores dum visão extremamente lucida da verdadeira arte.

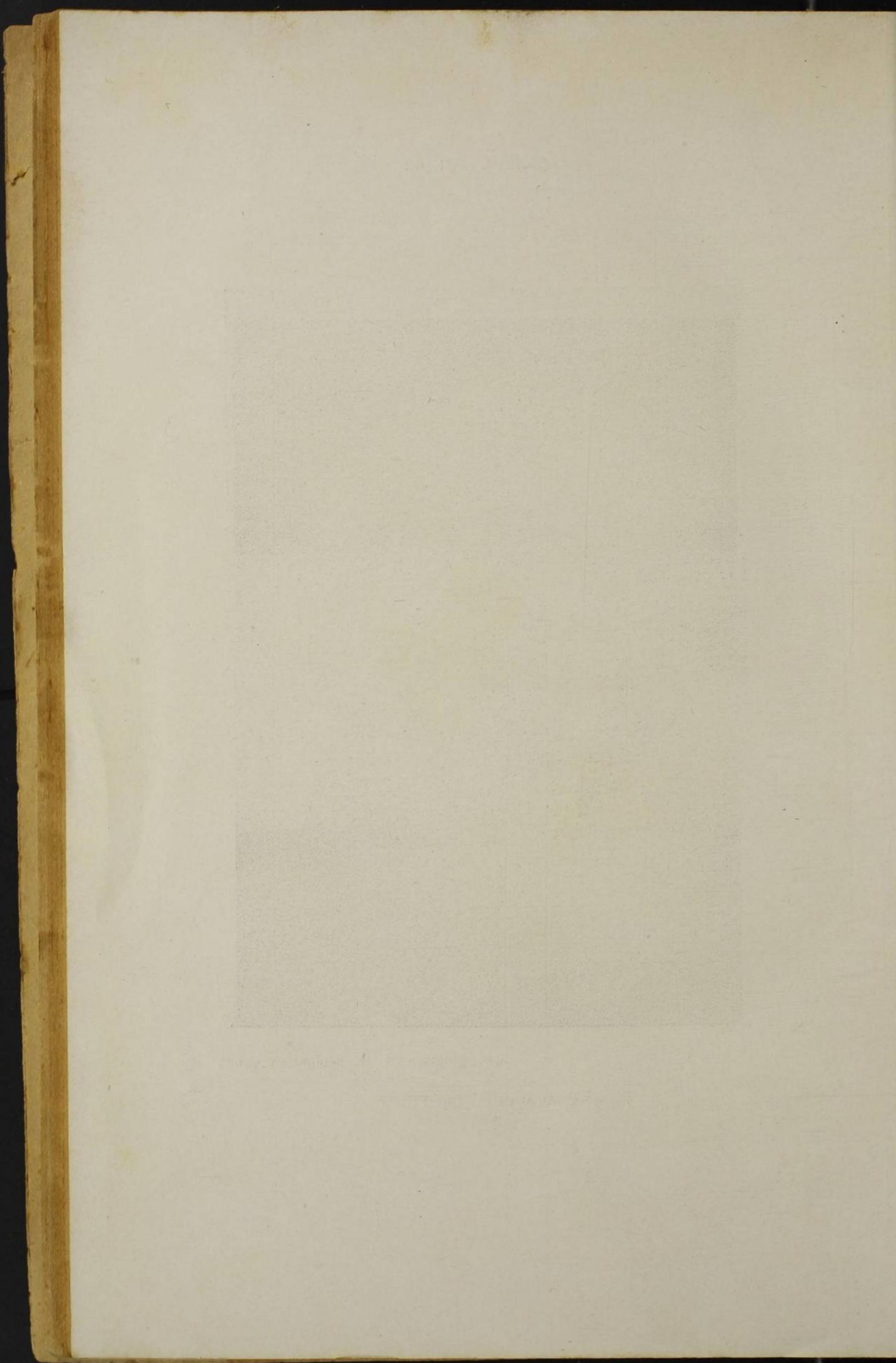
A "Fuga para o Egypto" é bem um carpinteiro humilde, fugindo por um areal de verdade, com mulher e filho de verdade, montado num burrico de verdade. Mudem-se aquellas figuras os trajes, vistam-nos á moda nossa, deem-lhes a nossa paisagem como ambiente, e o quadro biblico continuará verdadeiro: é sempre um marido, a mulher e o filhinho, humanissimos todos, que fogem para salvar a vida. Se era assim o pintor num quadro dessa ordem, genero no qual, de commun, a arte naufraga no mar do convencionalismo anti-humano e anti-natural, conti-

ALMEIDA JUNIOR

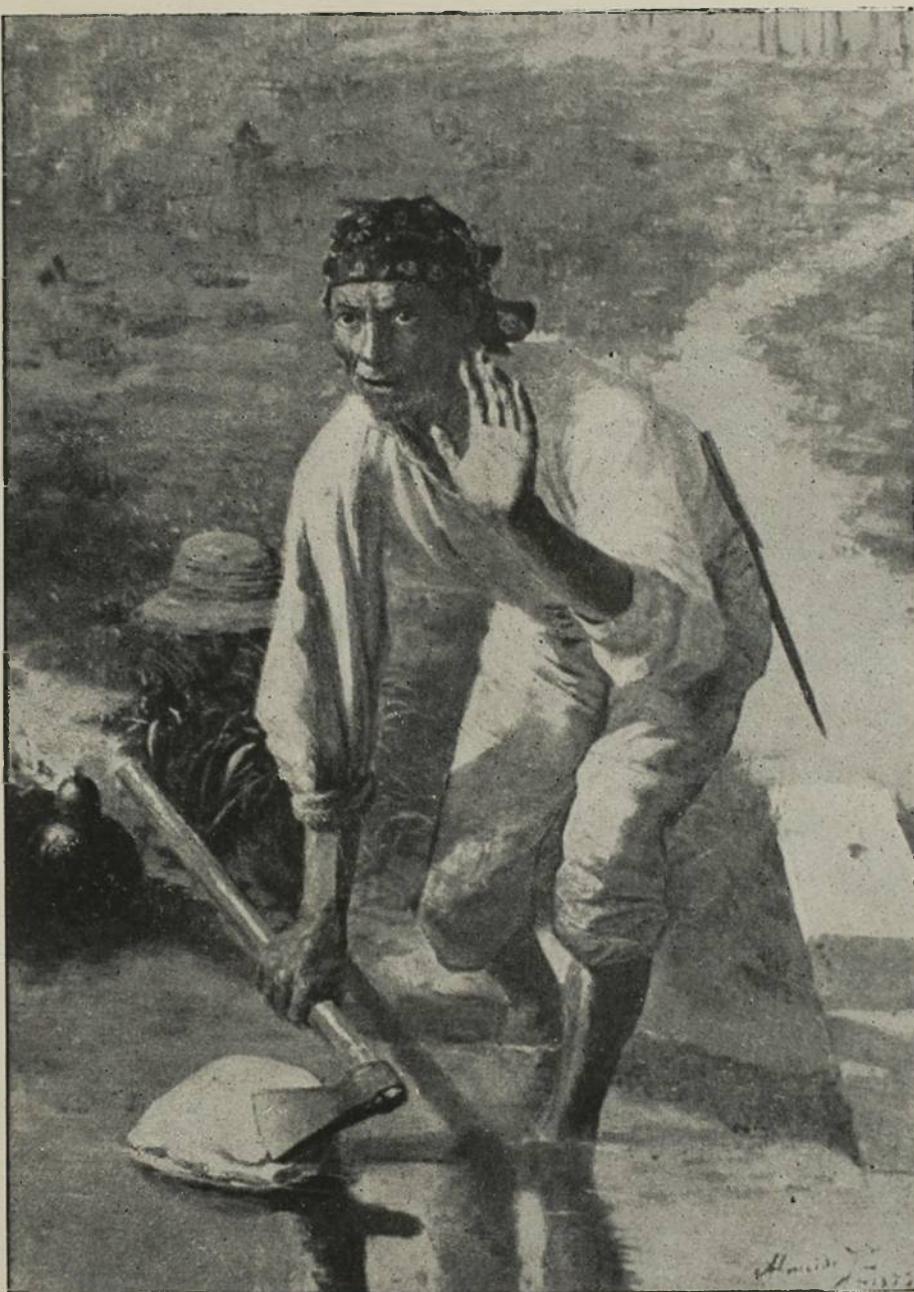


(Propriedade do dr. Sampaio Vianna)

CAIPIRA PICANDO FUMO

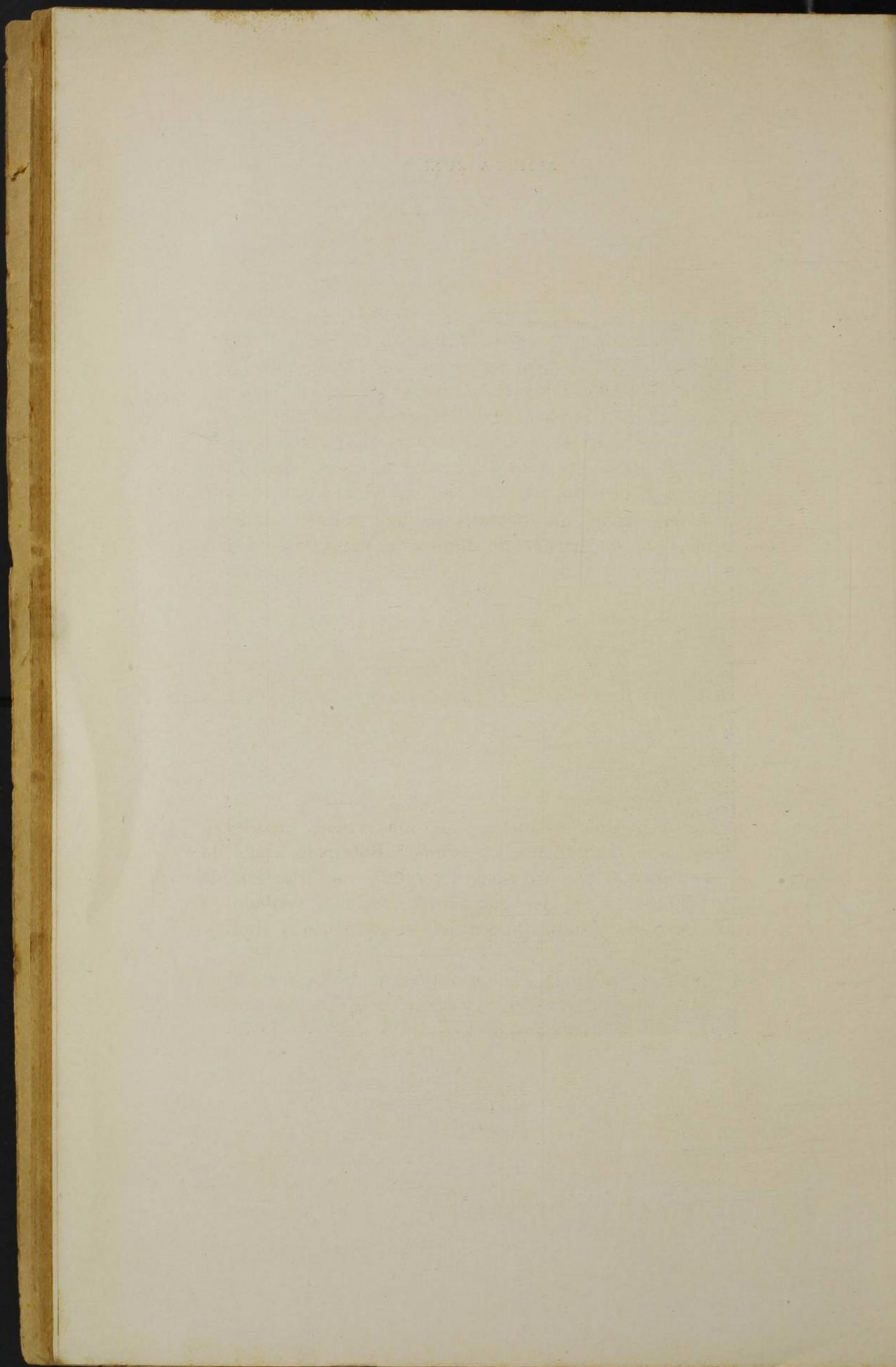


ALMEIDA JUNIOR



(Propriedade do dr. Sampaio Vianna)

AMOLACÃO INTERROMPIDA



nua assim humano e natural, despreoccupado de modas e escolas até o fim da carreira.

Não ha obra mais una que a sua. Nunca foi senão Almeida Junior no individuo; paulista na especie; brasileiro no genero.

Entretanto, quando appareceu a "Partida da Monção", como em França Puvis de Chavannes andava na vóga, a critica ligeira filiou a sua grande tela na escola que o painelista frances acolytava. Nada, mais falso. Basta erguer os olhos para o seu quadro tendo nas mãos a obra de Puvis reproduzida em gravura, para nos convencermos da leviandade do juizo. E' um juizo irmão do que dava "O crime do Padre Amaro" como filho de "La faute de l'abbé Mouret." Puvis é um symbolico, um preraphaelita á sua moda, um primitivista, ou melhor, falando tecnicamente, um estylistador de figuras e paisagens. Correu da sua arte o natural e deu a tudo attitudes rebuscadas, onde o davidismo revê sua greguice e a conjuga com as hysterias de Botticelli, Rosetti, Jones e outros. As arvores nascem e crescem sempre n'um mesmo sentido, esgalhando e enfolhando com symetria prestabelecida. As figuras movem-se guardando attitudes que não destoam das arvores. A terra, o ceu, tudo é estyli-sado. Na "Partida da Monção", ao contrario disso não ha uma attitude inventada. E' naturalismo puro. Ha côr local. Ha reconstituição exacta de uma scena como ella o foi na realidade. Onde se denuncia então a influencia de Puvis? No tom enevoado da tela... Mas como pintaria elle uma scena matutina, sobre o Tieté, sem mergulhal-a na bruma? Refugado pois da sua arte, esse pseudo chavannismo, integrada a "Partida da Monção" no bloco massiço das suas obras, resalta a verdade da affirmação: Almeida Junior, nunca foi senão Almeida Junior.

José Ferraz de Almeida Junior nasceu em Itu' a 8 de Maio de 1850. Desde menino revelou a vocação, e de tal forma que varios amigos entusiasmados por um "S. Paulo" e varios retratos, metteram-n'o na Escola de Bellas Artes do Rio. Alli fez o caboclinho um curso magnifico, rematando-o com a obtenção dum primeiro premio. Muito pobre, voltou para o estado natal dedicando-se á profissão. Vegetava por aqui quando o sr. D. Pedro II em excursão á provincia para assistir á festa inaugural da Mogiana, dá com elle, examina-lhe os ultimos trabalhos e offerece-lhe uma viagem á Europa por conta do seu bol-

so particular. Almeida Junior seguiu para o velho Mundo, instalou-se em França sob a orientação de Cabanel — cuja maneira entretanto não seguiu — e estudou furiosamente.

Sempre nostalguico da patria, a quantos o interpelavam, com inveja de vel-o aboletado na Paris, que elles lá dizem capital do mundo, "cidade luz" e mais assombros de nhambiquara em face de vitrina de joias, respondia sempre:

—Ando mas é morto por me pilhar no Brasil.

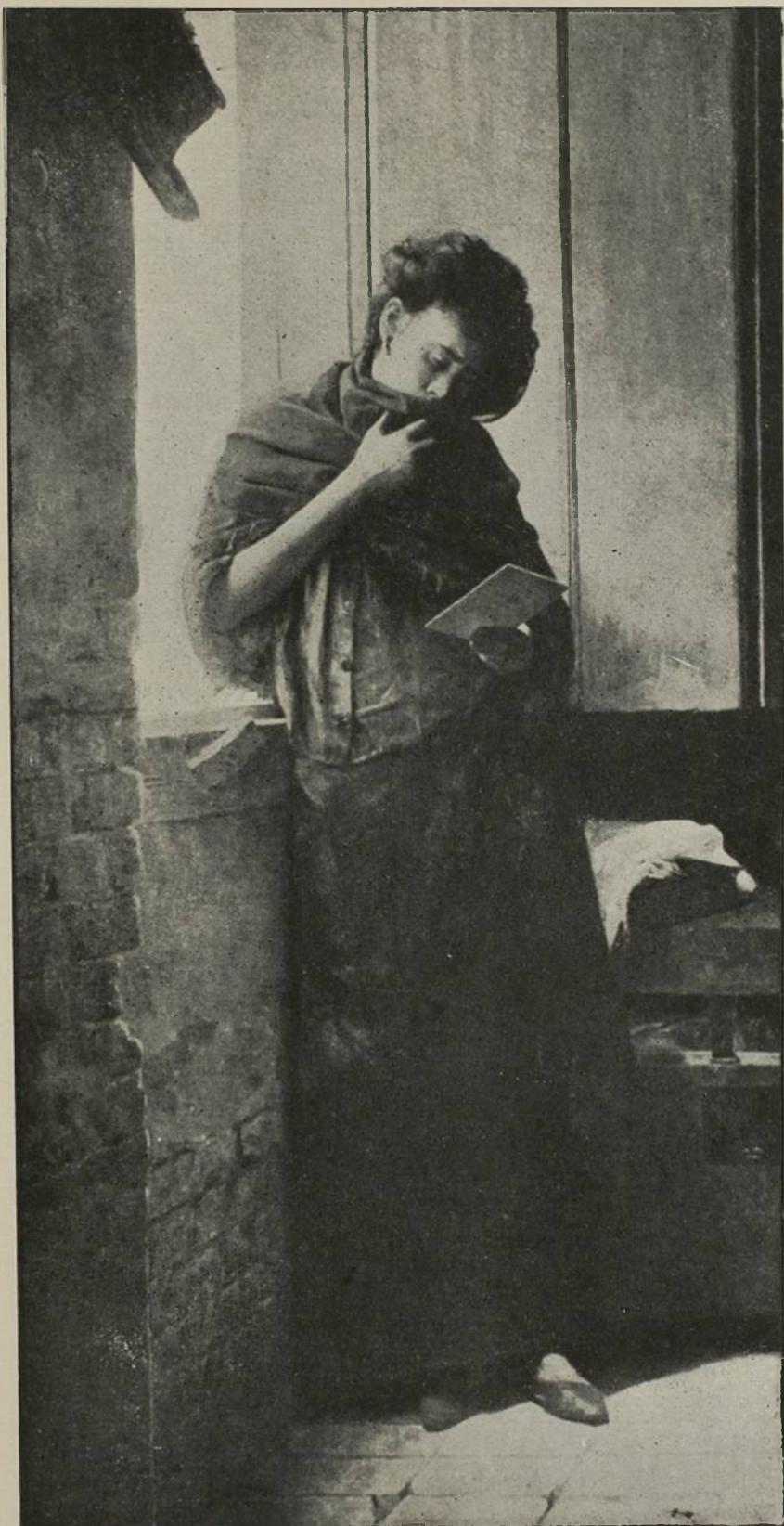
Isto define-o mais que um tratado inteiro de psychologia. Era uma individualidade inteireira, rija como o corindon, insophismavel, rude, incapaz de dessorar-se em terra alheia.

Seis annos durou o seu curso de aperfeiçoamento, concluso o qual viajou pela Italia, regressando á patria em 82. Entrou para a exposição do anno seguinte com quatro telas typicas, "Remorso de Judas" e "Fuga para o Egypto", obras bíblicas mas de forte interpretação naturalista, "Repouso do Modelo", precioso quadro de composição já medalhado em Paris e dos mais elegantes sahidos dum pincel brasileiro, e "Derrubador", mais um vigoroso estudo de tronco caboclo do que um quadro, embora precioso como o germen da serie de telas que o immortalisariam. A critica consagrou-o incontinentre. E Almeida Junior deu inicio, na patria, á sua obra pessoal. Em contacto permanente com o homem rude do campo, unico que o interessava porque unico representativo, hauriu sempre no estudo delles thema das suas telas. Comprehendia-os e amava-os. Ligava-o a elles uma profunda affinidade racial. Pintou os "Caipiras negaceando" que Chicago medalhou a ouro; quadro de vulto a que empresta grande valor a expressão maravilhosa, estampada no rosto e no gesto, dada ao estado d'alma do caçador que entrepára ao ouvir de surpreza o rumor da caça.

Não é o retrato de dois manequins vestidos a caipira e postos no ambiente da matta. São de facto dois caçadores caboclos, vivos, no quanto comporta de vida a illusão pitorica. Em seguida a esse trabalho memorável, abre Almeida Junior um interregno para compor grandes telas religiosas para a Sé, "Conversão de S Paulo", "Christo no horto", e varios painéis decorativos, de cor muito fina, para a Paulicea e Club International.

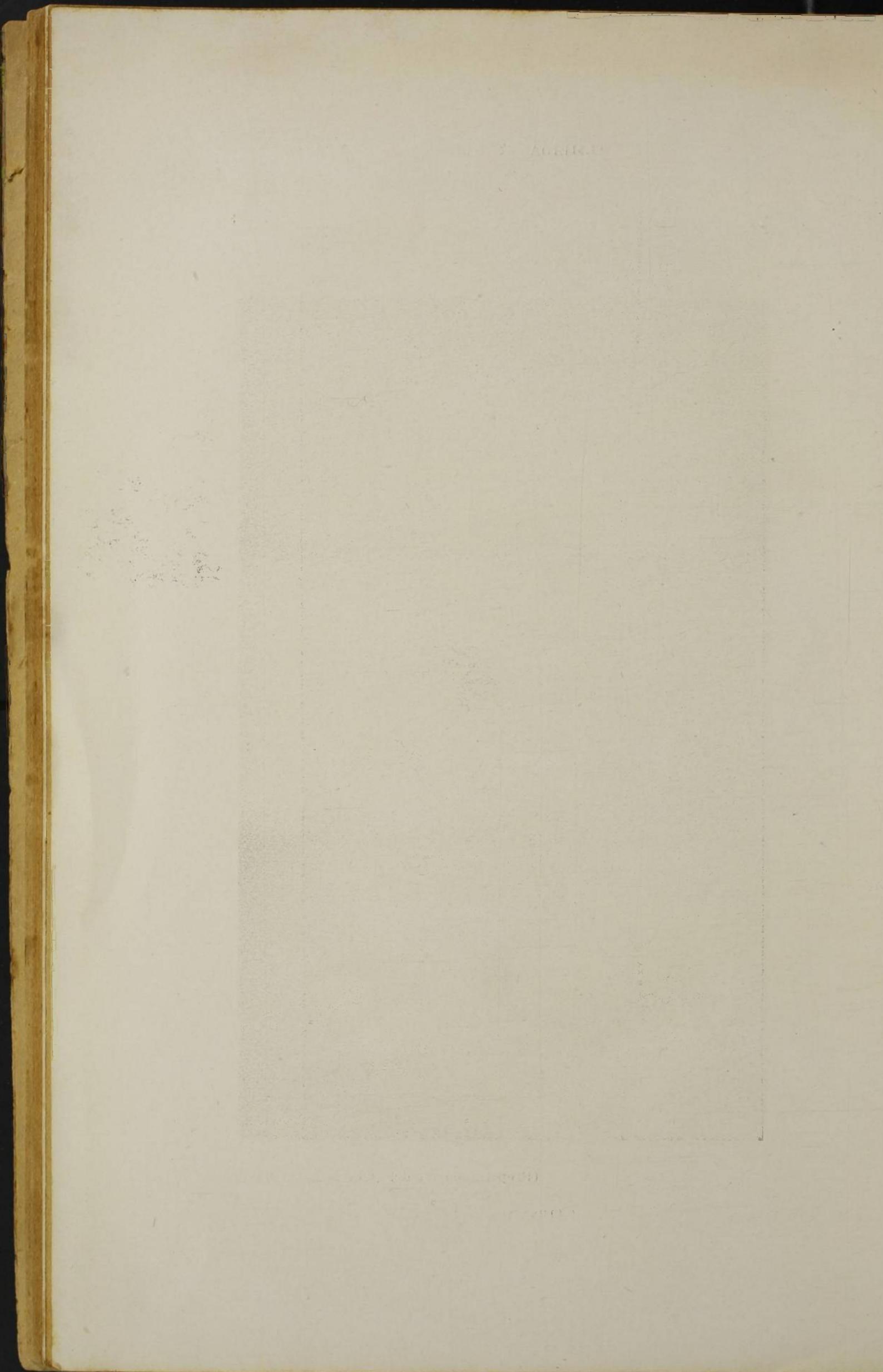
Libertado da necessidade de ganhar dinheiro, entrega-se finalmente á pintura exclusiva do que lhe sabe ao temperamento.

ALMEIDA JUNIOR



(Propriedade do dr. Octavio Mendes)

SAUDADES

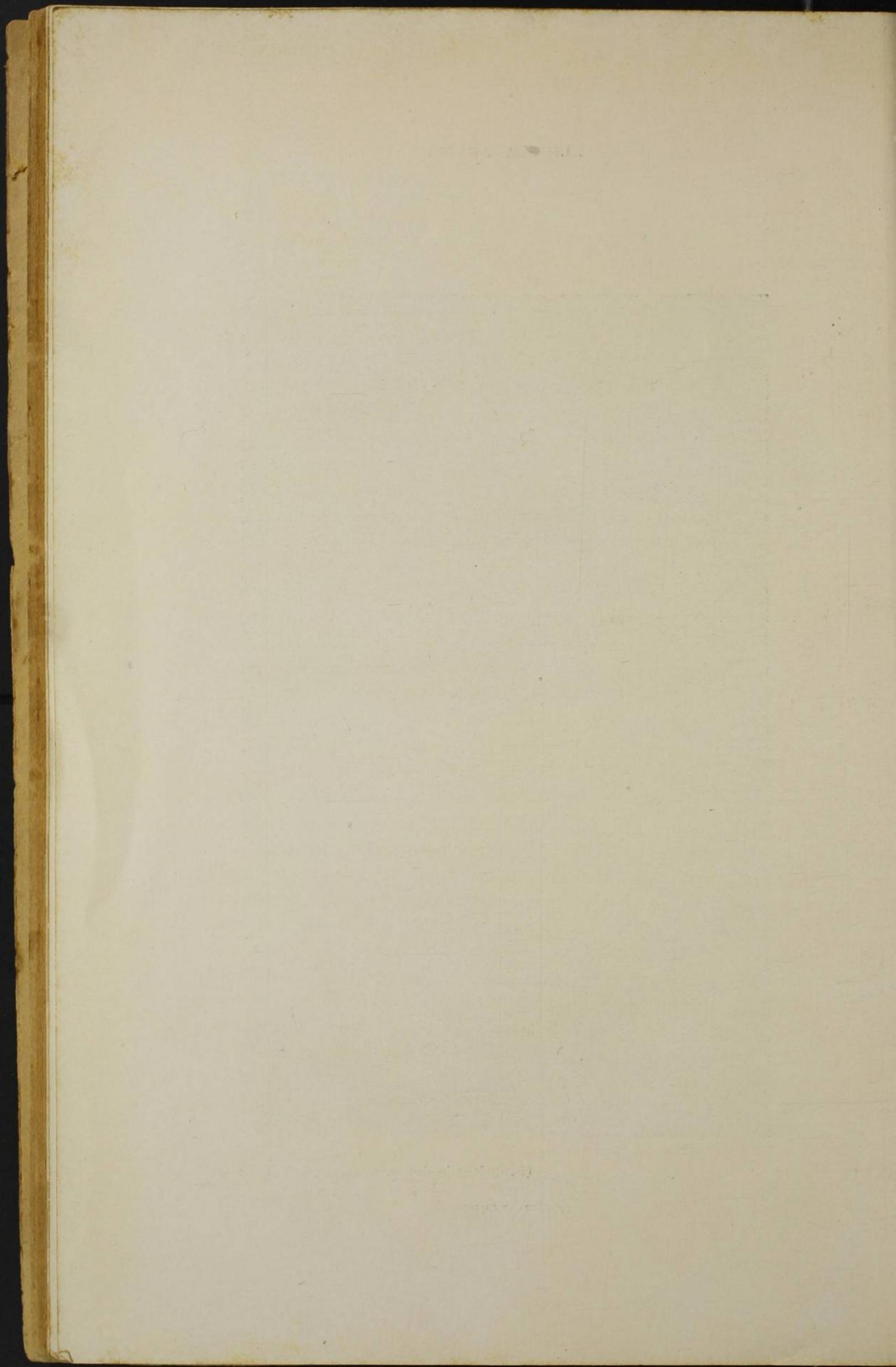


ALMEIDA JUNIOR



(Propriedade do dr. Guimarães Junior)

O IMPORTUNO



Data daqui a parte capital da sua obra. Pinta o "Caipira picando fumo" e "Amolação interrompida" de que a nossa Pinacoteca possue duas más copias ampliadas. Digo más porque essa é a impressão de quem as coteja com os originaes em poder do Dr. Sampaio Vianna. Copiadas pelo proprio autor, por isso mesmo não valem as primitivas. Explica-se. Estas foram pintadas pelo natural, no local adequado, ao ar livre, com a alma do artista impregnada do thema. Possuem toda a vida dos quadros sentidos e amorosamente feitos. As copias, feitas em epocha diversa, com outras preoccupações na cabeça, n'um estado d'alma diverso, com technica diversa, com variantes de côr e tons, tem todos os graves defeitos duma segunda edição ampliada, preparada ás pressas, para exclusivos fins commerciaes. Só é capaz de boa copia quem copia obra alheia. Copiando a obra propria o artista não se adstringe á fidelidade necessaria e faz sem o saber obra nova. Nova e má, pela ausencia do mysterioso *quid* da obra vivida. Todas as mais telas que Almeida Junior pintou nesse periodo aureo jazem exparsas pela cidade. E é pena. Se ha pintor que mereça figurar inteiro na Pinacoteca do Estado é sem duvida o grande ytuano.

Quem visita aquelle inicio de museu, é na intenção de conhecer as obras dos nossos pintores e não para estarrecer de assombro diante do chromos de Salinas, charadas de Amisani, pagas a preços fantasticos, tripticos absurdos, com erros de desenhos e durezas inconcebiveis de miniaturistas que se mettem a fazer grande para que grande seja o negocio. Revolta ver a nossa Pinacoteca transformada em salão de despejo de quanta tela mediocre de pintor estrangeiro mediocre tem a habilidade de explorar o criterio negocista de quem nos dirige o movimento artistico. Revolta ver toda a obra do maior pintor paulista oculta em galérias particulares, e propositadamente mantida lá, para que os Amisanis possam receber fortunas em troca de *blagues* mystificatorias. Com o dinheiro que o Estado deu pelo mostrengo, risivel em si, e contristador pelo attestado de inepcia que passa aos nossos homens "entendidos" em coisas d'arte... de comprar quadros, entraria para lá meia duzia de obras primas.

"Saudades", faz parte desse grupo de telas preciosas. É talvez o quadro de mais sentida expressão que possuimos. Uma mulher do povo, moça ainda, morena, do moreno quente pecu-

liar ao nosso clima, vestida de lucto modesto, contempla á luz duma janella o retrato do marido morto. A luz dá-lhe de chapa no rosto onde se lê a dor muda duma viuvez precoce. Brotam lagrimas dos olhos, lagrimas da amante inconsolavel. E' dor e é saudade. Quanta verdade naquillo! Quanto sentimento! Que poema inteiro de maguas resignadas naquelle expressão!

O "Importuno" lembra o thema do "Repouso do Modelo". Um pintor apresta-se para o trabalho de nu, quando batem á porta. O modelo que se despia para o pouso, oculta-se e espia, enquanto o pintor entreabre a porta para ver quem é. As mesmas qualidades distintivas do "Repouso" accentuam-se no "Importuno". Desenho elegante, expressão psychologica, harmonia de composição, sobriedade e factura de mestre.

"Nha Chica" é um prodigioso estudo de cabocla. Uma roceira madura achega-se á janella em cujo batente está uma chocolateira de café, e enquanto sorve com uma baforada por um longo pito de barro, fixa os olhos no campo onde deve estar o marido. A sua expressão diz-nos que já chamou o homem para o café do meio dia, e espera-o. E' uma figura viva na qual se leem os pensamentos occultos sob a mascara impassivel.

O "Violeiro", quadro a que elle dava a primazia dentre todos os do genero, é outra creaçao soberba de verdade, de sentimento, de colorido exacto, e de tonalidade local. Dentro daquelle corpo sente-se pulsar o coração ingenuo de nossos musicistas espontaneos, filhos do campo e do ar livre.

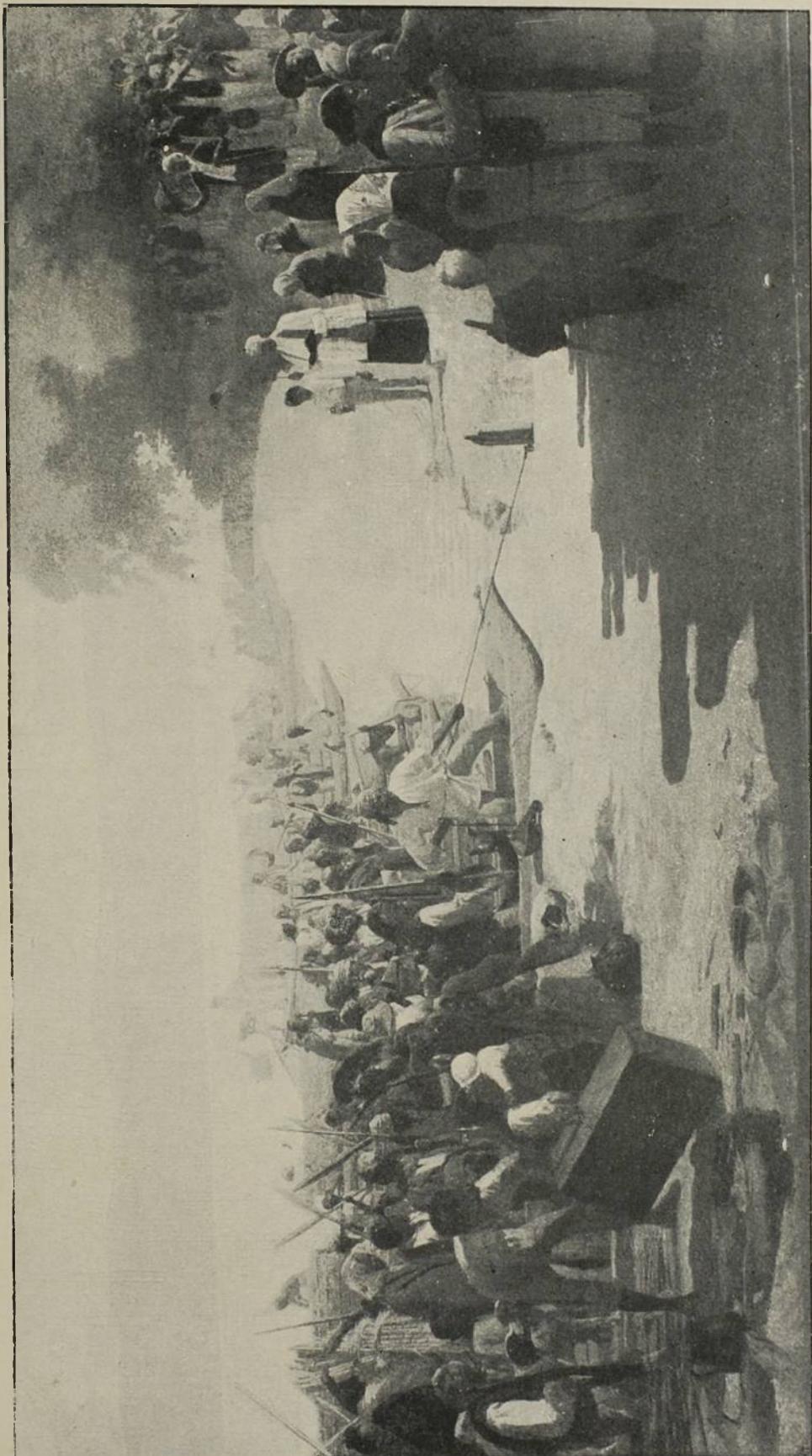
"Os caipiras", "Mendiga", "O caçador", "Cosinha da roça", "Scena da roça", e outros, denunciam sempre a mesma factura honesta e a intenção realisada de pintar as almas habitadoras dos corpos.

Na paisagem, genero de pintura que Almeida Junior desodorava a avaliar pelas poucas que deixou, a qualidade dominante é sempre a probidade de um sincero que, como nunca mentiu aos homens, não sabe mentir ás arvores e ás aguas.

"Ponte da Tabatinguera" e "Curva do Tieté" são typicas no demonstral-o.

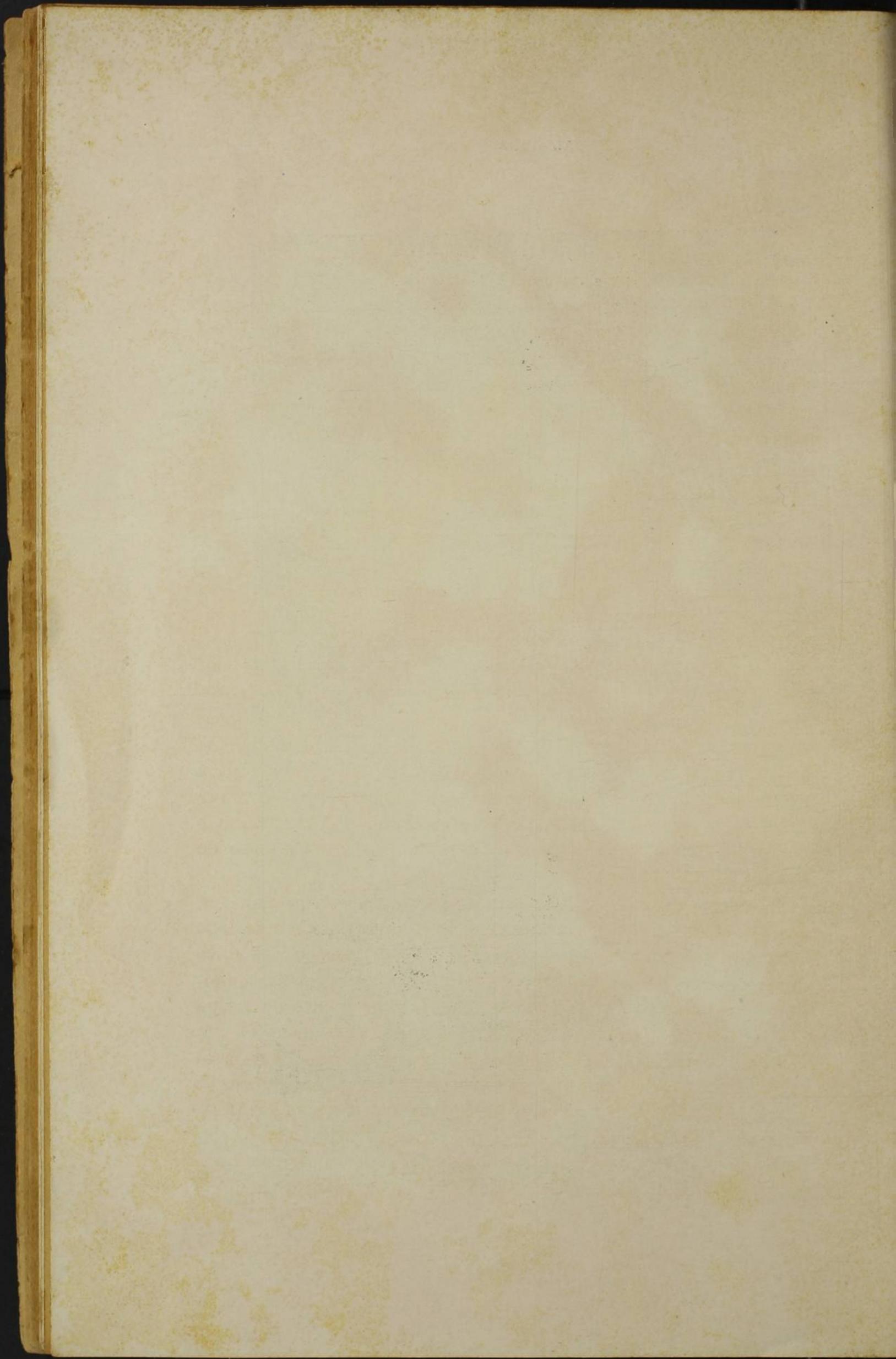
Tambem pintou retratos, sempre norteado pelo criterio da honestidade, e com vigorosa larguezza de technica. Na "Partida da Monção" elles abundam. Veem-se lá o Conde do Pinhal, Campos Salles, Prudente, o pae do artista, o vigario de Ytu, Dr. Leite

ALMEIDA JUNIOR



(Pinacoteca do Estado)

PARTIDA DA MONÇÃO



de Moraes, Luiz P. Barreto, Severino da Cruz, seu sobrinho João Firmiano e outros.

Até isto denota o carinho de Almeida Junior pela verdade. Como netos dos bandeirantes que figuraram nas monções, era no tipo delles que se poderiam colher os traços energicos dos seus destemerarios avós. Um pintor menos sincero tomaria ao acaso, na rua, os modelos necessarios, ageitando-lhes barbaças e vencos de testa truculentas, e talvez fizesse coisa de mais agrado para o publico. Mas Almeida Junior, inimigo mortal do cabotinismo e da mentira, paulista da velha tempera, caboclo de bem, adoptava por temperamento a concepção de Alberto Durer de que a preocupação da belleza é nociva á arte. Preocupava-se com a verdade sómente — e nisto revelava uma compreensão maravilhosa da verdadeira esthética. A belleza não existe por si, mas como emanacão mysteriosa da verdade. Quem mente a esta não alcança áquella. O criterio da belleza em si está sujeito ás injuncções do espaço e do tempo. A moda nol-o exemplifica. Houve tempo em que a saia balão era a belleza. Depois veiu como nova forma de belleza a hedionda anquinha. E dahi até nós quanta extravagancia macaca inventa o cerebro hysterico dos costureiros europeus, goza durante seis mezes, no consenso universal dos papalvos, as honras de supremo estalão de belleza. No entanto basta que saia da moda uma "moda" para que a todos se represente ella como um "horror". Salvam-se unicamente as que respeitando as formas do corpo humano e denunciando-lhe as ondulações atravez do paño, eximem-se de mentir ao nu' que vestem.

Assim na pintura. As escolas passam, os estylos morrem, as "maneiras" exaltadas n'uma epocha são mettidas a riso logo em seguida, o pintor cortesão que lisongeia o transvio esthético dum periodo de máu gosto, perde logo o nome e a cotação quando a moda cár. Só fica, só resiste á accão da critica e do tempo a obra sincera que nunca falsifica a verdade em nome de um ideal de occasião. A Grecia é eterna, porque os canones da arte grega eram decalcados sobre os canones da verdade. Rembrandt é eterno porque nunca mentiu, preferindo morrer pobre a transigir com as hysterias movediças do publico. Entre nós Almeida Junior será sempre grande, e cada vez maior, porque nunca, em phase nenhuma da sua carreira, officiou no altar do conven-

cionalismo, erro que sombreia a obra do maior genio pictural do continente, Pedro Americo.

A "Carioca" nunca dirá nada a ninguem; é um nu' mudo e vasio; já a viuva das "Saudades" falará sempre e sempre será comprehendida. Em quanto houver corações dentro do peito humano, aquella simples figura de mulher commoverá profundamente.

A obra do convencionalismo dura o que dura o pedantismo duma escola. Só a obra da verdade é imperitura.

Almeida Junior estava em pleno apogeu quando, de pancada, um assassinio infame corta-lhe o fio da vida preciosa. O pincel creador de tantas obras primas jáz esquecido. Ninguem se atreveu a seguir-o na vereda aberta.

O vieiro dos themes nacionaes continua apenas tocado á espera de novas individualidades de genio que lhe garimpem o ouro. Por fatalidade nossa mal abrolha um artista capaz a morte violenta vem amordaçal-o. Porque ha de o destino roubar-nos em flôr os talentos mais representativos, Almeida Junior, Euclydes, Pompeia, Ricardo? deixando por ahi gordos e anafados, para morrer de pigarro senil, justamente os falsificadores do bom gosto, os inimigos da verdade, os Pachecões atravessados de Accacio e Brummel, carnes balofas e almas de capacho que a terra está reclamando para elaborar com a substancia dellas os joás amarellos, a guanxuma, a barba de bode e outras calamidades vegetaes?

MONTEIRO LOBATO.

O ESTYLO DE FIALHO

Cinco manadeiros caudalosos confluem para formar o estylo de Fialho, essa linguagem tão ductil, tão plastica, que outra não ha mais apta para exprimir cambiantes de sensação ou fixar subtils matizes de idéas:

- 1.º A lingua commum;
- 2.º O Portuguez classico;
- 3.º O calão popular;
- 4.º Estrangeirismos;
- 5.º Neologismos.

Relativamente ao purismo, acima de todas as contingencias grammaticales, põe Fialho as necessidades superiores da arte, as exigencias da expressão..

Este é o supremo criterio e unica excusativa. Parece que se refere a si proprio, quando escreve sobre Cesario Verde:

Oh meu loiro e irregular Cesario Verde! E' lendo os rapazes do teu tempo que a minha adoração por ti redunda em fanatismo! Bem te importavas tu que a Academia te discutisse a legitimidade d'um Termo. quando esse termo exprimisse, num barbarismo insolito que fosse, a cambiante de sensação fina e moderna que tu pretendias dar num verso teu!

Accresce o poder suggestivo de seu estylo, a energia com que dogmaticamente, rigidamente elle affirma. D'este modo, phrases que seriam incaracteristicas ditas por outro, adquirem, cahindo de sua penna, uma saliencia nitida, como se pela primeira vez fossem escriptas. Nossa attenção, detem-se em termos

incolores, desses que de encontradiços, resvalam habitualmente por ella sem lhe deixar um farrapo de visão ou longes de idéa, e nelles descobrimos bellezas, que, de despercebidos que elles eram, se occultavam.

“O céo era azul” — se outrem o diz, eis uma phrase vulgar que perpassa; se é Fialho, deslumbra-nos a amplitude de um immenso concavo de saphira; o que põe em relevo os quilates que um estylo ganha, servido pela collaboração sympathica do leitor. São como virtudes suas extrinsecas, de inestimavel valor.

*

Como escriptor é um impulsivo. A emoção do momento é a sua directriz, a sua philosophia, a sua logica. Diz o que quer dizer, sem se perguntar se não disse hontem o contrario, e reservando-se tambem o direito de ter outra opinião amanhã. Quem lê seus vituperios contra “Os Maias”, no livro “Pasquinadas”, censurando a Eça de Queiroz a permanencia no “ponto de vista maldizente dos seus outros volumes”, espera de Fialho um panegyrico na toada do Cantico dos Canticos, reabilitando Lisboa e Portugal, atassalhados pelo autor do Primo Bazilio. E’ assim que profliga a “preoccupação do reles, intencionalmente alastrada pelo estudo do sr. Eça, com um desprezo d’estrangeiro que exagerasse a nossa decadencia”. E duas folhas atraç:

Para o romancista, a Lisboa dos Maias é ainda aquella Lisboa bisonha e suja dos primeiros fasciculos das *Farpas*, em que todos os homens são grotescos, idiotas, insignificantes e velhacos; em que não ha senão mulheres adulteras — e toda essa gentalha vivendo em antros que cheiram a catinga, passa a vida a macaquear do estrangeiro, com uma desorientação esthetic a e uma falta de senso, analogas á d’aqueles sobas que andam pelo sertão de tanga rota chapéo de contra-almirante, e fardeta de lanceiros.

Espera-se, portanto, uma rehabilitação fulgurante. Mas é o proprio Fialho que diz mais adeante, no mesmo livro:

Assim, não se pintam duzentos portuguezes numa casa fechada, que logo o ambiente não trescale fartuns que nenhuma alimaria

põe, por mais immunda, no recesso de suas grutas e abrigos. E' um fedor impossivel de estudar pela chimica, e d'encontrar em malta humana, estranha a Portugal...

E no mesmo capitulo:

Apura-se das peregrinações da policia, ás moradias da populaçāo somenos de Lisboa, que ao pé da nossa, não ha cidade do littoral africano que não seja modelar quanto á hygiene, e que o tunesino, sobre ser trinta vezes mais pittoresco que o alfacinha, tem ainda sobre elle a vantagem de ser trinta vezes mais aceado.

O senso philosophico com que aprecia a vida e os homens, não obedece a uma falsa systhematisaçāo preconcebida, a um teor certo e medida uniforme; d'ahi um manancial de pittoresco, de imprevisto, que não é o menor encanto de sua obra..

E Fialho não tem razão? Cada um de nós é um ente multiplo, ou melhor, uma multiplicidade de entes encadernados na mesma pelle de homem, coagidos a viver vida commum, mau grado sua diversidade de tendencias. Como Anatole, elle reivindicaria para si o direito de ter simultaneamente duas ou tres philosophias pois "de même qu'une vaste contrée posséde les climats les plus divers, il n'y a guére d'esprit étendu qui ne renferme de nombreuses contradictions. A dire vrai, les ames exemptes de tout illogisme me font peur; ne pouvant m'imaginer qu'elles ne se trompent jamais, je crains qu'elles ne se trompent toujours, tandis qu'un esprit qui ne se pique de logique peut retrouver la vérité après l'avoir perdue".

Em resumo: Fialho é incoherente, porque é espontaneo.
Sua ccherencia é ser incoherente.

*

E' escusado que eu insista sobre certas feições do seu estylo, por exemplo, em sua estima pela antithese, recurso de expressão de que tão abundantemente usaram todos os escriptores de todos os tempos, e de que Fialho fazia primores d'arte, como no encérro deste periodo:

Oh como seria doce a Camillo, cuja obra resume, como a de Herculano e a de Garrett, a genuina litteratura portugueza; como lhe

seria doce o escutar de boccas amigas, n'uma ovação suprema, palavras d'affecto, que lhe enchessem de paz os ultimos dias! e como havia de resignar-se a entrar na grande noite, esse rebelde, que sendo o maior escriptor portuguez do nosso seculo, ainda achou meio de ser tambem, entre os homens de genio, o maior desgraçado!

Sabe-se que ha uma "arte da prosa", e que essa arte tem evoluído, tem enriquecido seus processos, buscando condensar no menor volume de palavras, maior capacidade emotiva. Par e passo com esse desenvolvimento, num estreito parallelismo, evoluiu tambem a preocupação da nota physica, sensitiva, ampliando a alçada das letras, levando-as a forçar a fronteira das artes co-irmãs. A prosa é verso, é pintura, é musica, é estatuaría. Attingimos por esse modo a uma perfeição que é pouco provável que no futuro se ultrapasse. As necessidades dessa nova prosa, crearam novos recursos de dizer, que, generalisando-se, originaram essa tão conhecida architectura de phrase, hoje largamente divulgada, e mesmo barateada, a que se pôde chamar—estylo moderno.

Fialho é um representante genuino de tal estylo pelo talento com que soube apropriar-se de seus *triques*, até de seus defeitos. Destes nos veio a maior parte, talvez, por infiltração do zolismo, porque a rudeza, como material, da sua phrase, e a monotonia dos seus processos estylisticos, a tornam mui apta a ser assimilada pela grande massa dos leitores.

Um d'esses séstros naturalistas, é uma certa toada monotonía, como escandida a golpes de batuta, aos arrancos, aos arquejos. Leia-se Zola:

Il avait aperçu, au milieu de la foule, ses deux fils, en compagnie de Guillaume Porquier, accourus tous les trois, sans cravate, d'une maison des remparts, pour voir le feu.

Confronte-se Coelho Netto:

Uns touros grandes, lustrosos, quasi sem chifres, lerdos, pesados, sentindo-se nos pastos, sem prestimo, morrendo á toa; cavalios que não aguentavam uma tirada, frouxos, aguando logo, carneiros muito gordos, mas feios.

E Gustavo Barroso?

A rede é sempre á sombra de um joazeiro, onde ella (a vacca) fica quieta, muda, magra, ossos furando a pelle chagada, leprenta, cor de cinza, encontros feridos, com postemas rôxas, onde negrejam moscardos buliçosos.

E Fialho:

E sympathisavam, tinham entrado logo a discutir, apertaram-se as mãos á despedida, e ás noites, depois do jantar, eram certos na Brasserie para o cavaco.

Em outro sitio:

Eram cantigas num tom destoado, arrastando-se, esguichando-se em uivos, roquejos sanguisedentos, brados de gente que pede soccorro, e esse rir imitando o rir humano, sardonico mas inconsciente, que faz arrepiar os cabellos.

*

Como os modernos, prodigaliza Fialho riquezas de substantivos e adjectivos, reticencias expressivas, attributos tomados pelas cousas, pluraes agradavelmente sonoros. A's vezes exceude-se nos ss:

Jámais, nas lethargias lividas do opio, um china faminto sonhou mais pantagruelicas abundancias, molhos mais odoriferos, gumellos e truffas mais tenras e succulentas.

*

Seria um não findar, enumerar suas predilecções por vocabulos, desinencias ou construcções; entre tantas, merece referida sua affeição por "mil" significando grande quantidade indefinida. Veja-se "A Cidade do Vicio":

Mil peças (206) — mil attenções (207) — mil ingratidões (210) — mil allusões (211) — mil torturas (211 — mil coisas pueris (231) — mil coisas evocadas (251) — mil precauções (253) — mil planos (257), etc.

*

Modos de dizer estafados do naturalismo, que Fialho não desdenhou:

- a) Se interrogativo, em citação indirecta, com palavras do autor. "Se tinham visto o artigo de fulano?"
- b) Emprego de *vinham* por *sentiam*. "Vinham-lhe cobardias (*note-se o plural*), transigencias graduaes em materia de fé, vacilações atrozes".
- c) Emprego afrancezado do indefinido *todo*. "Hordas de federa-listas, communistas, todo o arraial de opprimidos". "...toda uma arte estrondosa e moderna". Coteje-se Zola: "Ce carnaval des dieux, l'Olympe trainé dans la boue, toute une religion, toute une poesie bafouées, semblèrent un régal exquis".
- d) Impropriedade de emprego do indefinido *um*, por influxo francez. "Era tão soberba, que se ficava num panico". Confronte-se Zola: "Une chaleur montait de galerie en galerie jusqu'au centre".
- e) Interrogativas sem resposta, intercaladas em falas de personagens. "Já olhaste bem Lisboa? Vale a pena como es tudo de monstruosidade".
E outros.

*

Traço bem saliente da obra fialhesca, irmão gêmeo do tom categorico, afirmativo, já assignalado, é a liberdade com que diz tudo que quer, cruentamente, gallegamente, sem euphemismos nem circumloquios, com a expressão justa, embora porca.

Outro não menos typico, tambem revelador de sua absoluta emancipaçao de espirito, impondo-se ao leitor com seu feitio proprio, sem adaptar-se a um typo de harmonia preconcebido, embora usualmente acceito, é a versatilidade com que vae do serio ao picaresco e reverte novamente d'este ao serio; ás vezes no mesmo periodo acotovelam-se o sublime e o chulo, mas tão bem amalgamados pela personalidade inteiriça de quem escreve, que não ha qubra de effeito e apenas relevo de idéa. Não posso forrar-me á tentação de citar mais este primor de antithese, onde tão bem se destaca o facies joco-serio do escriptor:

Porém as flôres... Cuidarão vocês que ellas não tenham sensibilidade, idéas, nervos, sangue, como qualquer de nós? Entre a nossa alma e a natureza, não ha apenas analogia, ha identidade. Como individuo, nós somos simplesmente a edição quintessenciada d'esse obscuro ser que se agita diffusamente na mais pequena molécula do universo. Interesses analogos, gestações analogas, analogas luctas... Dizer que uma planta não soffre, porque se não sabe queixar na lingua em que nós dizemos asneiras, é um erro profundo.

Seu periodo é cheio, musico, doce de dizer. Com tanta frequencia, ver-seja, que Fialho é quasi um poeta. Veja-se, para exemplo, o ultimo periodo citado:

Dizer que uma planta não soffre (verso de oito syllabas) — porque se não sabe queixar (*idem*) — na lingua em que nós (de cinco syllabas) — dizemos asneiras (*idem*) — é um erro profundo (*idem*).

GODOFREDO RANGEL.

ESTHÉTICA DA DECADENCIA

Tão intimas são entre elles as noções de Esthética e Moral que, como involuntariamente, todos as associam e as fazem connexas. Falar de Esthética da Decadencia é quasi sempre provocar a suspeita desgraciosa de Moral que se desfaz, que decae.

Se a Esthética é entidade sujeita a desfalecimentos, a altos e baixos, ás contingencias geraes e infalliveis de toda a existencia que conhecemos, então, dir-se-á, tambem a Moral, sua gemea, filha assim que ella de um parto philosophico da humanidade, não vive com a vida superior e robusta com que a queremos conceber.

Em um seculo em que as idéas de evolução e determinismo attingiram o ápice que permittia o espirito humano, taes receios aberram do conceito tão logico de universal mutabilidade.

A Moral e a Esthética, na sua capacidade de flexão e torsão sob vae-vem do fluxo humano, sob o caminhar, nunca sensivelmente rectileneo, da grande onda, em nada differem das outras grandes instituições espirituais da humanidade. Todas acompanham o mundo que as gerou, e esse mundo, formidavel e complexo, tanto quanto o mundo real, é o homem no que elle tem de menos animal: — o homem no seu sonho divino de perfeição, no seu adivinhamento fulgurante e miraculoso de um fim que mal conhece, e que, com segurança, adora e persegue.

Isto é que é eterno. Quaesquer que sejam as contingencias e as aberrações, quaesquer que se apresentem os accidentes e as lacunas, o que vive sempre, no fundo de toda a Historia, com um fulgor que pode ser sophismado mas não decresce, é o genio da especie, como se poderia dizer em estylo schopenhaueriano, ou a scintelha divina que se não extingue no homem, como a poderia

chamar Victor Hugo, ou em synthese mais flagrante, a vontade clara da humanidade.

A conquista maior desta humanidade, a conquista que espantaria o universo material se este, em um relampago divino, pudesse penetrar-nos, é essa: — a descoberta genial e penosa da sua propria divindade. Seculos e seculos ella consumiu em labores immensos e lentos, em busca, ás tontas, como a agulha de uma bussola magnetizada, de si propria. Procurou na terra e no céu, no fogo e no ar, na materia e no espirito, no áquem e no além, a razão d'esta magestade plethorica que lhe transbordava da alma. Descoseu, no afan gigantesco, as dobras do infinito, que continuou fechado. Sondou, com a sciencia e a arte, a immensidate invisivel, e, em vez de unificar o cosmos entre os infinitesimaes do microscopio e as grandezas do telescopio, duplicou-o, multiplicou-o, e juntou, para maior desengano, ao infinito que crescia o infinito que decresce. Ao abysmo que se estendia para o além conjugou, sem synthese objectiva possivel, o abysmo que se estende para o áquem.

Se é verdadeiro esse clarão deslumbrante da philosophia moderna, que nos revela em nós mesmos o que tão dolorosamente só buscámos até hoje fóra de nós, então, não ha contestar, a Esthética é a voz mais robusta e fiel do genio humano. Embalde se procuraria na sciencia a força autonoma e fecunda, capaz de representar, como a representa a Esthética, a vontade firme da nossa especie. Se o sceptro da humanidade o empunhasse a Sciencia, era certo o desastre, e mentirosa a affirmacão a que chegamos de nós mesmos. Quem o empunha, e nunca o abandonou, desde o primeiro raciocinio que aclarou a primeira mente humana, é a Esthética, ou a Arte, que é a realisaçao penosa das nossas mais puras necessidades de Esthética.

Arte e Esthética serão termos identicos? Não, porque a Esthética é um edificio, um templo, e a Arte o seu ritual. Esthética é religião, Arte é sacerdotiza.

Como se conceber então, quando se entende a Esthética de maneira tão religiosa, que possa ella desfalecer, embora por épocas de curta duração?

Aos olhos absolutos de remota philosophia, a Esthética devia ser uma. Immutavel e inflexivel, não lhe cabia logar nas éras de decadencia. Assim o concebia Platão, e assim o acceitavam os espíritos da formação catholica da civilisacão medieval, embora

ninguem assim conseguisse realizações em Arte. Para esses é absurda qualquer esthética de decadencia.

Para os que, entretanto, se habituaram á relatividade do mundo perceptivel nenhuma falha moral se deduz do conceito philosophico de Esthética da Decadencia. Antes, ousemos affirmar, ha uma grandeza e uma nobreza singulares em reconhecer ás decadencias o direito de arte e ideal, de belleza e espiritualidade. Durante o sossobro triste de victorias éthicas, que já pareciam firmes e inalienaveis, é mais difficulte e raro o affluxo pungente de sonhos de belleza moral e esthética, do que nas épocas felizes de affirmativas religiosas ou de construções sociaes.

Dostoievski nos emociona, com o magico prestigio da sua arte de sortilegios, quando nos narra, os olhos rasos de agua, as dores profundas que santificam, e as grandezas moraes que sublimam a alma de uma prostituta. Tão legitima é a nossa sympathia pelo soffrimento moral dos que tentam erguer-se, que se poderia dizer que o segredo do grande tragico russo consiste simplesmente na dramatisação d'essa sympathia.

Raskolnikoff é o heróe mais significativo que poderia crear o genio moderno, se quizesse esclarecer e systhematisar a idéa evangelica, semeada pelo Christianismo, de que toda regeneração é possivel pelo soffrimento.

Pois é pelo soffrimento que as decadencias se salvam. E' pela Esthética que estas épocas de acabrunhamento moral se erguem e caminham. Todos os grandes artistas da Decadencia são especies de Raskolnikoffs. Impulsionados pela natureza ideal com que se formaram, erram, desvirtuam-se, patenteam falhas ou crimes, retrogradam no progresso moral que o genero humano a si mesmo se impoz. Depois, a consciencia desperta. O passado hereditario entra em conflicto. Espectros, esquecidos no entusiasmo da luta social, surgem fantasticamente do fundo obscuro das fatalidades atavicas ou ancestraes. E a antinomia esmagadora entre o facto irreparavel e a moral que o condena, crea, mais tarde ou mais cedo, o regenerado, ou o artista.

Byron é um fructo da Decadencia. A revolta, porém, salva-o do nível da época, e a arte, em que lhe estrugem os maiores desesperos de ironia e negação, é um elemento de moralidade da propria decadencia, é o unico archote que poderá passar de mão em mão até que alguem, algum dia, o possa preservar da ruina

e do apagamento, e com elle illuminar outra civilisação de mais unidade e belleza.

Baudelaire é um sensual, um extravagante, um obsesso, mas a aancia pungente do ideal consome-o na sua consciente miseria. Ergue-o do seu nível. E Baudelaire transmitte ás gerações vindouras o horroso do proprio tédio, o remorso do vazio do seu coração amoravel, e com isso a aspiração, jámais extinta, para o bem e para a belleza.

Se é nocivo é-o porque é um producto da decadencia. Mas da sua rara poesia desprende-se, como de uma floresta de lyrios enraizados em pantanos, um perfume suave de ideal, e n'ella perpassam, em visões que mal podemos fixar, brancuras de sonhos surgindo de brejões espirituais. O proprio poeta é por si um poema da natureza. Porque soffre em nome de uma multidão futura, victima da decadencia que o suffoca e inspira.

Em Shelley a decadencia ambiente actua por intellectualidade, enquanto age sobre Byron por crise moral. Para o philosopho de "Alastor" o problema puramente intellectual traz a mesma perturbação profunda que fez ruir pelos alicerces, sob o aspecto moral, a organisação mais energica do creador de Manfredo. Shelley era mais contemplativo do que Byron. A acção não o preoccupava como ao nobre lord. Pungiam-n'o apenas as interrogações sobre o destino, as perplexidades, quasi budhistas, sobre o principio e o fm dos sers. O seu largo e abstracto pantheismo era uma especie de poesia sem objecto, um romance á procura de um enredo. Era estranho e hostil á acção. Era um puro espirito que poetava como Platão philosophára: — correndo após a alma recondita das coisas, passando ao lado da materia e não a percebendo. Se Aristoteles é para Platão um correctivo e uma força benefica de resistencia, tambem Byron foi para Shelley um antagonista que corrige. Ambos elementos de decadencia, não podiam edificar as affirmações esthéticas de Dante ou Shakespeare, mas ambos fizeram surgir dos tremedais terríveis da duvida moderna ancias de perfeição moral ou extases de puro goso intellectual.

Os caracteres da Esthética da Decadencia são sempre esses. O sofrimento se aguça e culmina. As normas acceptas assumem ares de imposições despoticas, em sociedade, em politica, em moral, em esthética. A propria vida, no que tem de mais impulsivo e menos accessivel ao exame, é reanalysada, reinterrogada, e da

falta da resposta surge a duvida. Da impotencia ante os reclamos do ideal nasce a ironia ou a negação. Mas sempre, entre os grandes artistas da Decadencia, uma chamma mantem-se viva, tenaz perpetua. E' o sonho, o ideal, a aspiração para um mundo melhor, não mais com a alegria de Dante entrando o Paraíso, senão com a tortura e a incerteza moral que dilaceram os mais fortes organismos.

A todos se applicaria a phrase de Baudelaire :

Certes je sortirai, quant á moi satisfait,
D'un monde où l'action n'est pas la soeur du rêve.

Nos archivos humanos guardam-se preciosamente as grandes obras afirmativas e viaveis dos creadores de Arte das épocas constructoras:—desde a epopéa inicial dos gregos até a tragedia ibseniana, que marcou talvez o fim da nossa Decadencia, a aurora de uma nova construcção. Não se guardam com tanto amor os poemas torturados e pouco populares dos malditos cantores, das epochas de entorpecimento moral. E' medida de boa hygiene da especie, no estylo de Spenceer. Mas é duro e um tanto iniquo o repudio. Seria bondoso que olhassemos com mais attenção a esse purgatorio humano. E' o purgatorio das grandes almas de escól que não puderam respirar nos ambientes malsãos da Decadencia. Aspiraram ás altas espheras dos outros. Mas que fazer? A força humana é ás vezes tão fatal e céga como as cataractas do Niagara ou as marés dos oceanos.

Amemos com relativismo philosophico os grandes poetas da Decadencia. Foram os élos dolorosos da cadeia humana, que, sem elles, se teriam fracturado muitas vezes durante o nosso longo percurso da animalidade para a espiritualidade. O soffrimento torceu-lhes o senso moral. O vacuo ambiente deu-lhes a sensação do vasio universal. O absurdo pungente das interrogações que fizeram não podia obter resposta, e a negação acudiu-lhes á mente como a blasphemia aos labios de um desesperado. Amaram e soffreram, acima das multidões, e deixaram em obras que não morrem imprecações tremendas e desejos eternos.

Apiedemo-nos da Esthética da Decadencia. Não nos envergonhemos da emoção singular com que ella nos abranda e seduz.

NACIONALISMO

A's considerações que expendemos no numero de Junho desta Revista, sobre assumptos raciaes, especialmente sobre assimilação do immigrante, desejamos adduzir mais algumas, dada a importancia e oportunidade da questão.

E' facto inconcusso que o problema não se apresenta ainda por todo o paiz. Elle manifesta-se, entretanto, latente em certas regiões, o que na verdade deve ser sufficiente para provar a sua existencia com todo o seu cortejo de perplexidades, especialmente enquanto não o encaramos devidamente para solvel-o de accordo com os grandes interesses nacionaes.

E' mister oppôr, quanto antes, a esses exclusivismos e desintegrações produzidos fatalmente pelo congestionamento de elementos estranhos, o ideal de uma Patria unida, integrada, grandiosa.

A tendencia do "hyphen" na vida brasileira, vae-se revelando de forma alarmante, particularmente nos Estados sulistas. E sabem os leitores o que queremos dizer quando nos referimos a esses brasileiros "hyphenados?" São esses agrupamentos de cidadãos, nascidos realmente em nosso paiz, mas que vivem e procedem como se estivessem "a duas amarras" no dizer pittoresco do vulgo. Descendentes do immigrante que para aqui trouxe a sua actividade e a sua energia, e que em troca conseguiu o seu bem estar, e muitas vezes a ascendencia, a proeminencia com que nunca sonhára, esses brasileiros "hyphenados", longe de cooperarem para o advento duma raça nova e forte, comprazem-se em criticar asperamente as nossas coisas, repudiam os ideaes nacionaes, e só reclamam a sua qualidade de cidadãos brasileiros quando surgem conveniencias positivas mas infelizmente subalter-

Quando taes coisas se affirma, pela observação calma e despaixonada dos factos, elles de parceria com os que trabalham pela implantação de tendencias e ideaes estranhos e dissolventes dum puro e sadio nacionalismo, são os primeiros a protestar e a fazer novas profissões de fidelidade, de sinceridade á "terra que os viu nascer..."

As nações novas como a nossa, têm que ser fatalmente melhoradas e engrandecidas com o concurso duma immigração escolhida. Mas, como alcançar tal méta e tal "desideratum", se não cuidamos devidamente do imigrante nem do seu descendente? Deixamol-o segregado, isto é, deixamol-o entregue a si mesmo, não cuidamos que elle aprenda a nossa lingua e a nossa historia, a nossa geographia,—sim, deixamol-o, a elle eseu descendente—vegetando num ambiente sem a instrucção das nossas coisas, e sem o geso dos verdadeiros e elevados ideaes, que deve acariciar uma nacionalidade nova e em formação.

Mais uma vez nos vem o exemplo da nossa republica irmã dos Estados Unidos. O mōvimento de "americanisação" tem-se intensificado notavelmente alli, especialmente depois desta terrivel conflagração, que infelicita o mundo inteiro. Ha razões poderosas para isso, como as ha aqui.

O caso é que em nossa patria denunciamos muitos "perigos", iniciamos muitas "campanhas", damos azas aos nossos entusiasmos, mas realmente bem pouco se consegue no terreno real e positivo da — pratica. Disse há pouco um escriptor: "Os actos fallam mais alto do que as palavras, e elles fallam uma linguagem que pôde ser entendida por todos".

Para corroborar o que ficou dito, vamos traduzir de considerada revista norte americana um trecho sobre o assumpto que ora nos prende a attenção:

O problema da assimilação racial e de ideaes raciaes antagonicos tem sido projectado de forma patente durante esta guerra, e nestes ultimos doze meses, pela propaganda varia instituida por uma porção de certo elemento da população. O ideal de certos estrangeiros é essencialmente oposto ao ideal americano, e o resultado tem surgido, na forma da attitude para com esse ideal de todos os cidadãos de nascimento ou parentesco estranhos. Haverá um povo americano unido, verdadeiro e leal, á nova republica e como um só homem sustentando seus reconhecidos fundamentos? Ou os diversos grupos

raciaes quererão impôr ao resto suas idéas particulares? Unificaremos ou desintegraremos?

Note-se que o movimento, a acção americana, passou além dos limites das columnas dos jornaes e das revistas. O "bureau" de naturalisação começou logo a esforçar-se seriamente no sentido de obter a cooperação larga e effectiva das escolas publicas, pondo mais que nos logares onde existe uma grande população estrangeira, todas as oportunidades sejam facilitadas para que os candidatos á "cidadania" sejam devidamente instruidos, tornando-se aptos para a mesma. Dá-se alli emphase especial ao conhecimento da lingua do paiz e em seguida a algum conhecimento da sua historia, e de suas instituições industriaes, sociaes e moraes.

A resposta ao appello do "bureau" tem sido fervorosa, e as escolas estão cooperando activamente para realisar o programma do mesmo.

Ha ainda mais um facto significativo, que nos serve de proveitosa illustração. A campanha presidencial, ou aliás a escolha de candidatos ás duas convenções republicana e democrata, nos revela dum modo convincente, como se resguardam os grandes interesses e ideaes nacionaes na grande república norte americana.

Ainda que ás vezes as plataformas dos partidos nada digam, nota-se, entretanto, que os candidatos falam corajosa e franca-mente. "Sustento", diz Hughes, "um americanismo que não conhece proposito ulterior; um patriotismo que é o unico e completo. Nato ou naturalizado, seja de que raça ou credo fôr, temos só uma patria, e não toleramos por um instante qualquer divisão de lealdade". E como alguns orgãos de publicidade não entenderam ou talvez torceram estas categoricas declarações, elle declarou aos "reporters" o seguinte, afim de que fosse publicado amplamente: "Minha attitude é de Americanismo indissolivel. Qualquer pessoa que me apoia, está apoiando um americano completo, uma politica americana completa, e nada mais".

Ainda ha pouco o illustre Dr. L. P. Barreto, de S. Paulo, num bem traçado artigo, denunciava essa "divisão de lealdade", essa "primeira e segunda patria", idéas que se procura com afínco incutir no descendente do immigrante. Com calma, mas com toda a energia, precisamos oppôr diques a esse movimento que

vae paulatinamente minando os alicerces do nosso nacionalismo. Devemos convir, que os propagandistas do "estrangeirismo", entre nós, acham até certo ponto, um campo propicio, um terreno adaptado, para a germinação da semente que com tanto empenho procuram lançar. Como assim? perguntareis. Elles procuram impressionar a mocidade, especialmente, com a narração vivida, com a emphase calculada, dada aos descalabros moraes que se presencia muitas vezes em nosso paiz, sem terem, entretanto, a lealdade de dizer que essas coisas não têm absolutamente o apoio dos caracteres bem formados, dos cidadãos dignos, daquelles, enfim, que acariciam os elevados ideaes duma Patria grande pelo caracter são de seus dilectos filhos.

Na classificação das sciencias, feita ha perto de um seculo, por um philosopho, e depois divididas em inferiores e superiores, foi observada para a moral a maior preeminencia.

Se não nos enganamos, foi Lavelaye que num notavel estudo sobre o "Futuro dos povos catholicos", provou á evidencia que a verdadeira superioridade não está no — sangue, e sim no caracter. Um povo, como elle bem affirma: "não está condenado a declinar por causa do sangue que corre em suas veias..." "Por outro lado, é preciso, duma vez para sempre, acabar com a especulação de certos propagandistas "raciaes", que levam a repetir com uma insistencia digna de melhor causa, que o mero facto de escolherem uma determinada nacionalidade, que elles reputam superior, os tornará "immunes" a todo o mal, a toda a deshonestidade..."

Muito bem escreveu illustrado escriptor patrício:

... o que mata uma nação não é a existencia do mal, por que NUNCA HOUVE NAÇÃO, AINDA NO APOGEU DA GLORIA, que o não trouxesse no seio; o que mata uma nação é a carencia de elementos colligados para rechassar os elementos deleterios; é a indiferença, por vezes a desfaçatez—com que elementos officiaes, representativos, se assentam no festim da iniquidade, a rir do descalabro social; é o egoismo cynico de homens publicos que tantas vezes fazem de sua posição politica o meio mais facil de gratificar suas paixões inferiores unicamente, num completo descurar dos interesses geraes.

A capacidade assimiladora de nossa nacionalidade será, pois, augmentada, fortalecida, á medida que os cidadãos forem mode-

lando e fortalecendo o seu caracter. E' certo que ha muitos microbios damninhos, mas a estes devemos oppôr as bacterias energicas dos elementos bons. A garantia da Nação está nessas forças de reconstrucção moral, que não admittem dois pesos e duas medidas.

Não nos preoccupemos exclusivamente com — a força; cultivemos a justiça e a rectidão. Não confiemos apenas no — sangue; modelemos um caracter são. E, enfim, que nossos ideaes não sejam apenas fantasias; mas, que tomem corpo, que tenham efficiencia, que se revelem nessas vidas regeneradas e puras de cidadãos dignos de uma grande Patria!

Rio Grande do Sul.

FRED. G. SCHMIDT.

EDGAR ALLAN POE

THE RAVEN

Uma vez, por volta da meia noite, hora triste, enquanto, alquebrado pela fadiga e cheio de tédio, eu meditava sobre vario e vario volume, exquisito e curioso, de letras hoje esquecidas, quando, já a cochilar, quasi passava pelo sonno, chegaram-me, de repente, ao ouvido, umas pancadinhas repetidas como de alguém, que de mansinho batesse, batesse à porta do meu quarto. "E' alguém", disse eu commigo, "é alguém, que bate à porta do meu quarto... Ha de ser isso, e nada mais."

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore,
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.
"T is some visitor", I muttered, "tapping at my chamber door.
Only this, and nothing more."

Ah, lembra-me perfeitamente! — era em Dezembro, o mez das invernias, — e cada braza, que, por sua vez, se ia apagando, estampava no chão o seu espectro. Estava eu morto por que amanhecesse; em vão procurara tirar, dos meus livros, allivio à saudade, — saudade de Lenora, que perdera, — da rara e radiante virgem, a quem os anjos chamam Lenora, — e nome aqui na terra não terá jamais.

Ah, distinctly I remember, it was in the bleak December,
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.
Eagerly I wished the morrow; vainly I had sought to borrow
From my books surcease of sorrow, sorrow for the lost Lenome,
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore, —
Nameless here for evermore.

EDGAR ALLAN POE

O CORVO

Meia noite seria, hora triste! alquebrado
E de tedio vencido, uma vez, debruçado
Sobre tomo e mais tomo, em que antigos autores
Expuzeram saber, que bem raros leitores
Tem hoje, eu meditava, o lido ponderando,
Que em taes livros de antanho andara consultando,
E já, do cochilar, meio ao somno passava,
Quando ouvi de repente um bater, que soava
A' porta do meu quarto, alli á mão, baixinho
Como o bater de quem batesse de mansinho,
Batesse de mansinho á porta do meu quarto.
Dentro em mim, mal o ouvi, disse eu: "A horas taes,
Quem pode vir bater á porta do meu quarto?
Alguem, que me procura. Ha de ser. Nada mais."

Era então — claramente ainda hoje o relembro!
Bem entrado era então o inclemente Dezembro;
E seu espectro, no chão, cada braza deixava,
Que, aos poucos, a morrer, no lar agonisava.
Afflicto estava eu já por que nascesse o dia;
E, em vão, d'essa leitura, ao meu soffrer, queria
Tirar allivio — allivio a crua e dura magua;
Allivio, que abrandasse a enorme, a funda magua
De haver perdido, haver perdido, ó, sim! Lenora,
A virgem radiante, a quem saudade chora!
A virgem peregrina, a quem os anjos chamam
Lenora — Aquella a quem, nos coros triumphaes,
Lenora, lá no céu, os anjos ora chamam
E nome não terá na terra nunca mais!

E o sedoso, triste, incerto farfalhar de cada panno das cortinas roxas fazia-me tremer, — enchia-me de terrores fantasticos, que nunca d'antes sentira; de modo que, então, por quedar o bater ao coração, fiquei a repetir: "E' alguem, que bate á porta do meu quarto — alguem que a deshoras vem bater á porta do meu quarto; é isso, e nada mais."

And the silken, sad, uncertain rustling of each purple curtain
Thrilled me, — filled me with fantastic terrors never felt before;
So that now, to still the beating of my heart, I stood repeating,
"T is some visitor entreating entrance at my chamber door, —
Some late visitor entreating entrance at my chamber door;
This it is, and nothing more."

Minha alma sentiu-se, de tal apôs, mais forte; sem mais hesitar, então, "Senhor", disse eu, "ou senhora, peço-vos sinceramente perdão; mas a verdade é que eu ia a passar pelo sonno e vós batestes tão devagarinho, tão de leve bastes, bastes á porta do meu quarto, que eu nem quasi certeza tinha de o haver ouvido." E, em tal dizendo, escancarei-a porta: lá fóra — escuridão, e nada mais.

Presently my soul grew stronger; hesitating then no longer,
"Sir", said I, "or madam, truly your forgiveness I implore;
But the fact is I was napping, and so gently you came rapping
And so faintly you came tapping, tapping at my chamber door,
That I scarce was sure I heard you." Here I opened wide the door:
Darkness there, and nothing more.

Fundo n'aquella escuridão cravando os olhos, estive por longo tempo ali, a pensar, apavorado, em duvida, sonhando sonhos, que mortal nenhum antes de mim ousou sonhar; mas o silencio persistia, e, de nada, a escuridão, indicio dava; e a unica palavra, que ali se proferia, era apenas, em murmurio, a palavra "Lenora". Essa era eu que a murmurava, e o echo, murmurando, repetia a palavra "Lenora!" Isto simplesmente, e nada mais.

Deep into that darkness peering, long I stood there, wondering, fearing,
Doubting, dreaming dreams no mortal ever dared to dream before;
But the silence was unbroken, and the darkness gave no token,
And the only word there spoken was the whispered word "Lenore!"
This I whispered, and an echo murmured back the word "Lenore!"
Merely this, and nothing more.

E o frouxo farfalhar, que vinha das cortinas
De seda roxa, incerto e mesto, nas retinas
Me punha visões taes, e, na alma, taes terrores
Que iguaes nunca eu sentira; e em tão crueis tremores
Me entrava a sacudir que, por conter os saltos
Ao coração — por ver quedar os sobresaltos
Em que dubio tremia, entrei a repetir,
A repetir sem conta, alheio a repetir:
“Está alguem a bater á porta do meu quarto;
Bate alguem, certamente, á porta do meu quarto;
Alguem que me procura e quer falar. De certo,
Alguem, que, sem querer, se atrazou. Pois que mais
Pôde ser?... E' alguem. Ha de ser. E', de certo.
E', de certo, isto mesmo. Ha de ser. Nada mais.”

A alma se me aquietou assim; e, então, perdendo,
Perdendo a hesitação, afoito fui dizendo:
“Quem quer que vós sejais, ou senhor ou senhora,
Vosso perdão aqui sinceramente implora
Quem, quasi a cochilar, confessa, e tão de manso
Batendo vós á porta, á porta tão de manso
Batendo, tão de manso, á porta do seu quarto,
Mal pôude perceber que á porta do seu quarto
Batieis.” Neste ponto, á porta dirigindo
Os passos, neste ponto, agora, eu, acudindo
A' porta, ao enfrental-a, abril-a prompto busco;
E, de braço estendido, ao tocar-lhe os humbraes,
Escancaro-a de vez num movimento brusco:
Lá fóra, a escuridão. E só. E nada mais.

E, dessa escuridão, cravando o olhar no fundo.
A revovel-a estive, a revolver-lhe o fundo,
Surpreso, apavorado, hesitante, a sonhar
Sonhos, que não ousou ninguem jamais sonhar.
Mas, o silencio, mudo: o mesmo sempre. E, a treva,
Calada em frente a mim, nenhum indicio a treva
Me dava. Della só, sómente me chegava.
Me chegava ao ouvido em voz, que o murmurava,
Um nome, e em murmurio, um nome só, Lenora!
Era eu que o murmurava; era eu, e já Lenora
Eis o echo a responder, Lenora repetindo;
Palavra, que só eu, na treva, entre as lethaes
Angustias da incerteza, em sonhos me afundindo,
Ficara a repetir. Só isso. E nada mais.

Outra vez voltando para o quarto com a alma toda a arder dentro de mim, d'ali a pouco ouvi de novo bater de leve, um tanto mais alto que primeiro: "Com certeza, "disse eu", com certeza, o que ouço agora é á gelosia da janella; vou ver o que ali ha e apurar que mysterio é este. Que meu coração se quede por um momento, e apure que mysterio é este. E' o vento, e nada mais."

Back into the chamber turning, all my soul within me burning,
 Soon again I heard a tapping, something louder than before:
 "Surely, "said I", surely that is something at my window-lattice;
 Let me see what thereat is, and this mystery explore, —
 Let my heart be still a moment, and this mystery explore;
 "T is the wind, and nothing more."

Abri, então, bruscamente a janella, e, eis que, com giro e adejo vario, entrou por ella a dentro um majestoso corvo dos bons tempos d'outr'ora. Nem a menor cortezia fez elle; nem por um instante se deteve ou parou; mas, com ares de fidalgo ou fidalga, empoleirou-se por sobre a porta do meu quarto; empoleirou-se num busto de Pallas, justamente por cima da minha porta; empoleirou-se, deixou-se estar, e nada mais.

Open then I flung the shutter, when with many a flirt and flutter
 In there stepped a stately raven of the saintly days of yore.
 Not the least obeisance made he; not an instant stopped or stood he;
 But, with mien of lord or lady, perched above my chamber door;
 Perched upon a bust of Pallas, just above my chambem door;
 Perched, and sat, and nothing more.

Ahi, como esta ave negra cambiasse em riso a minha triste fantasia pelo grave e austero decoro, que na apparencia mostrava: "Embora tosado cerce tragaç o pennacho, tu, "disse eu, "não és, com certeza, um covarde, oh, velho corvo, lugubre e horripilante, que andas tresmalhado das regiões da noite. Dizeme, pois, qual é o teu titulo de nobreza nas regiões plutonicas da noite?" Disse o corvo: "Nunca mais!"

Then this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling,
 By the grave and stern decorum of the countenance it wore,
 "Though thy crest be shorn and shaven, thou, "I said", art sure no craven :
 Ghastly, grim and ancient raven, wandering from the nightly shore,
 Tell me what thy lordly name is on the night's platonian shore?
 Quoth the raven: "Nevermore!"

Voltando ao quarto, então, com a alma em fogo a arder,
 Com pouco ouvi de novo, ouvi baixo bater,
 Bem de leve outra vez, mas mais alto um pouquinho,
 Mais alto desta vez, mais alto um bocadinho.
 "E', com certeza, "eu disse", é com certeza, agora,
 Uma cousa qualquer, que bate lá de fóra
 Nas gelosias. E'. Mas será?... Quem n'o sabe?...
 Quem sabe que mysterio ha nisto? Quem n'o sabe?...
 Socega, coração! e deixa-me que o veja;
 Que, por meus olhos, sonde o que fôr que alli esteja;
 Que sonde o que isso fôr; que o sonde por meus olhos;
 Que o mostre ao meu pavor, e, em linhas naturaes,
 O facto ponha á luz, mostrando-o claro aos olhos.
 E', com certeza, o vento. O vento e nada mais."

Para a janella, pois, crescendo, eu a escancaro;
 E, mal o olhar firmei, logo o vulto deparo
 De um corvo senhoril dos bons tempos de outr'ora,
 Que, da lufada em pós, entrando lá de fóra,
 E circumgira e paira e se vai, por fim, pôr,
 Sem saudar, nem deter-se ou pousar, se vai pôr,
 Com ares de fidalgo ou fidalga, assentado
 Bem por cima da porta, ao alto empoleirado
 Da porta do meu quarto, em um busto de Pallas;
 Alcandorado ali sobre o busto de Pallas;
 Alcandorado ali, do branco busto emcima;
 Do branco busto sobre as formas divinaes.
 Nesse busto pousou, que a minha porta encima.
 Pousou; deixou-se estar. Só isso, e nada mais.

Ao ver dessa ave negra o modo assim severo,
 Ao ver com que decoro e com que porte austero,
 Ali, defronte a mim, tão grave procedia,
 Desfez-se num momento aquella fantasia,
 Que a mente me assaltara, e transmudou-se em riso.
 "Embora", disse eu, pois, dando expansão ao riso,
 "Tosado, embora, cerce o teu pennacho veja,
 Não quero crer que tal á covardia seja
 Taxada punição. Não és um velho corvo,
 Repellente e fatal, que foges ao céu torvo.
 Certo, um titulo tens e fôros de grandeza;
 Tens estirpe e brazões nos reinos avernaes.
 Dize, pois, qual teu nome entre a illustre nobreza
 De Plutão?" E tornou-me o corvo: "Nunca mais".

Muito maravilhado fiquei ao ouvir esta ave desgraciosa falar tão claramente, com quanto sua resposta pouco sentido, pouco alcance tivesse, porque não podemos deixar de convir em que nenhuma criatura humana nesta vida jamais teve a felicidade de ver pousado sobre a porta do seu quarto, empoleirado sobre o busto esculpturado, que encima a porta do seu quarto, ave ou animal por nome "Nunca mais!"

Much I marvelled this ungainly fowl to hear discourse so plainly,
Though its answer little meaning, little relevancy bore;
For we cannot help agreeing that no living human being
Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door,
Bust or beast upon the sculptured bust above his chamber door
With such name as "Nevermore".

Extranhando a mudez, que tão pertinente resposta assim interrompia: "Sem duvida", disse eu", as palavras, que profere, são todo o cabedal, que lhe ficou da convivencia com algum dono infeliz, sobre quem desastres inclemes cahiram uns após outros com rapidez crescente até dar-lhe ás cantigas por constante estribilho, — até que as lamentações do seu desespero se rematassem sempre pelo triste estribilho "Nunca mais! Nunca mais!"

Startled at the stillness, broken by reply so aptly spoken,
"Doubtless, "said I", what it utters is its only stock and store,
Caught from some unhappy master, whom unmerciful disaster
Followed fast and followed faster, till his song one burden bore
Till the dirges of his hope that melancholy burden bore, —
Of "Nevermore, — nevermore!"

Mas o corvo, pousado solitario sobre o placido busto, só disse essas unicas palavras, como si a sua alma nessas unicas palavras houvesse vertido. Nada mais então disse, — nem uma penna sacudiu, até que eu, mal e mal, pouco mais que murmurei: "Outros amigos já se me tem ido; ao amanhecer este me deixará como as minhas esperanças se me foram." Torna, a isso, a ave: "Nunca mais!"

But the raven, sitting lonely on the placid bust, spoke only
That one word, as if his soul in that one word he did outpour.
Nothing further then he uttered, — not a feather then he flutered,
Till I scarcely more than muttered, "Other friends have flow before;
On the morrow he will leave me, as my hopes have flown before."
Then the bird said, "Nevermore!"

De pasmo me tomei ao ver com tal clareza
 Falar essa ave horrenda, embora, com certeza,
 Sentido não tivesse, ou pouco ou nullo alcance,
 A resposta, que deu assim tão de relance.
 De pasmo me tomei, porquanto ninguem pode
 Fugir a concordar, ninguem, na vida, pode
 Dizer que outro mortal já tivesse a ventura
 De ver pousar uma ave, ou outra creatura,
 Ao alto, sobre a porta, a porta do seu quarto;
 Sobre busto, que encime a porta do seu quarto;
 Pousar, deixar-se estar e nada mais; uma ave
 Horrendo, que viesse, affrontando hibernaes
 Rigores de procella, á noite, austera e grave.
 Dizer-lhe que no inferno a chamam Nunca mais.

Assustou-me resposta assim tão bem cabida,
 Que rompeu a mudez até ahi mantida.
 Assustou-me a resposta; e, então, para explical-a,
 Eu me puz a dizer qual quem a medo fala:
 "Nestas palavras só consiste certamente
 O seu vocabulario; e, nelas, inconsciente,
 Reproduz o que ouviu. Com certeza, a algum dono
 Infeliz pertenceu. Pode ser que a algum dono
 Tivesse pertencido, a quem com teimosia
 Perseguisse a desgraça, e, na monotonia
 Desse estribilho só, distracção procurasse
 A's dores, que gemia — ás dores sem iguaes
 Do seu soffrer, e a magua aos labios lhe levasse,
 Por desabafo e alento, o grito: "Nunca mais!"

No emtanto, o corvo, só, pousado sobre o busto
 Quedo, pousado e só, d'ali de sobre o busto,
 Não me deu mais que tal resposta, em que puzera
 Talvez toda a sua alma. E nem ao que dissera
 Mais nada accrescentou. Nem uma só das pennas
 Moveu. Não mais moveu de leve uma das pennas
 Que fosse, a não ser quando eu, mal e mal, baixinho
 E murmuro, falei, mas baixo, bem baixinho:
 "Em antes delle já perdi muitos amigos:
 Perdido tenho, sim, por varia vez, amigos,
 Que foram sem retorno. Irá elle tambem
 Sem retorno, assim como aos caros ideaes
 A esperança se foi, e, com o dia que vem,
 Este irá." Grasna o corvo apenas: "Nunca mais".

Cambiando, porém, o corvo novamente em sorriso toda a tristeza á minha alma, fiz de prompto rodar um assento acolchoado para defronte e da ave e do busto e da porta; e, então, no velludo afundando, entrei a ajustar fantasia a fantasia para ver si atinava com o que esta ave de outros tempos, com o que esta feia, desengraçada, lugubre, escaveirada e agourenta ave de outros tempos queria dizer com gransnar "Nunca mais!"

But the raven still beguiling all my sad soul into smiling,
Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird and bust and door,
Then, upon the velvet sinking, I betook myself to linking
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore,
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt and ominous bird of yore
Meant in croaking "Nevermore!"

Estava eu assentado a querer com isto atinar, sem, contudo, cousa alguma dizer á ave, cujos olhos de fogo, então, me ardiam no amago do seio; — isto, e outras cousas mais, estava eu assentado a querer decifrar, com a cabeça commodamente reclinada na capa de velludo do coxim sobre que a luz da lampada cahia como um olhar cupido, capa de velludo roxo, sobre que a luz da lampada cahia como um olhar cupido, e que ella não mais ha de premer — ah, nunca mais!

This I sat engaged in guessing, but no syllable expressing
To the fowl whose fiery eyes now burned in my bosom's core;
This and more I sat divining, with my head at ease reclining
On the cushion's velvet lining that the lamplight gloated over,
But whose velvet violet lining, with the lamplight gloating over,
She shall press, ah, nevermore!

Pareceu-me, neste ponto, que o ar se tornava mais denso, porque o perfumava um thuribulo invisivel, agitado por seraphins, cujos passos echoavam tilintantes no chão alcatifado. "Desgraçado", exclamei, teu Deus te empresta, — por estes anjos te manda tregua — tregua e olvido ás saudades de Lenora! Traga, ó, traga a taça deste olvido benefico e esquece esta Lenora que perdeste!" Disse o corvo: "Nunca mais!"

Then methought the air grew denser, perfumed from an unseen censer.
Swung by seraphim, whose footfalls tinkled on the tufted floor.
"Wretch, "I cried", thy God hath lent thee, — by these angels he hath
sent thee
Respite, — respite and nepenthé from the memories of Lenore!
Quaff, O, quaff this kind nepenthé and forget this lost Lenore!
Quoth the raven, "Nevermore!"

Porém, mais uma vez, essa ave transformando
 A tristeza á minha alma e em riso a transmudando,
 Fiz rodar um assento e della o puz em frente,
 E do busto e da porta em face justamente.
 Bem defronte lh'o puz; e o corpo, no velludo,
 Todo o peso largando, afundei; e já tudo
 Que estivera a pensar — idéa ou fantasia,
 Comecei a prender como elos, que queria
 Jungidos, para ver que sentido quizera
 Aquella ave ominosa á resposta, que dera,
 Inculcar; para ver si encontrava o sentido
 Que essa ave de feições e gestos espectraes
 Na resposta puzera; — achar com que sentido
 No crocitar dizia apenas: "Nunca mais".

Para tal, eu, sentado, a rever, mas commigo,
 O que vira, fiquei, mas a sós, só commigo,
 Sem palavra siquer dirigir á agoureira
 Ave, que, com o olhar, qual rubida fogueira,
 O amago ao coração me estava requeimando.
 No coxim de velludo a cabeça pousando,
 No coxim, que o clarão da luz como um olhar
 De cupidez voraz descia a illuminar,
 Eu, a gosto, escrutava o que quizera o corvo
 Dizer no seu falar, que tinha em tanto estorvo
 A facil comprehensão. Nesse coxim, agora,
 A fronte eu descansava, em que d'Ella jamais
 A fronte pousará qual se pousava outr'ora.
 Não mais se pousará, oh, nunca, nunca mais!

Como que o ar então me pareceu mais denso;
 A modo que um perfume alli pairou de incenso,
 Que, em thuricremo vaso, ao ar silente alçassem
 Seraphins, cujos pés em cadencia roçassem
 A alcatifa, que o chão do meu quarto alfaiava.
 E, pois, á inspiração, que sobre mim baixava,
 Cedendo, a me reprostrar do pavor, que sentia,
 Contra mim revoltado, em alta voz dizia:
 "Desgraçado! Teu Deus, teu Deus, por estes anjos,
 Teu Deus tregua te dá; teu Deus, por estes anjos,
 Remedio á dôr te manda. Esquece de Lenora
 A perda, e empina a taça, em que as dores mortaes
 Tu podes afogar. Risca dessa Lenora
 Na mente o nome." E grasma o corvo: "Nunca mais."

"Propheta!", disse eu, "creatura fatal! — propheta ainda assim, quer ave, quer demônio! Ou venhas incumbido de tentar-me ou te haja a tempestade lançado a estas plagas, desolado, mas indomito sempre, — ao ermo desta terra encantada, — a este ar, que o terror assombra, — fala-me a verdade, eu t'ó imploro, — ha, ha balsamo em Gilead? dize-me, dize-me, eu t'ó imploro!" Disse o corvo, "Nunca mais!"

"Prophet!" said I, "thing of evil! — prophet still, if bird or devil!
Whether tempter sent, or whether tempest tossed thee here ashore,
Desolate, yet all undaunted, on this desert land enchanted, —
On this home by terror haunted, — tell me truly, I implore, —
Is there — is there balm in Gilead? — tell me, tell me, I implore!"
Quoth the raven, "Nevermore!"

"Propheta", disse eu, "creatura fatal! — propheta ainda assim, quer ave, quer demônio! Por aquelle céu, que se arqueia sobre nós, — por aquelle Deus, que ambos adoramos, dize a esta alma de magua acabrunhada, si, lá no distante Eden, abraçará ella uma virgem santificada, a quem os anjos chamam Lenora! Abraçará uma linda e radiante virgem, a quem os anjos chamam Lenora!" Disse o corvo, "Nunca mais!"

"Prophet", said I, "thing of evil! Prophet still if bird or devil!
By that heaven that bends above us. — by that God we both adore,
Tell this soul with sorrow laden, if, within the distant Aidenn,
It shall clasp a sainted maiden, whom the angels name Lenore!
Clasp a fair and radiant maiden, whom the angels name Lenore!"
Quoth the raven, "Nevermore!"

"Que sejam essas palavras o signal da nossa despedida, ave ou inimigo!" gritei eu, pondo-me em pé.
"Volta à tempestade e às regiões plútonicas da noite!
Não deixes nem uma só negra pluma em testemunho dessa mentira que a tua alma disse! Não perturbes a minha solidão! Sae-te do busto, que encima a minha porta! Tira teu bico de dentro do meu coração e tira o teu vulto de cima da minha porta!" Disse o corvo, "Nunca mais!"

"Be that word our sign of parting, bird or fiend!" I shrieked, upstartling.
"Get thee back into the tempest and the night's Plutonian shore.
Leave no black plume as a token of that lie thy soul hath spoken!
Leave my loneliness unbroken! Quit the bust above my door!
Take thy beak from out my heart and take thy form from off my door!"
Quoth the raven, "Nevermore!"

"Propheta", eu disse então, "ave ou demonio sejas,
 Propheta mesmo assim e como quer que o sejas!
 Pelo Ceu, que nos cobre, e o Deus, que veneramos,
 Por tudo quanto os dous por mais caro prezamos,
 Dize, dize á minha alma, a que a dor tanto preme,
 A' alma, que esta saudade infinda e crua geme,
 Dize por compaixão si, no Eden distante,
 Em seus braços verá a Virgem fulgurante;
 Aquella Virgem santa, a que, no ceu, Lenora
 Chamam, e que ninguem na terra chama agora;
 A Virgem, por quem peno — a Virgem, que a saudade,
 Me traz sempre na mente em sonhos perennas!
 Oh, dize si algum dia abraçal-a, em verdade,
 Lá no Ceu, poderá!" E o corvo: "Nunca mais."

"Propheta", eu disse então, "ave ou demonio sejas,
 Propheta mesmo assim! Quer vindo aqui tu sejas
 A tentar-me, ou lançado o sopro das borrascas
 Te houvesse a esta plaga — afflito, mas das vascas
 Do desespero livre; — ao ermo desta plaga,
 Que um poder infernal no seu effluvio alaga;
 Ao seio deste lar, onde o terror domina —
 Si tem a dôr, que assim saudade me propina,
 Lenitivo, que a acalme, oh, dil-o, que t'o imploro!
 Oh, dize-me si tem este luto, em que choro,
 Tregua, que ao meu soffrer as torturas abrande;
 Lenitivo, que á dôr embote os seus punhaes
 E, á saudade, que peno, o esquecimento mande.
 Oh, dil-o, corvo, dil-o!" E o corvo: "Nunca mais".

"Que seja essa resposta a nossa despedida,
 Ou ave ou tentador! "bradei com a vor erguida,
 N'um salto em pé me pondo. "Oh, volta á tempestade!
 Volta á noite do inferno! Em minha soledade
 Que eu fique sempre só! Não deixes uma penna,
 Nem uma penna só, nem uma negra penna
 Das tuas, em penhor desta mentira atroz,
 Que acabas de affirmar com refalsada voz!
 De sobre o busto sae! O vulto, eia, retira
 De sobre a minha porta! O adunco bico tira
 Daqui do coração, onde o cravaste! Oh, vai-te
 Embora e deixa em paz meus tristes penetraes!
 Ou ave ou tentador, deixa-me em paz! Oh, vai-te!"
 E, immovel, diz o corvo apenas: "Nunca mais!"

E o corvo, sem se mover, ainda pousado está, ainda pousado está sobre o pallido busto de Pallas, bem por cima da porta do meu quarto; e seus olhos tem toda a apparencia dos de um demônio, que está sonhando; e a luz da lampada, caindo sobre elle, projecta-lhe no chão a sombra; e, minha alma, d'essa sombra, que está a fluctuar no chão, não se erguerá nunca mais!

And the raven, never flitting, still is sitting, still is sitting
 On the pallid bust of Pallas, just above my chamber door;
 And his eyes have all the seeming of a demon that is dreaming;
 And the lamplight o'er him streaming throws his shadow on the floor;
 And my soul from out that shadow that lies floating on the floor
 Shall be lifted — Nevermore!

NOTAS

A' estrophe 2.^a:

"And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor"

Este verso quer literalmente dizer: "E cada bâza, que em separado ia morrendo, elaborava no chão o seu espetro."

Offerece dificuldade a traducção, desde que se procure fazer uma idéa exacta do que por esse verso quiz o poeta significar, em vez de verter mais ou menos fielmente a idéa contida em cada vocabulo sem attenção á propriedade do que exprimir devam na intenção do autor.

Tratando-se de um sala illuminada por uma lampada de luz tão poderosa, que lançava no chão a sombra de uma ave empoleirada ao alto da verga de uma porta, encimada por um busto, e não de uma sala, cuja illuminação fosse feita pelas chamas da lareira, não é facil conceber como as brazas, que se extinguiam, lançavam, no extremo bruxoleio, sombras fantasticas á superficie clara do chão,

Tendo-o traduzido por:

"E seu espetro no chão cada braza deixava,
 Que, aos poucos a morrer, no lar agonisava,"

confesso que não fiquei satisfeito.

Pela mesma razão não me satisfaz a traducção:

"Cada braza do lar sobre o chão reflectia
 A sua ultima agonia"

de Machado de Assis, a quem, entretanto sobrava competencia e autoridade para

E, sem mais se mover, alli se tem pousado,
 Immobile sempre, o corvo; alli, alcandorado
 De Pallas sobre o busto — erguido ao alto — acima
 Da porta do meu quarto — e mudo e quedo a encima!
 E os olhos seus são como os olhos de um demonio
 Absorto a machinar — são olhos de um demonio!
 E, da lampada a luz, sobre elle em cheio desce
 O clarão com fulgor, que vivo resplandece,
 E lhe estampa no chão a dura e negra sombra!
 E minha alma, oh, horror! da treva dessa sombra,
 Que fluctua no chão pairando eternamente,
 Minha alma do negror, que os giros infernaes
 Adensam no voar, que paira eternamente,
 Nunca mais se ha de erguer! Ai, nunca! Nunca mais!

interpretação mais accommodada á verosimilhança, mórmonte quando a phrase “*dying ember*” já modificada pelo restrictivo “*cach*”, restringiu-a ainda o poeta pelo adjuncto “*separate*”, que, talvez sem forçar a mão, se podesse entender como exprimindo um facto muito commum, isto é, a separação de brazas, que a crepitação atira, dos carvões ou toros, do interior da lareira, para o chão ou soalho (*floor*), onde deixam vestigios mais ou menos superficiaes da sua estada.

Cotejando esta passagem com a da estrophe 14.^a, em que foi por Machado de Assis supprimido o “*tilintar de passos sobre chão atapetado*”, não seria muita ousadia traduzir de modo mais consentaneo com a realidade possível, dadas as circumstancias do local, a passagem em que ambos deixámos uma chamma menos brilhante projectar sombra sobre uma superficie esclarecida por luz muito mais intensa.

A' estrophe 8.^a:

Referindo-se á ausencia de ornato na cabeça do corvo da especie, a que allude, o CORVUS CORAX, emprega o poeta a palavra “*crest*”, crista, o ornato natural, tambem ausente nessa ave, e “*pennacho de capacete ou elmo*”, quando a lingua ingleza tem “*tuft*”, tufo, e “*cop*”, poupa.

Tendo, na estrophe 7.^a, dado ao corvo “*ares de lord ou lady*”, parece ter o poeta empregado o termo no sentido heraldico, pois que logo em seguida lhe pede declare qual é, nas regiões infernaes, o seu *titulo de nobreza*.

Assim crendo, repudiámos o termo “*poupa ou topete*”, appendices que se não poderiam dizer “*shorn and shaven*”, isto é, *tosados e raspados*, visto não os ter o corvo; e adoptámos o “*pennacho*”, que allude ao capacete do guerreiro, o qual, convencido de cobardia (*craven*), era, noutras epochas, degradado, raspando-se-lhe em parte a cabeça e a cara.

Ainda n'esta estrophe, umas edições trazem:

..... thou, "I said," art surely no craven,
 Ghastly grim and ancient raven wandering from the nightly shore.

e outras :

..... thou, "I said," art surely no craven;
Ghastly, grim, and ancient raven wandering from the nightly shore, etc.

Si se attender, como se deve, a pontuação, os primeiros versos hão de ser traduzidos :

..... tu, "disse eu," não és de certo covarde, lugubremente medonho e velho corvo, que andas tresmalhado das regiões da noite

e os ultimos :

..... tu, "disse eu," não és de certo covarde; lugubre, medonho e velho corvo, que andas tresmalhado das regiões da noite, dize-me, etc.

Quer isto dizer que, no primeiro caso, tratar-se-ia de uma affirmação, em que o corvo seria qualificado como covarde, lugubre, medonho e velho, enquanto, no segundo, equivaleria, o que está escripto, a um vocativo, referente áquelle a quem é endereçado o pedido de declaração dos seus titulos de suposta nobreza no inferno.

Mesmo, porém, dado o tom de ironico ludibrio, em que o protagonista se dirige á ave, pareceu-nos que não devia elle melindral-a com os qualificativos depreciantes, que se encontram no texto; sim, de preferencia, assegurar-lhe, por lisonja simulada, é claro, que não era elle o que o seu aspecto lhe estava mostrando; tanto mais quanto já lhe deveria ter assomado ao espirito a possibilidade das interrogações, que posteriormente lhe fez e a que aguardava resposta mais ao agrado das suas esperanças.

Este o criterio, que determinou a maneira por que traduzi a passagem.

A' estrophe 12.^a:

"On the cushion's velvet lining that the lamplight gloated o'er"

O verbo "gloat" não se pode traduzir por verbo correspondente em portuguez, porque, embora applicado á lampada, não significa *brilhar, illuminar*.

Derivado do islandez "glotta", rir escarninhamente, passou a significar em inglez, segundo se vê em Funk & Wagnalls, New Standard Dictionary, — em Clarkson, Standard American Dictionary, — e em Cassell's Encyclopaedic Dictionary: — *olhar firme, especialmente com prazer para qualquer cousa, que satisfaz maus almejos ou paixões morbidas — com malignidade, luxuria ou avarice — sentir um prazer maligno em olhar para qualquer cousa.*

Embora no sueco e no dinamarquez o correspondente signifique: "brilhar com esplendor" (glow), não foi nessa accepção adoptado o vocabulo pela lingua inglesa. Portanto, nesta estrophe o "gloat" não se pode traduzir senão por uma personificação, isto é, tomando a fixidez da luz da lampada como o expoente da inveja, que sentisse ella ao amor, que approximava os amantes, ou do almejo ao goso, que desfrutavam de companhia nc movele, que illuminava.

D'ahi a versão, que adoptámos :

"No coxim, que o clarão da luz como um olhar
De voraz cupidez descia a illuminar"

Dada, todavia, a significação, que nas linguas, de que o inglez derivou, tem os vocabulos *gloe* e *gloa*, é possivel que o poeta se reportasse ao parentesco e conservasse o sentido original. Shakespeare não ousou tal.

Em todo o caso, attendendo á preoccupação, evidente em todo o poema, de lhe dar um tom lugubre, coadunado á depressão psychica do protagonista, cremos não ter andado mal fazendo corresponder a esse verbo a comparação, que empregámos.

A' estrophe 14.º:

"..... Seraphim whose footfalls tinkled on the tufted floor"

A traducçao literal seria :

"..... Serafins cujos passos tilintavam no chão atapetado"
E', porém, possivel que, sobre um tapete felpudo, os passos *tilintem*?

Manifestamente quiz o poeta dizer que os seraphins, acompanhando com o corpo a vibração das correntes do thuribulo agitado, o tilintar destas coincidia com o movimento dos passos em avanço e recuo. Não o fez, entretanto; mas deixou á comprehensão do leitor estabelecer a relação, que as palavras não estabeleceram explicitamente.

Não justificará esta passagem a interpretação, que quizeríamos ter dado ao caso das brasas, que, ao morrer, deixavam no chão o seu espetro?

Ainda na mesma estrophe se encontra :

"..... respite and nepenthé"

NEPENTHA, traz Candido de Figueiredo : genero de plantas asiaticas (do grego *né*, privativa, e *penthos*, tristeza).

NEPENTHÉ, forma empregada pelo poeta, é, na Odysséa, epitheto de uma droga dada a Helena no Egypto, e que se suppunha ter o poder de trazer o esquecimento da dôr ou pezar, crendo-a derivada do opio ou da cannabis (The New International Encyclopaedia).

Mau grado a identidade etymologica com o nome da planta carnívora, NEPENTHES DISTILLATORIA, é na ultima accepção que emprega o poeta o vocabulo, á similitudine do que fez Thomas Nabbes :

"Oh, let me kiss those pair of twinn'd cherries
That do distil NEPENTHE,"

e Holmes, em "To the Eleven Ladies", st. 8 :

"Better love's perfume in the empty bowl
Than wine's NEPENTHE for the aching soul"

Desde, pois, que foi tomado em accepção metaphorica, deixei, creio que sem prejuizo da esthetica, o termo, e consagrei a symbolisaçao nelle concretizada e que, sem duvida, é o elemento preponderante para a expressão e a compreensão do pensamento.

A estrophe 14.^a:

..... is there balm in Gilead?"

"Ha balsamo em Galaad?"

E' uma evidente allusão ao texto biblico.

Em Jeremias, 8, lê-se:

21 — Quebrantado estou, e entristecido pela dôr da filha do meu povo: o espirito se apoderou de mim.

22 — Acaso não ha resina em Galaad? ou não se acha lá medico? etc.

GILEAD, em vernaculo GALAAD, do arabe "jal'ad", aspero, rude, é um distrito montanhoso da margem oriental do Jordão, cujos limites variam no Velho Testamento. Apezar do que significa o seu nome, é uma bella e productiva zona, de luxuriosa vegetação, especialmente na parte central, nas imediações do regato Jabbok, onde se encontram florestas de carvalho e terebintho. Conta excellentes pastagens e produzia outr'ora resinas ou gommas e especiarias.

Com certeza, esta noção de um territorio formoso e rico, onde abundavam os ingredientes, que se empregam na confecção de balsamos analgesicos, foi que levou o poeta a fazer a referencia, quando quer indagar si além, na outra vida, a que nada deve faltar — no Eden, a que allude na estrophe seguinte e onde quizera encontrar a amante, — ha lenitivo, que lhe allivie a dôr da sua perda. A sua duvida é clara no gripho, que põe ao verbo — is there balm in Gilead?.

Como em relação ao NEPENTHE da estrophe anterior, e pelas mesmas razões, preferi omittir o termo, o que, sem prejudicar o sentido, antes o torna mais prompta e facilmente comprehendido.

JOÃO KOPKE.

RESENHA DO MEZ

IMPRESSÕES DE NAPOLES

Ricardo Gonçalves que o destino nos roubou tão tragicamente, esteve em Nápoles muito tempo, numa demorada viagem que fez há anos. Ricardo amava ternamente a Itália — tanto que, indo à Europa, não pensou senão na Itália, e só lá esteve. Escrevendo de Nápoles a seu pai, eis como ele refere as suas primeiras impressões através das quais se percebe a mesma sensibilidade delicada que tanto o fez sofrer:

"Nápoles, 20 de Novembro de 1907

Meu querido Pae: — Venho neste momento de Posillipo, onde estive o dia todo, em companhia de alguns amigos brasileiros. Como a noite está fria, quasi hibernal, e eu não tenho vontade de sahir, estendi deante de mim esta grande folha de papel, que pretendo encher com algumas das minhas impressões de Nápoles.

Antes, porém, saibam que estou bom, forte, completamente curado daquela maldita dyspepsia que me fez sofrer tanto. Ando, porém, de uma sensibilidade aguda, requintada, morbida. Cada vez é maior a minha fraqueza deante dos sofrimentos alheios: em presença de uma desventura qualquer, afflijo-me, procurando um meio de attenuá-la. Isto, que os outros chamam bondade, é para mim

uma satisfação intima tão grande que lhe tira quasi todo o merito.

Tenho feito esmolas relativamente grandes, mas só á indigencia que não pede, porque a outra, a das ruas, é uma das fórmas da exploração, um dos tentaculos da Camorra.

Estou convencido de que não ha cidade no mundo em que a miseria seja tão grande e nenhuma tambem em que seja mais difficult exercer a caridade. Talvez por isso a pobreza aqui raras vezes é digna e corajosa. Um dia destes, voltando do Vomero (uma collina a dois passos do centro, com estupendo panorama da Cidade e do golfo) vi, numa das *fermatas* do bond um grupo de tres pessoas, duas senhoras e um homem: este engravatado, as senhoras de chapeu, todos decentemente vestidos e com um ar respeitável. Mal o bond parou, uma das senhoras, uma velha de cabellos brancos, começou a cantar uma romanza qualquer enquanto a outra estendia o pires aos passageiros, sem o menor vexame, como cousa naturalissima.

Fiquei horrorizado. Tive a impressão de que essa gente, não tendo aquelle dia o que jantar, adoptará sem hesitação tal meio de vida e viera resolutamente para a rua arranjar o almoço do dia seguinte. De resto, a cada instante, ha um imprevisto nesse gigantesco Pateo dos Milagres.

Hontem, percorri a Nápoles antiga, os *bassifondi* da cidade, quartelões immundos em que espapaça na

lama de todas as abjecções uma gentilha andrajosa e faminta. Bem poucos são os que se affoitam pela trama d'esses beccos lamacentos. E, entretanto, quanta cousa curiosa elles offerecem. O sol jamais penetra entre os altos paredões das mansardas lobregas, e, no alto, apenas uma nesga estreita apparece deste suavissimo ceu napolitano sempre tão claro e tão azul.

Ha viellas que ninguem seria capaz de descobrir nesse cahos, alfurjas cuja entrada é uma porta abobadada, humida e escura como a bocca de uma cisterna. De um lado e de outro, habitações humanas que mais parecem fojos de animaes ferozes, sem outra luz que a de uma lampada mortiça, bruxoleando ao fundo, deante de um retabulo da madona. Por todos esses beccos enxameia uma multidão extravagante e suspeita — creanças enfezadas e repugnantes, velhos horribéis, megeras hediondas, garotos, vagabundos, mendigos, ladrões — physionomias de presidio, typos lombrosianos de catadura sinistra.

Não obstante, de quando a quando, descobre-se uma flor nessa estrumeira: uma carinha angelica chama-nos a attenção, uns olhos negros e pensativos, um porte airoso e flexivel, ou encanta-nos o ouvido uma vozinha fresca e maguada, que rouxinoleia da janella de um quarto andar o estribilho melancolico de uma canção.

Cada viella apresenta uma confusão cahotica, indizivel, em que ha oficinas de marceneiros, botequins, forjas, lavanderias, lojas de revendedores, tudo ao ar livre, em plena rua, atravacando-a quasi completamente em certos trechos. Porejam humidade as fachadas dos casarões recobertas de uma lepra secular e de lado a lado, de janella a janella trapos ignobis seccam ao sol, — lamentavel attestado de indigencia e de penuria. A' exhalação pestilencial que sobe das poças d'agua estagnadas mistura se um cheiro forte de fritura de pimentões e de azeite rançoso.

A cada momento, um incidente comic ou tragic, uma scena curiosa, um aspecto interessante da vida popular. Aqui são dois virágos, com as

physionomias repellentes transtornadas de colera que se engalfinham, gofando um chorilho de palavrões; quatro passos adeante, uma plantu-rosa matrona que de pente em punho desbrava tranquillamente a brenha capillar da filha, em plena rua; mais longe, uma infeliz mulher a quem prenderam o marido, que esbraceja e se lamenta em altos gritos, arrancando os cabellos, em meio a um bando de comadres.

De repente, resoa um bombo e estridula uma ocarina. E' o *pazzariello* uma especie de truão, enfiado numa cartola velha, mettido numa sobre-casaca prehistoric, com uma grande gravata de papel esvoaçante. Acompanham-n'o dois *suonatori* de calções vermelhos, e meia duzia de garotos empunhando bandeiras. Firma-se logo um ajuntamento de basbaques. O *pazzariello* (brincalhão) começa as suas bufonadas, diz pilherias, entôa cançonetas humoristicas e em seguida circula entre o povo, com esgares e tregeitos hilariantes, anunciando os generos de uma *cantina* qualquer com os respectivos preços. Se apregôa vinho, traz consigo uma amostra da mercadoria em um grande frasco que corre de bocca em bocca, entre os assistentes. E' um meio original de *réclame*, um espectaculo gratuito, de que se aproveitam os larprios, os quaes têm justamente o seu quartel general nesses *nicoletos* rumorosos do Baixo Porto e do Vasto.

De resto, essas furnas fornecem a enorme legião de degenerados e delinquentes que enriquecem a historia da *mala vita* napolitana, os *cammorristi*, os *piccinoti*, os *giovanotti onorati*, todos os membros, em summa, da Camorra, criminosa associação perfeitamente organizada, que ha já alguns séculos estende os seus tentaculos não só por toda a Napolis mas pela Italia meridional, impondo sua vontade omnipotente ás autoridades, roubando, extorquindo, matando, temerosa e ameaçadora.

Da porta Capuana sae o *capoentesta*, o chefe supremo da bella *società riformata*, porque *in questo quartiere ó camorrista sape fa pure buono ó dduvere sujo*. Assim é natural que

o estrangeiro, já advertido, não se aventure por esses latifundios, e retroceda amedrontado mal põe os pés em uma dessas ruas em que vagueiam cabras soltas, rolam carretas tiradas por burricos, bailam zingaros, ferram-se cavallos, lamuriam realejos, ruflam pandeiros, choram creanças, retinem bigornas, — tudo ao mesmo tempo, causando uma balburdia phantastica, produzindo um fragor infernal. Se acaso tem a coragem de ir avante, sae desse pandemonio, estonteado e ensurdecido. E cá fóra, ao desembocar inopinadamente em uma das ruas largas e movimentadas da Napolis moderna, respira soffregamente, com ancia, a plenos pulmões, o ar fresco e puro que vem do mar, e experimenta uma sensação de allivio, como quem acorda de um pesadelo angustioso.

Daqui a meio seculo, já será difficult observar estas cousas. A epidemia do cholera, que nos ultimos tempos, por diversas vezes, tem dizimado a populaçao, impoz aos poderes publicos sanear a cidade rasgando ruas largas e arejadas nessas suburas infectas. De uns vinte annos a esta parte começaram os *sventramenti*. Demoliram-se trechos inteiros da cidade velha para a construcçao de avenidas espaçosas e extensas. Em substituição aos pardieiros d'antanho ergueram-se enormes edificios de construcção moderna, de modo que a Napolis do vice-rei D. Pedro de Toledo vai desapparecendo aos poucos, dando lugar a uma nova Napolis mais civilisada e confortavel para desesperação dos poetas e gaudio dos ingleses.

Já vi a Napolis de Matilde Serao. Falta-me agora ver a Napolis de Lamartine.

Não irei para Florença sem deixar as pégadas dos meus brasileiros pés...

*Sur la plage sonore où a mer de
[Sorrente]
Déroule ses flots bleus au pied de
l'oranger*

E com esta, *addio*. Saudades a todos e um abraço do

Ricardito".

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

DEFESA NACIONAL

Sem duvidar da sinceridade, da influencia e da competencia dos notaveis brasileiros que por verdadeiro impulso patriotico tomaram a iniciativa de organizar a defesa nacional, receio que o esforço de sua actividade, por mais que se propague e exemplifique, ao cabo resulgue improficio. Parece-me que o problema do Brasil, tão complexo, vai sendo considerado sem a conveniente ponderação de todas as suas faces. E' um problema a um tempo nacional, politico, moral, intellectual e economico; e em cada um desses aspectos a solução só será dada com o tempo, determinada pelos factores naturaes, que podem ser previstos, mas não podem ser contrariados. O ardoroso impulso com que os fundadores da liga da Defesa Nacional iniciaram o seu nobre emprehendimento não lhes deixou serenidade ao espirito para reflectirem que a mera formulação de um programma de ensino de patriotismo é a declaração do descredito do patriotismo alheio.

O patriotismo, entretanto, é uma força natural, instinctiva, immanente em todo o homem, salvo os casos raros de perversão, como tambem acontece a outros instintos. Mas neste mais raros, porque elle é ainda o desdobramento moral do proprio instineto animal de conservação. Não se aprende a ser patriota, como não se aprende a ter caracter ou a ser heróe. O ensino ahi, theorico ou pratico, dado na tribuna ou no livro, ornado de eloquencia e poesia, ou traduzido no acto exemplar, é ineficaz. A vida dos homens, desde a antiguidade até a actualidad, é um ensinamento constante, e a humanidade continua a ser, a representação variada e inconstante de todos os gráos da vicissitude entre a fraquezza e a força, entre a bondade e a maldade, entre a virtude e o crime.

O ensino, o saber, não formam o carácter, não fazem a virtude, não cream o heróe! Instrucção e saber não fazem tambem por si a felicidade, nem incutem o sentimento do dever. A média da humanidade o está mostrando. No nosso paiz se ha um contraste sensivel entre a gente que o habita, é o do alfabetismo e do analphabetismo; e estou que de boa fé ninguem attribuirá aos analphabetos que constituem o nucleo da gente brasileira do interior do Brasil inferioridade moral comparada á gente lida das nossas cidades littoraneas, contra a qual é constante a grita, fundada na evidencia, de corrupções de toda ordem. A politica, feita só pelos que sabem ler, é dos mesmos politicos taxada de habito fraudulento, e para cercear os recursos da astucia criminosa parece que não chegam as leis, armadas, todavia, de todas as precauções contra os ardis do embuste. Contra juizes, contra administradores, contra os profissionaes, versados em livros e formados em Academias, não têm fim as accusações. Se, pois, alguma conclusão ha que tirar do confronto, não será no nosso paiz contra os desprovidos de conhecimento livreco e só sabedores da sciencia da vida quotidiana. Mas eu não concluo, nem ha concluir, pró ou contra nenhum. Pondero os factos e delles sómente infiro que é um ôco preconceito a affirmação de que a capacidade de leitura é condição de proveito moral.

O culto do heroísmo igualmente parece-me ou superfluo ou nocivo. Os heróes convém que sejam admirados e amados espontaneamente. A admiração ensinada desperta a idolatria, em que a essencia do mérito se desvanece sob a inevitável devoção dos defeitos e erros que coexistem com as virtudes dos heróes. E' ainda certo que quasi sempre o culto dos heróes é uma injustiça das circunstancias, ou é uma demonstração da fraqueza e inferioridade dos que os exaltam. O cumprimento do dever, pois que é um dever, não pôde ser exaltado, senão como um feito de exceção, e a exceção desmoraliza os que o celebraram. E'

o que explica porventura que o culto dos heróes coincida com a decadência dos povos. O heroísmo são, o heroísmo que fôra preciso, aos que crêm na efficacia do exemplo, darem-no por exemplo, é o heroísmo obscuro, silencioso, dos que cumprim na abnegação e no sacrificio o seu dever, sem a admiração própria ou alheia, sem estímulo de premio, guiados pela só consciencia. E' na multidão anonyma que passam esses heróes verdadeiros, de cujos actos se faz o pedestal e a estatura dos heróes extensivos.

Do exercito militar permanente, como escola de carácter, como factor da segurança concreta do paiz, sinto, contra a opinião geral e a palavra eloquente de amigos, duvidar da sua efficacia. Na guerra da Europa, onde outros acham fundamento para alarmar e iniciar o Brasil na pratica universal da milicia, encontro eu só argumentos para contestar a oportunidade da educação guerreira e afirmar a sua provavel nocividade aos interesses do Brasil. E' verdade que o nosso Exercito de vinte ou trinta mil homens é insufficiente para a defesa do paiz num caso de guerra. Bastarão, porém, duzentos mil, quinhentos mil, ou um milhão, se persistirem as nossas condições económicas, ou ainda que melhoradas a economia e as finanças, se não houver uma esquadra capaz de garantir o paiz de um bloqueio? E comporta a fortuna nacional a manutenção de uma esquadra numerosa e apta a defender os portos do Brasil, desde o Amazonas ao rio Uruguay, simultaneamente com o sustento de forças de terra, que em paz hão de crescer na medida das necessidades da instrucção dos voluntarios reservistas, e em guerra attingirão um effectivo de centenas de milhares? E fôra ainda assim efficiente a defesa? A Belgica, com um apparelamento militar perfeito, finanças optimas, estradas de ferro e canaes estratégicos, multiplicidade e riqueza de industrias, uma assombrosa bravura e uma sobre-humana resistencia, teve de ceder ante um inimigo mais forte, pelo numero e no-

vos engenhos de guerra. Não concluo dahi pessimisticamente que o Brasil deve descurar a sua defesa. Mas, reconhecido que com trinta mil homens bem adextrados ou com centenas de milhares apenas instruidos, não se modifica a nossa incapacidade defensiva, sem a necessaria capacidade economica, inattin-givel por enquanto; é preferivel que o Brasil se conforme á sua condicão actual e procure formar a sua segurança e o seu socego no trabalho de uma diplomacia esclarecida, como tem sido a nossa, e que lhe firme no momento critico a alliança de nações prestigiosas, ou melhor que concorra pela sua attitude pacifica, serena, sincera, a agir para afastar todas as hypotheses de conflito, todas no caso do Brasil, susceptiveis de solução digna sem a arrogancia bellicosa peculiar aos loucos e barbaros, ou aos povos intoxicados pelo longo costume e permanente admiração de feitos militares.

O Brasil, paiz do sul da America, isento do entrechoque de raças inimigas, constituido menos por conquistas que por consenso internacional, experimentando no beneficio das soluções por arbitramento, com que tornou definitivos em tres casos os seus limites, sem protesto da parte vencida, possuidor de um territorio amplo, que o immuniza de ambições aventureiras e consôa as suas proprias necessidades com as vantagens da gente estrangeira extravasante dos solos nataes, o Brasil deve ser o pregoeiro da civilisação pacifica, confiante no direito, pertinaz no ideal da solidariedade humana, que ainda considerado como ideal inattin-givel é sempre uma expressão valiosa de bondade e um credito de justiça, de nobreza e de superioridade moral, que inspira o respeito e enlaça a sympathia dos mesmos que não partilham as esperanças desse ideal. Nem nós precisamos crear o orgão desse prégão, pois que a Providencia nos servio com a palavra fecunda, grande, sonora e possante, que é um incansado clamor de justiça contra a rudeza das forças cegas: a palavra de Ruy Barbosa.

Se é, porém, necessario socegar e contentar o animo aprehensivo de brasileiros sinceros, prepare-se a defesa do paiz, dando amplitude e força á sua esquadra. E' principalmente nella que o Brasil terá a sua segurança, porque o Brasil é um paiz quasi insular, entre o oceano e os grandes rios navegaveis que lhe acri-solam as fronteiras e lhe entrecortam as terras. Fôra possivel sem imitar os paizes ricos, sem o luxo de grandes encouraçados que valem fortunas, crear e manter uma numerosa frota, maritima e fluvial, guerreira e mercante, da qual fossem unidas centraes os actuaes navios. A principal condição de defesa naval que é o conhecimento minucioso da costa, a pratica incessante da navegação, estaria realizada com a annexação de toda a frota do Lloyd á marinha de guerra, como navios auxiliares, de commando e guarnição da Marinha, adaptaveis ao serviço guerreiro. Escola de officiaes, escola de marinheiros, em tempo de paz desempenhariam a sua função de commercio, com dobrada vantagem para o Estado e utilidade para o trafego maritimo entre os portos brasileiros. Todo o desenvolvimento dado á marinha com o augmento das suas despezas, ficaria compensado pelo desenvolvimento economico do paiz, pelo accrescimo das rendas particulares e publicas, proporcional á multiplicidade dos meios maritimos de transporte.

Mas a defesa do Brasil, a defesa practica, real, efficaz, definitiva, será dada pelo tempo, como resultado das condições e recursos naturaes do paiz; será a sua prosperidade economica. Paiz onde ha prosperidade economica natural, onde a riqueza não é confinada a um pequeno numero de sorteados, senão generalizada; onde a vida é facil; onde ha contentamento individual; onde não se embaraca o esforço espontaneo por meio de leis tendenciosas; onde se deixa curso á expansão de todas as forças, sómente contidas pela justiça; nesse paiz forma-se, com a independencia economica, o caracter; firma-se o sentimento do dever

cívico, concebe-se concretamente a liberdade, compõem-se os interesses em communhão, desenvolve-se o espirito, alastrase o ensino, apura-se a cultura, surge o genio inventivo e artístico, aperta-se a cohesão nacional; então ha uma patria na consciencia de todos e tem vitalidade forte, sem ser preciso que lh'a dêm e a entõem a cada instante no culto e nas lôas dos symbolos.

O que pôde ser feito desde já, e só pôde ser feito pelo governo, em antecipação e collaboração da obra do tempo, em concurso com as forças da natureza, em conformidade com a lição da nossa historia e da nossa geographia, e sobretudo em obediencia á nossa Constituição, é a mudança da Capital da Republica para o planalto de Goyaz. Não fôra preciso mais ao pre�aro da defesa material, politica, moral, intellectual, economica e nacional do Brasil. Constituiria o seu simples enunciado um papel da autoridade competente, um programma de progresso, um evangelho da civilisação brasileira. Que motivos terão até hoje desviado a attenção dos homens politicos da observancia desse preceito constitucional, imperativo na sua fórmula, e illuminado de sabedoria no seu pensamento?

Promulgada a Constituição, providenciou logo o Governo sobre a exploração e delimitação do territorio prefixado para a definitiva Capital do Brasil. Não podiam ser mais animadoras as informações constantes dos minuciosos relatorios que apresentou a commissão dirigida pelo Engenheiro Luiz Cruls. Extensão da área, com a capacidade para quatro milhões de habitantes, altitude, topographia, clima de 18.º todo o anno, mananciaes sufficientes para abastecerem a maior cidade do mundo, situação quasi geometricamente central entre o deserto fecundo de Mato Grosso, Goyaz e Amazonas e os sertões inexplorados da Bahia, Minas e S. Paulo. Lembra-me o entusiasmo com que acabei de ler esses relatorios, e a esperança que me alargou o espirito ao descortinar-se-me o futuro do Brasil firmado em alicerces tão fundos e for-

tes como as raias das serras immensas que lhe erguem no planalto central a configuração de dominio sobre todo o solo, escalonado em declive até a orla do oceano de um lado e do outro até ás margens dos rios caudalosos. Carioca, tendo aqui permanecido quasi sempre, amando mais do que a toda outra região esta cidade natal, não vacillei em antepôr ao meu sentimento a utilidade do paiz. Afigurou-se-me então e ainda se me afigura facil a realização da mudança da Capital, sem dispendio por parte do Governo de outro dinheiro que o do transporte da gente e das cousas officiaes. Estou certo que não seriam poucas as empresas que acudissem á concurrença para construcção da nova cidade, a troco de vantagens de exploração, concessão de privilegios urbanos e de estradas de ferro. E' possivel que naquelle tempo parecesse arriscado o exito do emprendimento. Hoje, porém, o caso de Bello Horizonte deve alentar os mais incredulos. E mais do que Bello Horizonte a Capital do Brasil terá todos os elementos da rapida prosperidade, já porque como Capital do paiz em si mesma, tem a força de attracção e de expansão, já porque viria apagar o estorvo criado pela incuria e escassez do homem, ao desenvolvimento da população interior.

A escolha do Rio de Janeiro para Capital do Brasil obedeceu intelligentemente ás condições da época da colonização; Rio de Janeiro ficava ao centro da faixa littoranea que a principio os Portuguezes defendiam da cobiça de estranhos; era ainda pelo seu porto e seus rios o ponto melhor para a penetração de S. Paulo e Minas, e consequentemente para emporio da producção dos Estados mais ferteis. As condições são agora diferentes. O Brasil, no seu aspecto geographicopolítico é teratológico. Apresenta um littoral explorado, séde das principaes cidades, e um territorio cem vezes maior, ainda por explorar, mas já conhecido como um dos mais ricos do mundo. A accão do tempo, se o trabalho

humano ficar á mercê dos embargos que offerece a extensão do territorio e das difficuldades creadas pela absorpção de todas as forças na faixa do littoral, só daqui a seculos dará ao Brasil a posse concreta e o gozo utilizado de todas as suas terras e riquezas. A mudança da Capital será a antecipação secular dos effeitos do trabalho humano. Será o concerto geographicopolítico do Brasil, será a sua reconstruçao mecanica e physiologica. O paiz terá o seu centro director onde a natureza traçou a séde do domínio soberano. Installada no planalto, ligada como logo será, por estradas de ferro e pelos rios ás capitais de todos os Estados, numa breve distancia de dous ou tres dias no maximo, a qual o é hoje, para algumas, de 16 e 19 dias, a Capital será um fóco de irradiação do comércio e da industria, ao invez do que é agora, um ponto de deslocação e de isolamento. Todas as terras sertanejas, que o mappa nos mostra desertas e quasi tão distantes e ignoradas como o interior da Africa, serão, sem necessidade de propaganda, só pelo contacto das via-ferreas e pela multiplicidade das communicações, terras de cultura de toda a especie.

E o maior problema brasileiro que é o da cohesão nacional será resolvido. O regionalismo se esvaecerá á proporção que se fôr entrelaçando o conhecimento e o convívio de Brasileiros de Estados distantes, que hoje nem se communicam nem têm a possibilidade de communicate-se.

A defesa material do paiz não soffrerá num caso de guerra, o risco que seria hoje a exposição do Rio de Janeiro a um ataque concertado por mar e terra, com a annulación da capacidade directora do movimento defensivo. Em vez de servida só por um porto e por uma estrada de ferro, a Capital no planalto teria a seu serviço todos os portos e todas as estradas do Brasil.

Da transformação moral que a mudança determinaria, pode-se avaliar pelo que fez nesta nossa cidade a transposição do movimento da rua

do Ouvidor para a Avenida Rio Branco.

Rio de Janeiro, moralmente pouco mais que aldeia, confinado na sombra exigua de um beco, afeita aos mexericos e conspirações, avejou costumes e maneiras na claridade e largura da grande avenida. Hoje é verdadeiramente uma cidade cidadã. Mas, como capital, tem de mais o cosmopolitismo de feira, effeito do seu progresso, expansão da sua importancia mercantil. O contacto dos negócios, a mescla dos atravessadores, a faina do trafico de beira-mar, não convém ao centro politico da nação. O cosmopolitismo empece a acção tranquilla dos poderes publicos. No planalto, fóra da turbulencia peculiar aos mercados do mundo, a Capital terá o ambiente mais adequado, respirará em atmosphera de montanha oxygenada pelas florestas brasileiras, e por muito que se desenvolva com o concurso de gentes de outras terras, nunca se desnacionalizará ao grão de cosmopolitismo desta grande cidade maritima.

Taes serão os provaveis effeitos da mudança, e acredito que esta é a opinião individual de cada um dos homens politicos do Brasil. Não atino, porém, com a causa do adiamen-to indefinido, já não digo da realização, mas da cogitação dos meios de dar realidade prática ao preceito constitucional. Parece que o acto não mais depende da resolução do Congresso, e compete exclusivamente ao Governo. Do Presidente da Republica, como autoridade mais qualificada para julgar a oportunida-de da mudança é que todos talvez esperam o impulso orientador e formador da opinião collectiva.

Neste presupposto deliberei emergir do meu silencio anonymo para fallar a V. Ex. com o meu sentimento brasileiro e pedir a V. Ex. que tome a iniciativa dessa idéa, esquecida durante vinte e quatro annos por quantos têm aceitado a responsabilidade da direcção do paiz, e que tenho a certeza o espirito esclarecido e ponderado de V. Ex. reconhecerá como é profundamente vantajosa

para o Brasil. A oportunidade é indiscutivel. Approxima-se o centenario da nossa independencia politica e já se aventam os projectos da commemoração da maior data nacional. Que monumento, que eloquencia, que feito, que homenagem, que regosijo equivalerá á simples instalação da nova Capital, que será a integração do Brasil na posse efectiva do seu territorio, no sentimento de sua grandeza, na unidade das suas forças, na consciencia do seu destino?

Não exagero affirmando que será a ratificação da descoberta do paiz, com a diferença que não a farão mãos adventicias, mas os proprios filhos da terra bemdita, despertos de um seculo de somnolencia. E pois que, para completar a commemoração, é preciso como nos lances solennes da significação historica, recorrer-se a um symbolo que melhor falle á imaginação e ao sentimento popular, neutralizando as preferencias regionaes, seja esse symbolo o proprio nome do BRASIL dado á nova cidade: será o coração, o cerebro, o passado e o futuro, a essencia da nação brasileira, em torno da qual gravitem harmonicos e perennes os Estados Unidos do Brasil. (Mario de Alencar, carta aberta ao Sr. Presidente da Republica. — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

OS MEDICOS E O FUTURO DO BRASIL

Anda nestes ultimos tempos a nossa gente mergulhada numa inquietação anciosa pela sua segurança, como se o terremoto que lavra em estado de mal as regiões da Europa estivesse a ponto de nos invadir o sub-sólo, ou a peste *rubra* nos batesse á porta; ninguem adivinha o dia de amanhã, todos se previnem e se resguardam. Ainda bem que, embora tarde, este movimento se alastrá por todo o Brasil, com a estimulação do Governo e o apoio do povo e sob os auspicios patrióticos da Liga da Defesa Nacional.

A primeira condição do bom exuto desta campanha é o completo abandono de tudo quanto existia antes, escavado um profundo fôsso entre o passado e o futuro. Conservar lado a lado os remanescentes de um regimen militar absoluto, que fazia do exercito "o meu exercito" (lá do seu rei) e do soldado alguma cousa pouco menos que um subdito e pouco mais do que um escravo, e o regimen militar como deve ser o de uma democracia, em que o soldado será exclusivamente o cidadão em armas para a defesa da patria, é deitar num copo oleo e agua e ficar á espera de que se combinem.

Ha duas especies de serviço militar: — durante a guerra e durante a paz; no primeiro a patria exige de todos os seus filhos tudo, sem restricções, — o seu dinheiro, o seu corpo, a sua vida, e tudo pôde ser nada; no segundo, só uma cousa lhe é licito exigir — a sua preparação militar, para que lhe não peça um sacrificio inutil na hora do perigo. Serviço militar obrigatorio não é, portanto, obrigatoriamente montar guardas, prestar-se a criado, como ordenança, fazer o "footing" cadenciado nas avenidas, obsequiar, em paradas e exercícios, a hóspedes illustres, dar o seu sangue para depôr ou repôr governadores, á mercê da politagem vencedora. Se é para isto que vão tirar aos campos os seus lavradores, ás industrias os seus operarios, ás escolas os seus alumnos, na melhor idade da vida, mais vale deixar como estava, porque o habito é uma segunda natureza e ninguem mais o sentia. A arte da guerra não se aprende nas cidades mas nos campos longe das distracções e do bulicio e como recolhida a alma á meditação dos deveres que ali se fortalecem.

Cumpramos, pois, a lei do sorteio militar sómente porque é lei e a ella devemos obediencia, mas pugnemos com todas as energias por um regimen que esteja de accordo com a nossa indole, com as nossas necessidades, com as nossas condições

geographicas, com os principios republicanos promettidos na Carta, emfim, que seja nosso e não se atenha á preoccupação subalterna de repetir o que já foi feito. As demonstrações de applauso que recebeu do Governo o projecto Mauricio de Lacerda dão-nos o direito de pensar que se estas idéas não se inscrevem no seu programma ao menos pairam no seu pensamento, e entremostram a esperança de que não nos ha de fallecer a coragem de construir o nosso modelo de reorganização militar, segundo o aviso do Padre Antonio Vieira: "Armas alheias, ainda que sejam as de Achilles, a ninguem deram victoria".

O outro grande problema de que vos fallei refere-se á educação dos nossos patricios. Não ignorais que, enfileiradas as nações pelo numero dos seus analphabetos, a nossa occupa um dos primeiros lugares, e que esse é exactamente o estalão pelo qual elles se julgam. O analphabetismo é o cancro que aniquila o nosso organismo, com as suas multiplas metastases, aqui a ociosidade, alli o vicio, além o crime. Exilado dentro de si mesmo como em um mundo deshabitado, quasi repellido para fóra da especie pela sua inferioridade, o analphabeto é digno de pena, e a nossa desidia indigna de perdão enquanto lhe não acudirmos com o remedio do ensino obrigatorio.

Dirão muitos dos que me ouvem: Que têm tudo isto com a medicina e com os novos medicos? Tem muito. A nossa missão, se a exercemos exclusivamente dentro da nossa arte, já é incomparavelmente nobre, mas se com ella ainda melhor servirmos á Patria, será então inapreciavel. Não se confunde com nenhuma outra a vida do medico. Ministrados desde a adolescencia no hospital, aos padecimentos e ás misérias, na idade em que o coração ainda se não contaminou nas maldades humanas, vamos contrahindo cada vez mais o que eu pediria liçença para chamar, em linguagem tirada do nosso officio, a anaphila-

xia da piedade: longe de se callejar com o tempo, a nossa alma, como tantos o presumem, pelo contrario se amollece, e não só as grandes dores que nos movem a compaixão, senão as simples maguas que aos outros deixam indifferentes. A monotonia do soffrimento alheio não nos gera o tedio, mas a ternura, e assim a nossa bondade não é nossa, é da natureza das cousas, ou — por que não subir com o pensamento? — é de Deus, de quem recebemos a sua irradiação, porque delle nos approximamos mais do que os outros homens. Tem cada um a sua familia, nós temos as de todos ou todos nos têm; nellas entramos num dia como medicos, no outro já somos amigos e acabamos como filhos. Contam que no Imperio, em casa de grande prole, em que só o mais moço se distinguio, chegando á Presidencia do Conselho, não tomavam os outros nenhuma resolução mais grave sem dizer: vamos primeiro consultar o nosso irmão mais velho. Pois o medico da familia, qualquer que seja a sua idade, é sempre o irmão mais velho.

Como detentores desta immensa força social, meus caros collegas, é que exercereis a vossa profissão; aproveitai-a em beneficio da Patria. Dous dos nossos mais queridos e reputados mestres já o pediram com inexcedivel eloquencia. "Os que de vós forem para o interior do paiz, disse Austregesilo, poderão iniciar campanhas prophylacticas e curativas contra as doenças regionaes, porque como se fazem propagandas religiosas e politicas poderemos realizar tambem, com esforço particular, e não sómente implorando aos governos, o inicio da luta feliz contra os parasitas damninhos que destroem o homem brasileiro". E Fernando Magalhães: "E' preciso que cada um dos medicos reunidos neste Congresso saia daqui com a preoccupação de levar até á casa do doente e fazer penetrar profundamente no espirito dos habitantes desta terra a noção do amor ao sólo natal".

E eu tambem do fundo do coração vô-lo exhorto, neste momento de des-

pedidas e em que vos ides disseminar por todo o nosso amado Brasil. Formemos uma especie da Cruzada da Medicina pela Patria. Lembrai-vos da extensão immane do seu territorio, onde não pôde entrar em cada canto a acção do Governo, e o substitui pela vossa autoridade onde quer que vos acheis: ensinai, forçando um pouco a nota da persuasão, a prophylaxia de todas essas doenças evitaveis que fazem o nosso descredito e o nosso atraso; pregai que a maior benemerência é cada um que sabe ler ensinar a um que o não saiba; apontai ás crianças o caminho da Escola e aos moços o ideal da Patria grande e prospera. Emfim, em cada casa onde penetrardes sede o irmão mais velho.

(Do discurso proferido pelo dr. Miguel Couto aos doutorandos de medicina de 1916, Rio de Janeiro).

AS BIBLIOTHECAS NO BRASIL

Em recente trabalho da Directoria de Estatística do Rio, figura o Estado de S. Paulo com 72 bibliothecas, inclusivé as officiaes e publicas, as de estabelecimentos de ensino, repartições, etc. Vêm em seguida o Distrito Federal, com 45; Minas, com 36; Pernambuco, 27; Rio Grande do Sul, 27; Bahia, 23; Estado do Rio, 15; e outros Estados com menos de dez cada um. Ao todo, 304 bibliothecas publicas e semi-publicas (associações, repartições, casas de ensino, etc.), officiaes e não officiaes, geraes e especiaes. Devemos notar que essa estatística não é completa: refere-se apenas ás bibliothecas de que a citada Directoria teve informações em 1915. Segundo os calculos dessa Directoria, calculos muito falliveis, o total deve elevar-se a 712. Mas, para elevar-se, é preciso sommar o numero das bibliothecas arroladas naquelle anno com o das anteriormente computadas. Quantas destas, porém, não teriam desapparecido? Demais, como declara a propria Directoria no seu relatorio de 1915, "a importan-

cia dessas livrarias é muito variavel", sendo que "algumas têm mesmo importancia simplesmente nominal" — maneira um pouco complicada de dizer que algumas não existem...

Setecentas e doze bibliothecas, em todo caso, parece já um bello numero, e não faltará quem folgue com essa constatação. Não vemos entretanto, motivo para grande jubilo. Se dessas setecentas e doze descontarmos as que não se franqueiam ao publico, e as que embora francas, não correspondem aos fins, ou por falta de livros, ou por desorganisação, ou por outras causas, — o numero de bibliothecas que de facto facilitam a diffusão de conhecimentos entre o povo ficará reduzido a proporções lamentaveis. Mas nem é preciso isso. Basta considerar-se que todas essas bibliothecas juntas, sempre segundo a mesma Directoria, não possuem mais de um milhão de volumes. Para um paiz de 25 milhões de habitantes, ninguem dirá que não seja uma ridicularia. Só uma cidade britannica, Edimburgo, com 300.000 habitantes, possue outro tanto... Não é isso: possuia um milhão de volumes, nas suas diversas bibliothecas "publicas", publicas de verdade, ha varios annos atrás. E' esmagador? Pois ha melhor. Os Estados Unidos, só no que se refere a livrarias abertas ao publico, franqueadas a toda a gente, criadas para o povo, fizeram os seguintes e modestos progressos, de 1859 para cá:

Annos	Livrarias publicas	Volumes
1859	1.297	4.280.866
1875	5.687	12.329.526
1885	8.326	20.522.393
1896	11.210	34.596.258
1900	14.644	46.610.509

Em 1900, mais de quatorze mil bibliothecas publicas, com quarenta e seis milhões de volumes... Depois disto, é natural que continuemos a repetir que a patria de Washington é uma terra de materialões

preocupados exclusivamente com a caça ao dollar, e que em materia de intellectualidades não ha, no continente, como este nosso Brasil, vadio sim, mas intelligente como o diabo. (*O Estado de S. Paulo — S. Paulo*).

O PROBLEMA DO FUNCIONALISMO

Segundo uma estatística recente, a União brasileira é servida por 30.809 funcionários civis "titulados", isto é, excluidos os jornaleiros, diaristas, etc. Repartem-se esses ... 30.809 funcionários, da maneira seguinte: Viação, 9.959; Fazenda, ... 7.479; Marinha, 4.645; Justiça, ... 3.944; Guerra, 2.727; Agricultura, 1.850; Exterior, 205. Segundo vencimentos: até 200\$000, 17.491 funcionários; de 200\$000 a 300\$000, 5.444; de 300\$000 a 400\$000, 3.560; de 400\$000 a 500\$000, 1.805; de ... 500\$000 a 600\$000, 893; de 600\$000 a 800\$000, 850; de 800\$000 a 1.000\$000, 422; de 1.000\$000 a ... 1.500\$000, 223; mais de 1.500\$000, 121. Desses 30.809 funcionários, mais da metade trabalham nas seguintes repartições dependentes dos ministerios: alfandegas, 4.901; correios, 3.815; telegraphos, 2.772; E. Central do Brasil, 2.429; arsenaes, 2.194; policia do Distrito Federal, 1.738; Sau'de Publica, 1.160.

Parece á primeira vista que é excessivo. Olhando as coisas de perto, já esse numero não assusta. Pôde-se mesmo afirmar, sem receio de contestação seria, que o Brasil podia ter mais funcionários... Ninguem poderá dizer, seriamente, que esses 30.000 funcionários sejam todos vadíos. Uma grande parcella delles dá conta, mais ou menos bem, das suas obrigações; não são mesmo raros os funcionários que fazem mais do que a obrigação, e podem ser considerados optimos. Digamos que metade daquelle numero é constituida de indolentes e relapsos. Mas os abundantes e complicados serviços publicos da União — correios, telegraphos, alfandegas, etc, etc. — não se poderão fazer com 15.000 funcionários: isto entra pelos olhos. Portanto, a questão reduz-se a uma substi-

tuição de maus funcionários por funcionários prestaveis. Reduz-se a essa substituição, e a uma distribuição mais racional dessa quantidade de funcionários pelos diferentes ramos de serviço. O que se observa actualmente é que em certas repartições ha um visivel excesso de empregados; mas apenas em certas repartições. Nem sempre se leva em conta que muitos serviços perecem por falta de pessoal: os correios e telegraphos, por exemplo, para poderem dar conta da sua importantissima tarefa, em todo o Brasil, precisariam do dobro, talvez dos empregados actuaes. Basta pensar na necessidade de agencias postaes e telegraphicais, de que se resentem todas as grandes cidades, e ainda mais as zonas sertanejas. Tudo bem ponderado, chegar-se-á sem dificuldade á conclusão de que trinta mil funcionários escolhidos a dedo, e bem dirigidos, poderiam melhorar extraordinariamente a marcha dos serviços publicos, — mas não seriam sufficientes para os serviços novos, de que precisamos, e para as ampliações de serviços, que são reclamadas pelos interesses do paiz.

O "problema do funcionalismo", neste paiz, não é pois, para ser resolvido simplesmente a golpes de demissões. Elle consiste, não no excesso, mas na má escolha e na defeituosa distribuição do pessoal. Exija-se mais seriedade na selecção dos candidatos a empregos publicos: para isso podem mesmo propor-se processos novos em substituição dos concursos, como, por exemplo, uma interinidade preliminar, durante a qual se desenvolva em torno do candidato um systema bem combinado de provas praticas, cujos resultados sejam registrados e oportunamente exhibidos ao governo. Exija-se também uma distribuição mais razoável dos funcionários pelas diferentes repartições, de modo a acabar-se com a congestão de algumas em prejuizo de verbas que podiam custear o pessoal necessário em outras. O meio de conseguir ambos esses fins seria, talvez, criar-se uma classe de funcionários "interinos" e "mobiliáveis", independentes de quaes-

quer ministerios, mas com o preparo basico indispensavel ao exercicio de certas funções em qualquer dos ramos de serviço publico. Essa classe forneceria ás diversas repartições o pessoal extraordinario de que elles carecessem nas épocas de aper-
to, e forneceria tambem a maior parte dos empregados fixos de que elles fossem precisando, ou por effeito de vagas abertas, ou por necessidades normaes do serviço. O numero desses empregados interinos e "volantes" seria calculado para cada exer-
cicio, de modo que nunca ficassem parados, que estivessem continua-
mente em trabalho, ora numa, ora noutra repartição. O governo fica-
ria com o direito de tornal-os effe-
ctivos e de fixal-os, conforme as aptidões e qualidades que revelassem,
ou de dispensal-os no fim de um cer-
to prazo. Uma grande commissão de
funcionarios publicos reunir-se-ia em
cada semestre ou cada anno para
examinar os "dossiers" dos interi-
nos, escolher os melhores, e ir assim
apurando o nucleo reduzido daquel-
les nos quaes as nomeações devessem
recahir... (*Estado de S. Paulo — S. Paulo*).

A MISSÃO DA MOCIDADE

"...Jámais abdiqueis aquillo que deve constituir a parte central do vosso ser, e que é a propria razão de existirdes, porque é, na sua expres-
são original e independente, uma nova tentativa da Natureza para a perfeição. Sede sempre os guardiões se-
veros e zelosos desse thesouro interior que vos dá uma individualidade e
vos traça uma esphera de acção em
que vos podeis revelar, não como co-
pias apagadas e frustres, mas como novos exemplares de existencia, ricos de possibilidades, estuantes de ener-
gias poderosas. Vale dizer que deveis formar o vosso caracter, conserval-o, fortifical-o, enriquecel-o, dar-lhe ca-
da vez mais a solidez de contornos que vol-o recorte em linhas nitidas e inconfundiveis. Sei bem que levaes o es-
pirito formado, todas as vossas fa-
culdades em completo desenvolvimen-
to; que alliaes á unidade da vossa organisação mental, a estabilidade das

vossas attitudes. Mas é preciso uma solicitude constante. Até aqui tendes vivido num ambiente de estufa em que tudo conspirava para esse resul-
tado. De ora em diante tudo vae mudar. Se até agora se cuidava de manter inviolada a vossa personali-
dade, de agora em diante vae ser o contrario: por mil modos differentes será posto á prova o vosso poder de resistencia. Solicitações de toda or-
dem — promessas refalsadas da be-
nevolencia interesseira, ameaças jac-
tanciosas dos egoismos contrariados,
em summa, a compressão tentacular e multiforme, necessariamente ine-
vitável, do meio em que ides viver,
vos deixará pelo caminho, esgarça-
dos, em farrapos, se não vos preca-
verdes desta armadura interior, que é a firme disposição de vos manter-
des sempre iguaes a vós mesmos, sem-
pre—vós mesmos. Para o vosso bem,
porque de outra maneira não pode-
rieis ser felizes, porque por outra
fórmula não poderieis crer, sonhar, agir e triumphar, para o vosso bem e tam-
bem um pouco para o nosso bem,
poupaes-nos esse espectaculo deprí-
miente dos seres de apparencia hu-
mana — fórmas sem fundo, automa-
tos inexpressivos, — degradados á condição miseravel dos brutos; sem
consciencia, sem vontade, sem alma,
sem dignidade. "Sem dignidade",
sim, o termo é forte, mas é exacto.
A dignidade humana é ser homem,—
alguma coisa com que se deva contar,
uma nova fonte de energias capazes de actuar e produzir, criar e se de-
senvolver; não o pallido reflexo, o
simples prolongamento, a méra imitação servil e incaracteristica do
alheio gesto ou da alheia vontade.
Sêde sempre vós mesmos — para
serdes alguma coisa, para poderdes
alguma coisa. E' esta a unica base
em que podereis edificar, vós que da-
qui levaes a alma regorgitante de no-
bres ambições.

... Meus jovens compatriotas, é preciso que não vos tachem de faltos de ideaes, como a nós outros da ge-
ração que vos precedeu. Nós tive-
molos. Mas eram postiços e de em-
prestimo. Importações do nosso sno-
bismo insipiente, não tinham raizes
profundas na intimidade do nosso ser, não podiam impellir-nos para a

frente com a dynamogenia incontrastável das grandes convicções robustas e sinceras. Vós surgis no instante asado, em que um largo sopro regenerador perpassa o nosso paiz, de horizonte a horizonte. Através dos ares lavados e puros, sóbe para o seu apogeu, como uma estrella o grande ideal fascinador da constituição da nossa nacionalidade. Sonho de ouro, que é bello, porque é o arranque de todo um povo para as sublimidades do espirito e do coração; que é forte e generoso e vitalisante, porque é a propria voz do nosso instineto de conservação que clama, a nossa propria individualidade que insta por se constituir e se affirmar. Nada mais tendes a fazer do que vos alistardes na valorosa cohorte que neste momento se apresta para a luta. O conjunto de circumstancias favoraveis que vos rodeia, já vos traçou a rota a seguir. E' a linha recta que vos levará, de ascenção em ascenção, até este ápice portentoso — o maior desenvolvimento, a grandeza da nossa Patria. Alinhae-vos sob a bandeira nacionalista. Acolhei-vos á sombra do nosso glorioso pavilhão. O "auriverde pendão da nossa terra" acena-vos com "as promessas divinas da esperança". Elle é a synthese concreta e fulgida do mais bello e propulsivo dos ideaes, o ideal patriotico, o que arrasta e allicia multidões, porque tem a sua base em nossa natureza, que não é só preoccupação pessoal exclusivista, egoismo sordido e rasteiro, como não é tão pouco, unicamente, abnegação, desinteresse, espirito de sacrificio. Mais felizes do que nós, as vozes de commando que ouvis, são as do vosso proprio desejo. E, para seguirdes, triumphante, a vossa derrota, basta apenas que sigaes sempre para diante, sempre mais alto! Os nossos antepassados fizeram a abolição e a Republica; a vós coube por sorte esta tarefa ainda mais grandiosa, a mais grandiosa de quantas podem desafiar os esforços de um povo verdadeiramente viril: deveis formar a alma nacional. Attentae bem para isso. Vêde que empresa se vos confia, que mundo de esperanças se deposita em vossos homens. Pelo "fiat" estupendo da vossa

vontade, deveis reunir numa só alma, num só impulso vigoroso para a frente, vinte milhões de brasileiros, vinte milhões de unidades conscientes cujos esforços conjugados deverão constituir o Brasil de amanhã, esta criação gigantesca: na mais bela das regiões do globo, a mais bela das civilisações, — a mais caracteristica, a mais forte, a mais activa a mais acolhedora. E não julgueis que é este o sonho de um patriota em delirio. O destino nos foi caroavel. Forneceu-nos todos os elementos para as mais ousadas construcções. Todas as raças aqui se fundem numa synthese variada e rica. O nosso territorio, extensissimo, de climas e aspectos variadíssimos, — "habitat" predestinado á humanidade vindoura, no dizer insuspeito de Réclus e Humboldt, — se de um lado não nos estimula os sentimentos guerreiros de conquista, de outro não restringe os nossos horizontes ao ambito acanhado das pequeninas patrias. Deu-nos o destino este presente do céu, rasgando á nossa perspectiva as mais largas avenidas: todas as possibilidades de futuro!

Só resta que vos mostreis dignos detentores desta preciosa dadiva. Confiantes em vós mesmos, com aquella serena coragem dos que sabem que o dardo da vontade humana, fortemente distendido pelo ideal, é o mais formidavel potencial que se conhece, atirae-vos á accão: sempre para a frente! sempre para cima! Mas é preciso que sejaes bastante corajosos e fortes, para não contornardes os obstaculos, não tergiuersardes com as dificuldades, não transigirdes com as apparencias. E' preciso que o vosso olhar, resoluto e implacavel, não se desvie das realidades substanciaes para as miragens enganadoras. E' preciso que sejaes bastante sinceros e francos para com vós mesmos, para não vos contentardes com as fórmulas, desprezando o fundo das coisas; para que, ao suppordes alcançado o fruto dos vossos esforços, não tenhaes apenas attingido um punhado de nada, poeira van que se espalha e se evola. Do contrario, ou sereis infantilmente ridiculos, ou despreziveis como his-

triões. E' o dilemma a que não ha fugir. Dilemma que, infelizmente, tem sido applicado com justiça ao actual estado de coisas em nosso paiz. Vivemos num regimen de "fachadas", "fitas", gestos que nada exprimem. As nossas instituições são as mais adiantadas; temos todas as conquistas da civilisação. Mas só no papel. As nossas leis são as mais sábias e liberaes que existem. Mas não se executam. Nas nossas relações internacionaes affectamos certa superioridade moral, que não pôde senão impressionar bem aos que nos julguem. A nossa Constituição institue o arbitramento como recurso obrigatorio para a solução de todas as questões que acaso surjam entre o nosso e os demais paizes. Nenhum outro paiz já assignou até agora tantos tratados de arbitramento, como o nosso. Fomos os primeiros a protestar contra a invasão da Belgica. No congresso da Haya, o nosso embaixador se elevou immensamente no conceito universal, como o mais denodado campeão da soberania dos pequenos Estados e da justiça internacional. Evidentemente fazemos boa figura. Mas que contraste entre a apparencia e a realidade! Se repetimos sempre o estafado rifão de que a justiça deve começar por casa, ao passo que nos batemos com ardor pelo seu imperio em toda outra parte, deixamos que ella aqui pereça e seja quasi um mytho. Blasonamo-nos de democratas, e o voto popular é uma burla. A honestidade administrativa... Mas que opinião formaria a nosso respeito o estrangeiro intelligent, que nos visitasse attrahido por todas aquellas especiosas recommendações, e aqui viesse encontrar exactamente a sua negação mais perfeita, o seu desmentido mais cabal? Hesitaria por certo, unicamente, na escolha de uma daquellas duas alternativas: ou somos um povo de ridiculos tolos, que não sabemos o que queremos; ou somos um povo de palhaços, que levamos todo tempo a fazer gatimanhos e momices, para espanto dos basbaques, ou para inglez ver. Como poderemos inspirar confiança na sinceridade dos nossos

bellos gestos, na lealdade das nossas attitudes?

E' contra este estado de coisas que deveis reagir. E' esta a vossa tarefa ingente. Batei-vos por um regimen de verdade e franqueza. Que as nossas conquistas não sejam illusorias. Que haja mais harmonia entre o gesto apparente e o gesto interior, do espirito e do coração. Guerra ás complacencias criminosas, attribuidas commumente á nossa bondade de alma, que tudo comprehende e tudo perdôa, mas que não serão talvez mais do que relaxamento, insensibilidade moral, inercia e comodismo. Têm-se-vos apresentado diversos caminhos a seguir na prosecução do grande ideal nacionalista: o serviço militar obrigatorio, a campanha contra o analphabetismo, a regeneração physica do nosso povo, combalido por todas as molestias... Realmente, o problema é complexo, e deve ser atacado por todas as suas faces. Rumareis por onde vos guiarão as vossas preferencias individuaes. Sereis amanhã militares, medicos, engenheiros, advogados, professores, e vos empenhareis nos combates pela organisação da defesa nacional, pela constituição de uma raça sadia e vigorosa, pela valorisação das nossas riquezas naturaes, pelo respeito ás leis, pela disseminação do ensino. Fareis com certeza obra meritória. Mas tudo será perdido se antes de mais nada, e principalmente, com inquebrantavel energia, exuberante alacridade, não trabalhardes, pela palavra e pelo exemplo, pelo exemplo sobretudo para a renovação do nosso ambiente moral, para a formação de um ambiente mais puro, em que não medrem a mentira falaciosa, a charlataneria traiçoeira.

Este é o escopo altissimo que se vos impõe. Não o attingireis se não vos fizerdes athletas de musculos de aço e vontade de ferro, pelo perseverante e carinhoso cuidado de vós mesmos. Não o attingireis se não vos apaixonardes pelo vosso ideal, até a idéa fixa, até a tensão fulgurante de todas as vossas energias. — (Albino Camargo — Discurso aos bacharelados do Gymnasio de Ribeirão Preto. — S. Paulo).

HOMENS
E COISAS ESTRANGEIRAS
CONSTANÇA E IGNEZ

Ignez de Castro, que algum mestrel da corte literaria de D. João Manoel intitulara " o collo de garça", era loura e bella. O Sr. Anthero de Figueiredo, o ultimo grande escriptor portuguez que a descreveu—e que a idéalizou — pinta-a, extasiadamente, como o typo da beleza gothica, delgada, os hombros de ave, o busto curto, as pernas altas, o andar de alvéola, os olhos verdes, a pelle da côr das perolas. Este retrato hieratico, de um Fra Angelico das letras, não vem nos chronistas assim composto em finas tintas gothicas. E' o resumo pictural da lenda, o que se ajusta á versão camoneana da sua candidez, da sua innocencia de flôr, da sua modestia virginal. Quão pouco, porém, este retrato formoso, boticelliano, tão appropriado ao prestigio poeticó da lenda, condiz com o retrato moral que pôde deduzir-se das suas acções de mulher! Essa Ignez, deve dizer-se, não é a dos historiadores, não é a de Fernão-Lopes nem a de Ruy de Pina, mas sim a Ignez dos poetas, adoptada, depois, por todos os narradores de historia.

Ignez de Castro veiu para a corte portugueza como companheira dilecta de D. Constança. Desde meninas que as duas são amigas. Não quizera a princeza separar-se dela. Tem-a a seu lado no paço, habitando em seus aposentos, quasi como uma irmã. D. Constança vive saudosa e entristecida. O esposo passa os dias na caça. Quando regressa e desmonta do cavalo escumante no terreiro feudal da cidadella, só tem para contar-lhe as proezas venatorias. Sente elle que a sua ignorancia grosseira não pôde captivar aquella alma fina? que não foi creada para a sua rude singeleza aquella princeza letreada? O unico talento que lhe conhecem é a pericia com que amestra falcões. Mas é pouco para ella!... D. Constança passa os

dias entre as suas cuvilheiras e donas, Ao pé de D. Constança havia Ignez, genuflectida; e Ignez, tão ignorante como elle, e porque era uma simples aia, não o intimidava. Pouco a pouco, um desejo sensual foi despertando na sua natureza rude, de uma animalidade impetuosa. Já a belleza de D. Constança estava tocada pela deformação da gravidez: esse cruel imposto que a mulher paga ao amor. Ao lado da princeza grávida, Ignez tinha o víçö de uma flôr inebriante. Era já impossivel dissimular os desejos que o devoravam. Elucidada pelo instinto infallivel de toda a mulher, Ignez sentia-se cubicada pela contemplação dos olhares ardentes que caminhavam pelo seu corpo. D. Constança, já proxima de ser mäi, começava tambem a comprehendêr. Mas o que ella não suspeita, pois a tanto não se atreve a sua imaginação leal, é que Ignez, a confidente, a amiga, quasi a irmã, alimete ou consinta aquelle desvario, que ás duas, do mesmo modo, affronta: a D. Constança como esposa, a Ignez como donzella. Sem fazer á sua amiga de infancia a injuria de a suspeitar complacente, a pobre princeza real, neta de reis, futura mäi de reis, pensa em desviar o marido daquelle funesto e criminoso enleio, pondo entre ambos o filho que vai dar á luz. Ignez será a madrinha do pequenino sér que já palpita nas suas entradas. O parentesco espiritual de compadrio, tão respeitado naquelle época de crença, constituirá um obstaculo aos desejos peccadores de D. Pedro. Porque é evidente que ella sabe, que ella sente rebates de medo, que ella tem zelos, que a martyriza o ciume. Ainda a ampara a cega confiança na lealdade de Ignez. Se a escolhe para madrinha não é, apenas, porque ella seja a querida amiga de infancia, mas tambem porque D. Constança quer offerecer á sua lealdade mais aquelle escudo de resistencia, vestir a sua virgindade de uma armadura. E' porque ella quer multiplicar as defesas daquelle torre de castidade. E' porque ella quer

obstar ao horror de ver convertida em uma rival traidora a sua querida Ignez. Emfim, é a hora da dôr: é o parto. Nasce o Infante D. Luiz. Ignez de Castro conduz á pia baptismal, como madrinha, o filho da sua ama e do seu futuro amante. No leito, a princeza sorri, tranquilla e aliviada. Mas, ai della! Oito dias depois de nascido, o pequenino e debil infante morre. D. Constança chora o seu primogenito como só as mães sabem chorar a morte do seu fructo. Seus olhos já não lhe consentem illusões. A paixão fatal segue o curso de cataclysmo, e já nada pôde detê-la...

Que cegueira é essa dos poetas por Ignez, que não os deixa ver a nobre e desventurada princeza, tão amiga de poetas, que soffre o suppicio atrôz de assistir aos amores do marido pela aia, e que lentamente definha de contemplar essa dupla traição, que não a offende só na dignidade de esposa e na altivez de infanta, mas tambem nas intimidades mais sensiveis do coração, onde aguardava, desde a infancia, o affecto de Ignez?

O escandalo é notorio. Já toda a corte murmura do desvario do infante. E' necessario que o rei intervenha e autoritariamente expulse do paço a inocente Ignez, cuidando assim restaurar o socego matrimonial da nora. Mas, com todo o seu real poder, o heroe do Salado não consegue fazer capitular aquelle amor. E' mais facil vencer reis mouros do que a hydra do desejo. Afastando Ignez, o monarcha não obtém senão lançar á fogueira amorosa o combustivel do desespero e da saudade. E agora, ajuizai da donzella. Ides ver, em sua patente deslealdade de amiga, a Ignez cantada por Camões, cantada por legiões de poetas. Imaginais que, expulsa da corte, ella requer o regresso a Castella e se resolve a reparar a sua culpa — admittamos que inconsciente — negando-se a alimentar com a sua presençā a alucinação amorosa de D. Pedro? Nada disso! Ignez lança fóra a mascara virginal. A occultas do rei

austero e da esposa traída, acompanha nas consecutivas deslocações a corte deambulatoria de Affonso IV. Diga-se que ella é a victimā de uma paixão imperiosa, desvairadora, cujas lavaredas devoram todos os seus escrupulos e a reduzem a uma escrava passiva dos sentidos, paralysando-lhe o animo para o cumprimento do dever. Encarada assim, ella pôde parecer-nos grande no seu peccado. Mas não nos apresentem como uma donzella innocentē essa mulher, que já não é, sequer uma criança, e que segue o amante, complacente e voluntariamente, elevada no prazer orgulhoso de ser a favorita de um principe. Para onde vai a corte: Coimbra, Leiria, Almeirim, Santarem, segue em segredo a perfida Ignez. Caminha, radiosa, inebriada, atrás do rastro doloroso da amiga de infancia, da nobre e confiada princeza que ella atraiçou. Quem o houvera de dizer, quando, ainda não ha dois annos, entava em Portugal, cavalgando ao lado de D. Constança? Hoje, tambem a segue: sombra fiel. Mas é na sombra que essa sombra formosa se move. E já não é para servir a sua ama, mas para a traír. O dia chega em que o rei descobre e surprehende os amantes. Entra em furia D. Affonso IV. Pai e filhodizem-se, cara a cara, violencias inauditas. O rei, intransigente, inflexivel, invoca a letra jurada do contrato anti-nupcial, em que está inscripta a obrigação da fidelidade conjugal, e Ignez de Castro, a aia infiel de D. Constança, é expulsa do reino.

Para que Ignez se tenha despenhado nos braços de D. Pedro, é preciso que a ambição lhe haja aberto o caminho do amor. D. Pedro não tem o physico de um seductor de corações. Basta reparar na qualidade plebáea das suas futuras ligações para se reconhecer que o estímulo da sua paixão é todo sexual, que as suas necessidades amorosas são essencialmente grosseiras. O homem que substituiu Ignez de Castro pelas servas Beatriz Dias e Ignez Affonso não era de

natureza a lisongear a vaidade amorosa de uma mulher de elevados sentimentos.

Privado da adorada Ignez, D. Pedro recalca a ira e volta ao thalamo da esposa. D. Constança, que já deu á luz o infante D. Fernando — o futuro rei — está de novo grávida. Mas para a desventurada escrava do dever matrimonial todas as esperanças findaram. Que importa que um sér pequenino palpite e estremeça no seu seio? Junto dessa vida que se cria, ha um coração que morre. A sua nobre e altiva alma não resiste ao ultraje que lhe infligiram. De facto, ella entrou na agonia, e definha, e succumbe, assistindo á agitação saudosa do marido pela *outra*, pela *ausente*, que elle evoca perfeita e bella, com todas as graças accrescidas pela saudade, enquanto a contempla, pejada, desfigurada, victima do seu dever de esposa... Chega o dia do parto, e como se apenas esperasse, para morrer, o deitar ao mundo aquella nova vida, D. Constança morreu. Enterrada a princeza, D. Pedro, ainda com o lucto de viuvo, precipita-se, fremente, sequioso, sofregó, para a amante idolatrada.

(Carlos Malheiro Dias — *O Paiz*, Rio de Janeiro).

AS COOPERATIVAS DE CONSUMO NOS ESTADOS UNIDOS

Ha dois ou tres annos, as cooperativas de consumo, que compravam generos alimenticios directamente dos productores, eram pouquissimas nos Estados Unidos. Entretanto, hoje ha duzentas em Nova York, cem em Chicago, outras tantas em Philadelphia e milhares espalhadas pelas grandes cidades ao este do Mississipi, pois é especialmente nos Estados do centro e do este que se sente a necessidade dellas. Quando se pensa que a economia realisada graças á cooperativa é de 20 o/o nas acquisições de generos, fica-se espantado de que ha mais tempo se não tenham lembrado de iniciar o movimento que tão grande impulso vai tendo. As cooperativas de con-

sumo norte-americanas variam de um minimo de vinte socios a um maximo de mais de 300. Num arrabalde de Nova York ha uma cooperativa que dá provisões a 300 familias.

Os empregados de uma grande empreza de Chicago formaram uma cooperativa que despende 25.000 francos por mez comprando directamente dos productores do Wisconsin, do Illinois, do Iowa e do Missouri, e realisando assim uma economia de 25 o/o sobre os preços normaes da cidade.

Quasi toda a cooperativa tem um "manager" ou director-mordomo, ao qual os socios fazem chegar as suas encommendas no principio da semana. O "manager" toma nota das encommendas e transmitte-as directamente aos varios productores com os quaes tem relações commerciales.

Os productores como os consumidores têm todo o empenho em que a distribuição se faça o mais economicamente possivel, tanto que os productores já vendem as sua mercadorias acondicionadas de maneira a poderem ser entregues immediatamente e sem mais despeza de "emballage" ao consumidor. Os directores das grandes lojas e fabricas, que empregam centenas e até milhares de empregados tão persuadidos se acham da efficacia economica das cooperativas de consumo que em muitos casos fazem todas as despesas de organização, deduzindo no fim da semana, do ordenado ou salario de cada socio o importe de generos que consumiu.

O balanço domestico dos empregados ou operarios realisa dessa forma uma economia de 20 e até de 25 o/o sobre a acquisition dos generos de primeira necessidade.

Embora as vantagens economicas das cooperativas de consumo sejam evidentes e praticamente demonstradas, é estranhavel que o sistema não tenha conseguido fazer brecha nos preconceitos e na apathia da collectividade, e só lentamente se vá desenvolvendo. Nem se pense que o movimento cooperativo diminua de alguma forma os lucros

dos productores agricolas. Parece incrivel, mas está demonstrado por algarismos e estatisticas, que os productores, vendendo directamente ás cooperativas e forrando-se aos intermediarios, ganham de 20 a 100 o/o mais do que antes, e assim mesmo permittindo ás cooperativas realisar sobre os preços normaes uma economia de 20 a 25 o/o. E' typico o caso de um pequeno "farmer" que, vendendo aos intermediarios, estava quasi a fallir, e que logo restaurou os seus bons negocios, entrando em relações directas com algumas cooperativas de Nova York e de Buffalo, e assim chegou a ter um giro de negocios de 25.000 francos mensaes, economisando ainda o dinheiro que pagava pela "réclame".

O movimento cooperativo attinge dois fins: o de tornar menos difficult a vida aos habitantes da cidade, e o de estimular a produçao dos agricultores (John R. Colter — *The Outlook*, Nova York).

OS AMIGOS DOS ARTISTAS

Entre as muitas instituições que a guerra fez surgir na França, ha uma que merece ser conhecida. Intitula-se "Os amigos dos artistas", e tem por escopo soccorrer os pintores e os escultores a que a guerra tirou a maior parte dos ganhos. Trata-se de uma obra menos de beneficencia do que de solidariedade civil. De resto, a maneira como é organizada e o seu estatuto são de molde a pôr de parte toda idéa de philanthropia. "Os amigos dos artistas" são assim uma reunião de pessoas, pertencentes a todas as classes da sociedade, que livremente desembolsam uma quota annual para constituir um fundo social com o qual se possam comprar as obras dos escultores e pintores que querem vendel-as. Essa quota não é limitada: todos podem dar o que quizerem ou pudereim. Com um minimo de dois mil francos, é-se membro bemfeitor; com um minimo de 500 francos, membro doador; os membros titulares pagam 100 francos e os membros adherentes cinco francos por anno. Reunidos assim os

fundos, ha uma commissão directora que se encarrega das acquisitions e da distribuição das obras adquiridas. Como entre os artistas que vivem em Paris ha numerosos estrangeiros, a commissão directora dos "Amigos dos artistas" tem um caracter internacional fazendo parte della, por exemplo, o sculptor Bartlett, que representa os Estados Unidos, e a doutora Fabre, que é russa, James Hyde, inglez, Diego Angeli, italiano. A commissão é composta na maior parte, de artistas, mas fazem parte della tambem amadores, criticos de arte e escriptores, como Léo Clapétie e Clement Janin.

Recolhidos os primeiros fundos, os "Amigos dos artistas" puzeram-se logo a trabalhar, adquirindo obras d'arte de todo o genero e, sem preferencias de escolas, dando auxilio ás esposas dos artistas mobilisados que mais necessitavam.

Adquiridas as obras dos artistas, que destino lhes devia ser dado? O estatuto social dispõe que elles deviam ser repartidas entre os membros subscriptores. Mas logo se viu que se podia fazer melhor: organizar com ellas uma exposição publica e vendel-as. Com o dinheiro angariado podia-se augmentar o fundo social, estender o numero de acquisitions e a importancia dos soccorros. O resultado alcançado fez vêr que essa modificação foi excellente. Não só a exposição é frequentadissima, não só se fizeram vendas importantes, como ainda artistas como Rodin, Albert Besnard, Bonnat, Forain, e Chéret, offereceram obras suas, e um norte-americano da California enviou 50.000 francos para adquirir trabalhos que pudesse expor e vender em S. Francisco (*Marzocco* — Florença).

O ELEMENTO SOBRENATURAL NA HISTORIA

Na Edade Média os milagres eram endemicos e a cada santo eram attribuidos dois ou tres. Ainda hoje, na Inglaterra, milhares de pessoas, sobretudo nos condados occidentaes, creem firmemente existir ainda o rei Arthur, e na Alle-

manha sobrevive a lenda de Barba-roxa, placidamente adormecido em uma caverna profunda. Assim tam-bem os camponezes slavos da Aus-tria acreditam ainda que o impe-rador José II não tenha sido morto, mas esteja prisioneiro em Roma, e os camponezes da Russia esperam confiantemente o regresso de Scobeleff no seu famoso cavallo de bat-talha, vindo em soccorro da Santa Russia, quando os inimigos della a ameaçarem de perto. Com effeito, a 19 de novembro de 1914 innume-ros soldados e camponezes russos affirmaram ter visto o espirito de Scobeleff pôr-se á frente dos exer-citos do "Czar Branco", trazendo a espada desembainhada. Ha, além disso, todo um florilegio de factos sobrenaturaes nos tempos moder-nos: Christo, sobre a cruz, apparece a Ferdinando da Austria e assegura-lhe que não o abandonará; a Da-ma Branca dos Hohenzollern incute ainda terror ás sentinelas do palacio real de Berlim. Todos re-cordam ainda o amuleto encarnado que trazia desventura a Napoleão; e os boers não põem duvida nenhuma na visão do seu propheta, que ha dois annos predisse a morte de De la Rey e o explodir da rebellião sul-africana. Na guerra actual dois casos attribuidos ao elemento so-brenatural merecem destaque espe-cial: a batalha de Prilep, onde mu-nhos viram a heroica figura de Mar-cos Cralievic pôr em ordem os ba-talhões servios já quasi em fuga e conduzil-os á victoria; e a batalha de Mons, onde se diz que theorias de anjos accorreram a salvar as can-cadas tropas inglezas do annihi-lamento. A humanidade, pois, não envelhece com a historia, nem esta-mos tão longe dos dias mythicos da Grecia e de Roma quando Theseo con-duzia a vanguarda a Marathona e a estrella mysteriosa brilhava por cima da frota de Salamina.

E' tempo, porém, de submitter todo esse patrimonio legendario a um exame sereno, á luz da critica historica. Alguma coisa nesse sen-tido foi já realizado pelo professor Bury, com relação á lenda de São

Patricio, assim como a lenda de S. Francisco de Assis e a de Joanna d'Arc têm offerecido á critica mo-derna motivos da larga disserta-ção. A attitude de escriptores, mes-mo relativamente modernos como Gibbon e Hume com relação ao ele-mento sobrenatural na historia não é muito diversa da de Thucidores, pois tambem elles consideram ac-ceptavel uma lenda quando é vero-simel, achando que se deve repudiar como absurda a lenda extravagante. Mas os limites do invisivel ho-je em dia se acham muito amplia-dos, e a sciencia moderna reconhe-ce as influencias psychicas como forças reaes, embora mysteriosas. A verdadeira critica historica nos prohibe presuppor que uma lenda é absurda antes de tel-a submettido a um rigoroso exame scientifico. Se a authenticidade da narração não fica prejudicada com este exa-me, seria erro negar-lhe fé somen-te porque exorbita do normal. As-sim, ha muitos pseudos criticos que aceitariam de olhos fechados e sem nenhuma prova a affirmação de que S. Francisco de Assis sof-fria de gotta, só porque isso não apresentaria nada de extraordina-rio, emquanto que repelliriam a priori como inaceitavel a tradição dos stygmatas por apparentemente sobrenatural. E' pouco scientifico o systema de negar logo um facto, embora anormal, pela só razão de que elle contrasta com ideias e theo-rias preconcebidas. Embora muitos escriptores como Le Bon e Graham Wallas tenham estudado o instin-to e as mysteriosas percepções das multidões, bem poucos têm voltado a sua attenção para os phenomenos collectivos verificados na historia em relação com o sobrenatural. Lembremos, antes de tudo, que a verdade historica se baseia mais sobre o conflicto dos testemunhos do que sobre o seu absoluto accordo. Se, pois, limitamos as nossas investigações ás visões sobrenaturaes ou anormaes vistas por col-lectividades e confirmadas por tes-temunhos contemporaneos, devemos começar por banir a lenda da bata-

lha do Lago Regillo e dos Dioscuros porque não tem apoio de nenhuma testemunha coeva. Diverso é o caso das visões de Marathona e de Salamina, porque as encontramos minuciosamente descriptas por Herodoto, que, entretanto, não pretendeu ter sido uma testemunha ocular dellas. Mas a narração do celebre historiador foi lida entre aplausos pelos proprios combatentes, que affirmavam ter visto a bronzea clava de Theseo em Marathona e a nuvem da victoria sobre Salamina. Seria difficult, depois de tão longo decorrer dos seculos, dizer com certeza se os athenienses consideravam estas lendas como symbolos pittorescos da victoria ou se acreditavam firmemente na sua realidade. Apesar da sua civilisação os athenienses eram profundamente supersticiosos e excitabilissimos, e nos momentos de graves crises nacionaes se encontravam num verdadeiro estado psycho-pathologico. O que Herodoto diz é que as apparições mysteriosas de Marathona, de Salamina e de Micalle, verdadeiras ou imaginarias, contribuiram para a victoria dos gregos, "visto como a potencia divina se manifesta de modos diversos nas coisas humanas e o exercito á vista daquelles signaes tomou coragem e affrontou destemerosamente o inimigo".

E' difficult ás pessoas de intelligencia mediocre comprehender a tensão emotiva que actua sobre as massas combatentes no calor da batalha, mas os escriptores de coisas militares sabem dar-lhe o devido valor.

Constatou-se que nos momentos de intensa excitação todos, com excepção dos caracteres mais fortes cessam de pensar e agir livremente e são absolutamente dominados pelas resultantes de vontade e de impulso que explodem da multidão a que no momento pertencem, e estas resultantes tendem sempre a retrogradar ao instincto primitivo da raça. Assim se explicam as apparições de Marco Cralievic em Prilep, dos Dioscuros na batalha do

Lago Regillo, de S. Cosme no Mexico, dos anjos combatendo em favor dos ingleses em Mons. Das quatro lendas citadas, esta ultima deve repudiar-se porque não tem suficientes provas testemunhaes. Quanto ás outras tres, especialmente a de Prilep, se se nega qualquer valor ao testemunho ocular, tambem não ha muito fundamento para não admittil-as. Mas de todas ellas deduz-se e ensinamento de que tratando-se de phenomenos ainda imperfeitamente estudados, não se pode pronunciar acerca delles, sem levianidade, um juizo definitivo. (Horold Temperley — *Contemporary Review* — Londres).

VARIEDADES

A UTILISAÇÃO DOS IDIOTAS

Não ha muito tempo, um jornal quotidiano da America lançava uma proposta que a muitos pareceu e parecerá um pouco estranha: educar e ensinar os scimios anthropoides, para habitual-os a trabalhos mais pesados e menos difficeis do que os realizados pelo homem. A praticabilidade do projecto era confirmada por um grande numero de scientistas, e até sacerdotes o approvaram. A questão é digna de ser examinada seriamente, num tempo em que se educam cães-policiaes, cães enfermeiros, etc. Ora, o dr. Arthur Jacobson observa, no *Medical Times*, de Nova York, que idéa mais practica e mais racional (não se dirá mais generosa), seria a de utilizar para os trabalhos manuaes os deficientes, fomentando com esse fim a sua reprodução. Muitos idiotas são physicamente fortes. A ociosidade a que são condemnados nos institutos que os recolhem, não vale, pois, nem para a sua saude physica nem para a moral. Elles poderiam, ser empregados nos grandes trabalhos de utilidade publica, e em geral em todos os trabalhos para os quaes não ha necessidade de habilidade especial, como por exem-

plo, a construcção das estradas de ferro. Segundo se affirma, os anormaes são muito fecundos. Por que não tirar vantagem disso? — Considera-se geralmente como uma desgraça social o facto de semelhantes individuos porem filhos no mundo. O dr. Jacobson é, porém, de outra opinião, além do mais, porque, diz elle, todas as medidas de que a sociedade lançasse mão, não impediriam a reprodução, salvo em pouquissimos casos. A sociedade deveria antes combater com todo o empenho as uniões entre individuos deficientes e normaes, animando ao mesmo tempo as uniões entre deficientes e deficientes, das quaes teria maior numero de machinas para os trabalhos uteis. Tem-se dito que os scimios anthropoides poderiam ser adoptados mesmo na guerra.

A mesma coisa pensa o dr. Jacobson que se poderia fazer com os idiotas. Sob a direcção de chefes intelligentes os idiotas como os scimios, ou uns e outros juntos, poderiam realizar trabalhos militares importantes, salvando de terríveis destruições os individuos normaes. O nosso egoismo nos suggera esta providencia para o futuro: se tem de haver guerra, façamos com que sómente tomem parte nellas os animaes e os individuos inferiores. Muito se pode dizer contra o projecto, do ponto de vista moral. Seria um sistema de escravidão? — Talvez. Mas admittindo que a moral não se oppõe á educação e utilisação dos scimios anthropoides, por que nos insurgiremos contra a educação e utilisação das criaturas humanas inferiores?

O dr. Jacobson esquece uma coisa importante: que, enquanto os scimios, embora anthropoides, são filhos de outros scimios, um idiota pode nascer de uma familia de homens e mulheres perfeitamente normaes. Com o egoismo de que fala o dr. Jacobson poderíamos chegar a empregar sómente velhos e doentes em certos trabalhos perigosos. Se a morte é certa, que morram elles, porque assim o prejuizo é menor... (*Minerva, Roma*).

DESAPPARIÇÕES MYSTERIOSAS

O mysterio que envolve ainda a desapparição de Joseph Wilberforce Martin, o millionario de Memphis, no Tennessee lembra outros factos do mesmo genero. Em 1892 por exemplo, desapareceu Willian Robertson Lidderdade, rico banqueiro no Somerset, justamente quando estava para casar. Nunca mais se teve noticia delle. Os negocios no banco iam magnificamente. A casa para a esposa achava-se mobilada completamente. Não havia nenhuma razão que explicasse o seu desaparecimento. Poucos dias depois chegou aos parentes uma carta anonyma anunciando que o banqueiro morrera a bordo de um hiate de uma certa miss Vining e então falou-se de um rapto estranho, effectuado por uma rica e madura norte-americana que se havia apaixonado louamente pelo banqueiro, e havia jurado que elle se não casaria com outra. Ela o havia atraido a bordo do seu hiate, sob qualquer pretexto, e partiram para longe. Essa historia foi repetida mais de uma vez, mesmo diante dos tribunaes: mas, sem embargo, os herdeiros não conseguiram ter a declaração official da morte do banqueiro. — Entre os desaparecimentos de creanças, um dos mais românicos e contristadores, foi o do pequeno Carlos Ross filho de um comerciante de Philadelphia, facto ocorrido em 1874. A criança de quatro annos estava brincando no jardim, com um irmãozinho de seis annos, quando dois homens os convidaram a dar um passeio de carro. Segundo narrou o pequeno mais velho, os taes homens não eram pessoas desconhecidas. Durante o passeio, os dois bandidos mandaram o mais velho comprar biscuitos — e nesse interim fugiram com o pequenino. Uma carta anonyma chegou á familia assegurando ao pai da criança que ella estava bem e pedindo-lhe, para soltal-a, vinte mil dollars. O sr. Ross fez saber que pagaria, mas avisou a policia, que conseguiu sempre descobrir os nomes dos dois bandidos: William Masher e

Joseph Douglas. Amedrontados, elles interromperam as negociações e o pai não pôde fazer mais nada para rehaver o filho.

Seis mezes depois dois ladrões foram surprehendidos. Houve tiroteio, um delles caiu morto e o outro mortalmente ferido. Antes de morrer, este declarou chamar-se Douglas e seu companheiro se chamava Masher; confessou ter tomado parte na rapto do pequeno Ross, mas que sómente Masher sabia onde elle se achava escondido. Quatro mil dollars foram offerecidos a quem desse noticia do pequeno desaparecido — mas nunca se conseguiu descobrir o pequeno Carlos Ross, nem saber o que foi feito delle.

Um desaparecimento historico é o de Benjamin Balhurst, filho do bispo de Norwich. De volta de Viena, a onde tinha ido em importante missão diplomática, chegou enfim a Berlim, mas nunca a Hamburgo, que era também seu destino. E nunca mais houve noticia delle, que era portador de despachos para o governo inglez.

A' historia pertence tambem o mysterio do archiduque austriaco João Salvador, igualmente designado por João Orth. Tinha 38 annos, quando em 1890 desposou em Londres uma cantora Milly Stobel. Depois embarcou com a esposa num navio de sua propriedade, que levava um carregamento de cimento, e dirigiu-se para a Argentina. Lá chegado, despediu o capitão e os chefes da equipagem com os quaes tinha tido uma discussão, tomou elle proprio o commando do navio, e deixando Buenos Aires, fez rota para Valparaiso. Desde então ninguem mais soube delle. A explicação mais simples é que o navio se tenha afundado, durante uma grande tempestade, ao largo do cabo Tres-puntas, mas houve outras versões: segundo alguns, Orth vive ainda como agricultor, na America do Sul, segundo outros, foi um dos chefes da insurreição chilena; e não falta quem o tenha vislumbrado no general japonês Jamagata.

Em materia de aventuras marítimas, poucas tem dado logar a mais

fantasticas suposições como o da brigue norte-americano *Marie Celeste*. No dia 4 de dezembro, 1887 elle foi avistado em meio do Atlântico, por um navio, o *Highlander*, ao qual fez o signal "Tudo bem". Dois dias depois, outro navio encontrou o *Marie Celeste* abandonado, com as velas aos ventos e ninguem a bordo, com todo o carregamento, e sem o minimo signal de ataque ou roubo. Na sala de jantar estavam sobre a mesa os pratos já frios de uma refeição que não fora tomada. Na proa, os restos de uma refeição não acabada. Houve inquerito a respeito, mas não se descobriu nada.

E ha dois annos o *Wide World Magazine* publicou a narrativa de um sujeito que dizia ter sido marinheiro a bordo do brigue, e contando que o commandante enlouqueceu subitamente, querendo lançar-se ao mar. Então a mulher fez com que dois homens se lançassem com elle. Todos os mais, inclusive a mulher e os filhos, se tinham abrigado num passadiço movel, que cedeu, lançando-os ao mar. O unico sobrevivente era elle, que fo-
ra recolhido por outro navio.

Muitos outros casos semelhantes se poderiam citar. Alguns, inexplicados durante longo tempo, um dia são esclarecidos tragicamente ao menos em parte, por uma circunstancia qualquer. Mas outros ficam para sempre no mysterio (John G. Rove, — *Chambers's Journal*, Londres).

AS "GAFFES"

As "gaffes" podem ser de duas especies: as que se pronunciam e as que se fazem. Ha na historia exemplos de umas e de outras. A importancia das "gaffes" é tal que até um membro da Academia Franceza, Emilio Faguet, não desdenhou de lhe consagrar um estudo intitulado "Antigaffes", no qual dá aos seus leitores uma serie de excellentes conselhos tendentes a prevenir ao menos as "gaffes" mais desastrosas. Eis algumas das recommendações de Faguet:

— Não deveis nunca dar conselhos que não vos sejam pedidos, por-

que todos se têm na conta de intelligentissimos e são portanto, dispositos a desconfiar do proximo.

— Nunca vos espanteis de nada.

— Nunca lembreis a um amigo, e, se sois mulher, a uma amiga, as confidencias que vos fez.

— Sabei ouvir uma historia aborrecida que seja, e fingi que lhe achou graça... mesmo que ella seja vossa

— Não repeti nunca num salão uma pergunta a que não vos responderam.

— Não convidae nunca dois grandes homens para, na mesma occasião, jantarem em vossa companhia: porque um comerá o outro, e todos terão uma indigestão.

— Nunca faleis de vós mesmos. Este é um defeito generalizado em todo o mundo, mas inteiramente desconhecido... aos genuinos parisienses.''

E' estranho que, entre as suas recommendações, Faguet não incluisse uma que só ella, vale por todas juntas. O melhor meio, realmente, para evitar qualquer "gaffe", é... calar. Bem entendido, calar nos limites do possivel, e saber escutar.

As "gaffes" que se commettem numa conversação ou por meio de actos extravagantes, são, em geral, simplesmente humoristicas, mas podem ás vezes dizer alguma coisa sobre a psychologia do autor. Tal, por exemplo, aquella distracção de um negociante, que assignando a declaração da paternidade do filho com que a esposa acabava de presenteal-o, pôz no papel como nos cheques que assignava diariamente: "José N... & Comp...".

De Lafontaine conta-se que um dia foi jantar á casa de um amigo, onde costumava jantar todos os domingos — sem se lembrar que dois dias antes tinha assistido aos funeraes delle. Rossini, não querendo ceder a ninguem a incumbencia de preparar a sua salada no fim do jantar, uma vez, acalorado numa discussão, em vez do sal derrama sobre a salada o conteudo da sua boceta de rapé. Newton, querendo coser um ovo para uma refeição, pôz a ferver no fogo o seu relgio, e ficou a

contar os minutos no ovo que tinha nas mãos! Essas distracções nem um interesse têm, além da celebreidade do protagonista.

Mas as peiores "gaffes" são as que cada um de nós commette na conducta da propria vida, por exemplo, escondendo uma profissão para a qual não era de maneira alguma talhado, inimisando-se com as pessoas de que podia ser amigo, desgostando outras, etc. Não ha quem, com um severo exame de conciencia, se considere inocente de alguma ou muitas "gaffes" desse genero.

Olivier Goldsmith, por exemplo, era um "gaffeur" de primeira ordem. Commettia-as frequentemente, e só conseguiu pôr-se a salvo dellas justamente com uma... "gaffe", que é um divertido *qui pro quo*.

Olivier Goldsmith, filho de um pastor anglicano, depois de ter feito o desespero de seu pai, abandonou os estudos ecclesiasticos pelos de direito, e successivamente o estudo do direito pelo da medicina, sem nunca chegar a ser nada, quando um bello dia, aborrecido dos varios estudos, com a roupa do corpo e com uma flauta que tocava discretamente, pôz-se a vagabundear pelo mundo. Percorreu a pé a França, a Alemanha, a Suissa e a Italia, até que, em 1756, tornando á Inglaterra com alguns "schillings" no bolso, sua riqueza unica, chegou uma noite, á pequena cidade de Edgeworthstown, e á primeira pessoa que encontrou, perguntou qual era a melhor casa do logar, querendo dizer o melhor hotel. Foi-lhe indicada a casa do rico banqueiro mr. Ralph Fetherstone.

Olivier, entrando com toda a semcerimonia, como se fosse em sua casa, encontrou, numa bella sala, comodamente refestelado numa poltrona, o sr. Ralph em pessoa. Supondo ser elle o gerente do hotel, pediu-lhe um bom aposento e uma boa ceia. O banqueiro, que, estando a digerir pachorrentamente, achava-se bem disposto e de bom humor, percebeu o engano do rapaz, mas, sympathizando com elle, não quiz desenganal-o. Olivier não percebeu o seu erro senão no dia seguinte depois

do almoço, quando pediu a conta ao "gerente do hotel".

Mr. Ralph Fetherstone, que, conversando com o seu "freguez", tinha-lhe admirado o talento e a cultura, quiz aproveitá-lo e deu-lhe uma pensão. Assim pôde Olivier Goldsmith escrever "O Viajante", poema que foi o seu primeiro trabalho literário, e que alcançou grande sucesso.

Assim animado, Goldsmith entregou-se a obras de mais importância, históricas e filosóficas, escrevendo também o celebre romance "O Vigário de Wakefield" que foi proclamado por Goethe como "o melhor de todos os romances".

(Americo Scarlatti — *Minerva*, Roma).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

BRASIL:

O BRASIL E A EDUCAÇÃO POPULAR, por A. Carneiro Leão.

AS ESTRADAS DE FERRO DE S. PAULO, por Adolpho A. Pinto.

AIMANACK ALVES, para 1917, sob a direcção de João Ribeiro.

LES BOIS INDIGENES DE S. PAULO, por Ed. Navarro de Andrade e Octavio Vecchi.

CIRRUS, versos de Renato Arantes.

ALMA SIMPLES, versos de Achilles Almeida.

AO CLARÃO DOS OBUZES, por Mario Sette.

VISÕES DO SÉCULO, por Saul de Navarro.

TRES CONFERENCIAS, por João Kopke.

HYMNO NACIONAL BRASILEIRO, por Pedro de Mello, Piracicaba.

DISCURSO do sr. Venancio Machado, S. Paulo.

AFFONSO ARINOS, homenagem do Inst. Hist. de Minas, Acad. Mineira de Letras e Gremio Lit. Affonso de Moraes.

A PENA EM FACE DO CODIGO — João Francisco Cruz.

SCIENCIAS E LETRAS — Revista mensal, Rio, dezembro. "Os

factores da civilisação dos povos" por Affonso Claudio; "Lendo o diccionario", João Ribeiro; "Meu noivo", Amelia Bevílaqua, etc.

A ARVORE — Cachoeira, Bahia, dezembro.

INDUSTRIA E COMMERCO, Rio, Dezembro.

REVISTA FEMININA — São Paulo, Janeiro — Trabalhos principaes: "Microbios", dr. Valeriano de Souza; "Anno Velho", Luiz Carlos; "Janeiro", Anna Rita Malheiros, etc.

A VIDA MODERNA — S. Paulo, 11 Janeiro: "Intermezzo", Antonio Salles; "A ultima neutralidade", J. Ramos; "Canhenho de um vadio", Armando Prado, etc.

CIGARRA — S. Paulo, 17 de Janeiro: "A Cigarra", Coelho Netto; "Mimi", Vicente de Carvalho; "Risalia", Belmiro Braga; "Pena infame!", Cornelio Pires.

O CRIADOR PAULISTA — S. Paulo — dezembro.

ESTRANGEIRO:

REVISTA DE FILOSOFIA — Buenos Aires, janeiro, 1917 — Artigos principaes: "Función de las doctrinas filosóficas en la vida social, por Ernesto Nelson; José M. Ramos Mejia y sus escritos inéditos, por Horacio Ramos Mejia; La historia filosofica y la historia ciencia, por Raul A. Orgaz; Filosofia del heroísmo, por Miguel Luis Rocuant; Notas sobre la filosofia de Epicteto, por José Arturo Andrade; El educacionista Pedro Scalabrini, por Victor Mercante; El enciclopedismo y la Revolución de Mayo, por José Ingenieros.

THE NORTH AMERICAN REVIEW — New York, dezembro de 1916 — A destacar: The verdict of the people, por George Harvey; The British blacklist, por Sydney Broks; The Federal farm loan act, por Myron T. Herrick; The Election and prohibition, por L. Ames Brown; A conjecture of intensive fiction, por W. D. Howells; Conserving our spiritual resources, por Margaret Sherwood; The mad philosopher a Litany, por Cale Young

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA—Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Eduardo Rocco — Novidades em case-mira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

ALFAIATARIA—Donato Plastino — Emprega só fazendas estrangeiras — Rua do Thesouro, 3 (1.^o andar) — S. Paulo.

INDUSTRIAES E IMPORTADORES:

C. MANDERBACH & COMP. — Papelaria, typographia, encadernação—Telephone 792—Caixa 545 — Rua S. Bento, 31. — S. Paulo.

A INTERNACIONAL — Grande Fabrica de Malas e Canastras Officina para concertos. — Domingos Macigrande. — Rua São João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cau-telas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo — A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

Loteria de S. Paulo

Em 9 de Fevereiro

50:000\$000

POR 4\$500

Os bilhetes estão à venda em toda parte

do almoço, quando pediu a conta ao "gerente do hotel".

Mr. Ralph Fetherstone, que, conversando com o seu "freguez", tinha-lhe admirado o talento e a cultura, quiz aproveitá-lo e deu-lhe uma pensão. Assim pôde Olivier Goldsmith escrever "O Viajante", poema que foi o seu primeiro trabalho literário, e que alcançou grande sucesso.

Assim animado, Goldsmith entregou-se a obras de mais importância, históricas e filosóficas, escrevendo também o celebre romance "O Vigário de Wakefield" que foi proclamado por Goethe como "o melhor de todos os romances".

(Americo Scarlatti — *Minerva*, Roma).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

BRASIL:

O BRASIL E A EDUCAÇÃO POPULAR, por A. Carneiro Leão.

AS ESTRADAS DE FERRO DE S. PAULO, por Adolpho A. Pinto.

AIMANACK ALVES, para 1917, sob a direcção de João Ribeiro.

LES BOIS INDIGENES DE S. PAULO, por Ed. Navarro de Andrade e Octavio Vecchi.

CIRRUS, versos de Renato Arantes.

ALMA SIMPLES, versos de Achilles Almeida.

AO CLARÃO DOS OBUZES, por Mario Sette.

VISÕES DO SÉCULO, por Saul de Navarro.

TRES CONFERENCIAS, por João Kopke.

HYMNO NACIONAL BRASILEIRO, por Pedro de Mello, Piracicaba.

DISCURSO do sr. Venancio Machado, S. Paulo.

AFFONSO ARINOS, homenagem do Inst. Hist. de Minas, Acad. Mineira de Letras e Gremio Lit. Affonso de Moraes.

A PENA EM FACE DO CODIGO — João Francisco Cruz.

SCIENCIAS E LETRAS — Revista mensal, Rio, dezembro. "Os

factores da civilisação dos povos" por Affonso Claudio; "Lendo o diccionario", João Ribeiro; "Meu noivo", Amelia Bevílaqua, etc.

A ARVORE — Cachoeira, Bahia, dezembro.

INDUSTRIA E COMMERCO, Rio, Dezembro.

REVISTA FEMININA — São Paulo, Janeiro — Trabalhos principaes: "Microbios", dr. Valeriano de Souza; "Anno Velho", Luiz Carlos; "Janeiro", Anna Rita Malheiros, etc.

A VIDA MODERNA — S. Paulo, 11 Janeiro: "Intermezzo", Antonio Salles; "A ultima neutralidade", J. Ramos; "Canhenho de um vadio", Armando Prado, etc.

CIGARRA — S. Paulo, 17 de Janeiro: "A Cigarra", Coelho Netto; "Mimi", Vicente de Carvalho; "Risalia", Belmiro Braga; "Pena infame!", Cornelio Pires.

O CRIADOR PAULISTA — S. Paulo — dezembro.

ESTRANGEIRO:

REVISTA DE FILOSOFIA — Buenos Aires, janeiro, 1917 — Artigos principaes: "Función de las doctrinas filosóficas en la vida social, por Ernesto Nelson; José M. Ramos Mejia y sus escritos inéditos, por Horacio Ramos Mejia; La historia filosofica y la historia ciencia, por Raul A. Orgaz; Filosofia del heroísmo, por Miguel Luis Roquand; Notas sobre la filosofia de Epicteto, por José Arturo Andrade; El educacionista Pedro Scalabrini, por Victor Mercante; El enciclopedismo y la Revolución de Mayo, por José Ingenieros.

THE NORTH AMERICAN REVIEW — New York, dezembro de 1916 — A destacar: The verdict of the people, por George Harvey; The British blacklist, por Sydney Broks; The Federal farm loan act, por Myron T. Herrick; The Election and prohibition, por L. Ames Brown; A conjecture of intensive fiction, por W. D. Howells; Conserving our spiritual resources, por Margaret Sherwood; The mad philosopher a Litany, por Cale Young

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA—Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emissario Rocco — Novidades em case-mira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

ALFAIATARIA—Donato Plastino — Emprega só fazendas estrangeiras — Rua do Thesouro, 3 (1.^o andar) — S. Paulo.

INDUSTRIAES E IMPORTADORES:

C. MANDERBACH & COMP. — Papelaria, typographia, encadernação—Telephone 792—Caixa 545 — Rua S. Bento, 31. — S. Paulo.

A INTERNACIONAL — Grande Fabrica de Malas e Canastras Officina para concertos. — Domingos Macigrande. — Rua São João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cau-telas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo — A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

Loteria de S. Paulo

Em 9 de Fevereiro

50:000\$000

POR 4\$500

Os bilhetes estão á venda em toda parte

BEBAM
↔
WHISKY DEWAR
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e

AGUA MINERAL

Perrier

O
INIMIGO DO
ACIDO URICO

A
CHAMPAGNE DAS
AGUAS DE MESA



“WHITE LABEL” and “PERRIER”
AN IDEAL COMBINATION

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside à rua Dr. Homem de Mello, próximo à casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

ROBES & MANTEAUX
Lingerie de Luxe, Blouses, Trousseaux

Bertholet

Corsets, Spécialité de Fornitures pour Modes

Rua 15 de Novembro, 30

São Paulo - Paris

Casa Tolle

FABRICA DE BONBONS
FINOS, CHOCOLATES E
LICORES

A UNICA FABRICA QUE EX-
PORTA CHOCOLATE PARA A
EUROPA.

Rua Piratininga, 27
Caixa do Correio, 201
S. PAULO

Casa fundada em 1895

PRAZO DEZ MESES
JUROS MODICOS



Emilio Israel & C.

Casa de Emprestimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8
Telephone N. 1195
End. Telegr.: EMISEL

SÃO PAULO

PLACAS
ESMALTADAS
E DE METAL

Massucci Peracchio Nicoli

TELEPH. 3641

GRAVURAS
CARIMBOS
DE BORACHA
FORMAS PARA SABONETE



ESCRITORIO · Rua Florencio de ABREU 52
FABRICA · Rua dos Alpes 79 S. PAULO

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

Lista de Agentes da "Revista do Brasil"

- AVULSOS** — J. B. Ramos, Antonio Abranches, Francisco Gomes, Oscar Cunha, Bento de Moraes.
- ATIBAIA**: José Preto da Silva
- ARIRANHA**: Bento Pantaleão
- ARRAIAL DOS SOZAS**: Nagib José
- ABAETE**: João Maciel
- AYUROOCA**: Luiz G. Dalia
- ARAXA**: Acrisio Ferreira
- ABRE CAMPO**: Pharm. Estevam de Oliveira Cotta
- ARACAJU**: Nelson Vieira
- ANTONINA**: Rocha & Picanço
- AGUDOS**: Justino dos Santos Leal
- AVARE**: Sebastião Araujo
- ARARAQUARA**: Antonio Silva
- BUENOS AIRES**: Balden Moen e Francisco Cabello Navas
- BRAGANÇA**: Samuel Saul
- BARRA BONITA**: Juvenal Pompeo
- BARRETOS**: Moreira & Barros
- BEBEDOURO**: Fidelis Esteves e Francisco Velloso
- BAURU**: José Ramos de Paula e José Carvalho de Almeida Monteiro
- BARIRY**: José Raphael de Almeida
- BICA DE PEDRA**: João Fernando Prado
- BELLO HORIZONTE**: Giacomo Aluotto & Irmão
- BOTUCATU**: Cesar, Toledo & Cia.
- BAHIA**: Romualdo dos Santos e Nivio & Pinto
- BELEM**: J. B. dos Santos & Cia.
- CAPITAL**: Casa Garraux, Livrarias Alves, Lealdade, Academica, Teixeira, Magalhães e Livraria do Globo
- CAYEIRAS**: Pedro Fernandes Lara
- CAÇAPAVA**: Paulo Andrade e A. Andrade Netto
- CACHOEIRA**: João Barbosa Ferrez Filho
- CAMPINAS**: P. Genoud e Antonio Albino Juniro
- CABRAS**: Nagib José
- CASA BRANCA**: Anysio Baptista de Mello
- CRAVINHOS**: José Caropreso
- CABO VERDE**: Dr. Carlos de Souza
- CAMPANHA**: Fabio da Veiga Oliveira
- CAXAMBU**: Dr. Polycarpo Viotti
- CURITYBA**: J. Cardoso Rocha
- CORUMBA**: João Antonio Esteves
- CURRALINHO**: Nabor Silva
- CAMPO GRANDE**: Salles Campos.
- CASTRO**: Cel. Francisco Tiburcio da Silva Brasil
- CAMPOS DO JORDÃO**: M. Corrêa
- CRUZ ALTA**: L. P. Barcellos & Cia.
- DOIS CORREGOS**: Cel. Joaquim Marcondes do Amaral
- DIAMANTINA**: Dr. Argel Andrade
- DOURADO**: Jacomo Carlo
- FRANCA**: Hygino Caleiro & Sandoval
- FLORIANOPOLIS**: Paschoal Simone & Filhos
- GUARATINGUETA**: Henrique Fonseca
- ITAPIRA**: João da Silveira Mello
- ITU**: Antonio Ferreira Dias
- ITAPOLES**: Dr. Orestes C. Sene Junior
- JAHU**: Americo de Fraga Moreira
- JABOTICABAL**: Alcebiades Fontes Leite
- JARDINOPOLIS**: João Cernach
- JANUARIA**: Luiz de Castro Araponga
- JUNDIAHY**: Nicolau Carderelli
- JOAQUIM EGYDIO**: Attilio Martins
- JUIZ DE FO'RA**: José Ferraz
- LISBOA**: Livraria Ferreira
- LAVRAS**: Dr. La Fayette de Padua
- MANA'OS**: Cesar, Cavarcanti & Cia
- MOCO'CA**: Manoel Oca
- MONJOLINHO**: Pedro Fernandes Lara
- MONTE ALTO DE JABOTICABA**: Antonio Villas Bôas
- MOGY MIRIM**: Demetrio Pierretti
- MONTE SIÃO**: André Jacconi
- MUZAMBINHO**: José Poli
- MARIANNA**: Pharm. Raymundo de Oliveira Moraes

MONTE ALEGRE: Arthur Ayrosa
MONTES CLAROS: José Dias de Sá
MATTO GROSSO DE BATATAES: Manoel Cesario de Campos
NAZARETH: Olandim Fumes
OURO PRETO: Edmundo Tarquinio Pereira e Manoel Cruz
PARAHYBUNA: Paulo Andrade
PINDAMONHANGABA: Benedicto Ribeiro e José Athayde Marcondes
PIRASSUNUNGA: José Ferreira de Albuquerque
PINHEIROS: Paulino Pinto
PALMEIRAS: Borba & Villela
PIRACICABA: Pedro Ferraz do Amaral e Antonio F. de Moraes
PARNAHYBA: Antonio Corrêa do Amaral
PYRAMBOIA: Luiz Chaguri
PORTO FELIZ: Eduardo Motta
PEDREGULHO: Alfredo Alonso Galante
PRESIDENTE ALVES: Carvalho & Ferraz
PASSOS: José Scalmani
PITANGUY: Luiz Gonzaga Júnior
POUSO ALTO: Philadelpho de Souza Nilo
PARANAGUA: Rocha & Picanço
PORTO FERREIRA: Lólio da Silva Oliveira
PARAHYBA: Gonçalves Penna & Cia. e Francisco Feliciano
PORTO ALEGRE: L. P. Barcellos & Cia.; Carlos Echenique; e Cunha, Rentzsch & Cia.
PIAUHY: A. Carvalho & Cia.
QUELUZ: José de Paula França
QUIRIRIM: Paulo Andrade
RIO DE JANEIRO: Agencia Cosmos, Braz Lauria, Araujo & Lopes e Livrarias Garnier, Alves, Briguiet e Castilho
RIBEIRÃO BONITO: Jorge Ferrez
REDEMPÇÃO: Joaquim Braga Paula
RIO PRETO: Francisco Mesquita
RIBEIRÃO PRETO: José Sélles e Verissimo dos Santos
RECIFE: Ramiro M. Costa & Filhos e Manoel Nogueira de Souza
S. CARLOS: Dr Carlos da Silveira

SANTOS: José de Paiva Magalhães e André Soares Couto
S. JOÃO DO CURRALINHO: Nabor Silva
SANTA ISABEL: Virgilio Wey
SANTA ADELIA: Esmeraldo Figueiredo
S. MANUEL: Francisco Martorelli
S. ROQUE: José Hyppolito da Silva
S. JOSE' DO RIO PARDO: Anysio Baptista de Mello
SANTA CRUZ DO RIO PARDO: Dr. Alvaro Camera
S. JOAQUIM: Jacomo Cernach
S. SIMÃO: José Luiz de Carvalho
SANTA ROSA: Americo de Paiva Pinheiro
SERRA AZUL: José Luiz Carmo
SERRA NEGRA: José Gomes Júnior
S. SEBASTIÃO: Antonio Argino da Silva
SOCCORRO: Aurelio Martins
S. JOÃO D'EL-REI: Bel. Custodio Baptista de Castro
S. THOMAZ DE AQUINO: Alvaro de Almeida Coelho
S. SEBASTIÃO DO PARAIZO: J. Aristheu de Castro e Carlos Orsi Parenzi
SABARA': José Alves Nogueira
S. LUIZ DO MARANHÃO: Ramos d'Almeida & Cia.
SANTA MARIA: L. T. Barcellos & Cia.
TAUBATE': Gabriel Nogueira de Toledo
TREMEMBE': Paulo Andrade
TAQUARY: Joaquim Rodrigues
TATUHY: Antenor Dias da Silva
THEREZINA: A. Carvalho & Cia.
TAQUARITINGA: Simeão Pereira dos Santos
TARU-ASSU: Nicolau Sinegoa
UBERABINHA: Prof. Honorio Guimarães
UBERABA: João Ribeiro Bello
VALLINHOS: Hygino Carlos Stellin
VILLA NOVA DE REZENDE: José Poli
VILLA ADOLPHO: Augusto Roque
VARGINHA: Joaquim Getulio Ferreira
VILLA NOVA DE LIMA: José de Avila Oliveira
VILLA OLYMPIA: Jovelino Antonio de Oliveira

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ

ARROZ

ASSUCAR

MANDIOCA

MILHO

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua
Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanisado
e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua de São Bento N. 29-C
SÃO PAULO